



TIC e (Re)configuração das Relações Familiares: percepções de imigrantes cabo-verdianos em Portugal sobre as suas relações com familiares no país de origem

Versão final após defesa

Maria Marelene Rodrigues Furtado

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia:

Exclusões e Políticas Sociais

(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Maria João Leitão Simões Areias Pereira


Abril de 2024

Declaração de Integridade

Eu, Maria Marelene Rodrigues Furtado, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M11034 de Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declara ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o Código de Integridades da **Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente, afirmo não ter incorrido em nenhuma das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendemos à referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na integridade as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 08/04/2024



(Assinatura)

“Family...

*Meus braços não são
longos o suficiente para vos alcançar, mas de longe, vejo-os tão perto*

Nas coisas tangíveis e no brilho do ecrã, sinto-os tão presentes.

Por esta ponte chamada Tecnologia

Viajo entre o meu e o vosso mundo

E semeio em cada passo, as gotas do nosso laço

Para que ele permaneça doce, forte e infindavelmente”

Marlene Rodrigues, 2024

Agradecimentos

Muitas vezes, o caminho para o destino é longo e complexo. Assim, torna-se quase impossível, uma pessoa percorrer este caminho sozinha e chegar ao destino sem a ajuda dos outros. Para que eu possa chegar a este destino - a “conclusão deste trabalho”, alguém teve de me mostrar a direção certa. Por isso, não podia deixar de mostrar os meus agradecimentos à Professora Doutora Maria João Simões por ter acompanhado todo este percurso, por ter despendido o seu tempo e por ter-me guiado sempre pelo caminho certo. Agradeço por ter partilhado comigo ricas informações, pela paciência e pela disponibilidade. Apreendi muito consigo. Um eterno agradecimento. Sem a sua presença nesta caminhada, seria impossível chegar a este destino.

Como eu disse, o percurso não é fácil, pois, ao longo da caminhada, deparamos com obstáculos e só conseguimos ultrapassá-los graças ao apoio de certas pessoas. Se hoje, sou o que sou, se cheguei até aqui, é por causa de diferentes tipos de apoio que tenho estado a receber da minha mãe, Marta Cardoso Rodrigues a melhor mãe do mundo, João Octávio Cardoso de Pina e João Gustavo Rodrigues de Pina, meus queridos irmãos, que sempre desempenharam um papel de pai. Sem vocês eu seria um pedaço de mim, um sonho não realizado.

Os três F (força, fé e foco), a coragem, a dedicação e a saúde são elementos-chave para atingir qualquer sucesso e Deus é quem os conceda, assim não podia deixar de agradecê-lo.

Agradeço aos imigrantes cabo-verdianos em Portugal que participaram neste estudo, pois sem eles, seria impossível compreender esta temática. Também, agradeço à Universidade da Beira Interior, especialmente o Departamento de Sociologia e os meus professores pela partilha de conhecimento.

A todos que de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização desta etapa, deixo um agradecimento profundo e sincero.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal analisar (re)configurações nas relações entre imigrantes cabo-verdianos e seus familiares no país de origem, decorrentes do uso das TIC, em particular das redes sociais. Com o primeiro objetivo pretende-se captar as percepções dos imigrantes sobre as diferentes formas de interação mediada desde a carta, passando pelo telefone fixo e terminando nas redes sociais, comparando-as com a interação face a face. Dadas as oportunidades criadas com as TIC, em particular as redes sociais, pretende-se, no segundo objetivo, analisar consequências dessa forma de interação. É usada uma metodologia qualitativa com o recurso a entrevistas semidiretivas. As redes sociais, face aos outros meios de comunicação mediada, trouxeram enorme oportunidades para a conexão das famílias transnacionais. Mas, contrariando as perspectivas tecnologicamente deterministas, não há efeitos homogêneos nos usos dos diferentes meios de comunicação mediada e, num contexto de polimédia, os imigrantes escolhem meios diferentes e experienciam os mesmos meios de modos diferentes consoante as suas necessidades e escolhas.

Palavras-chave: TIC; (re)configuração de relações familiares; imigrantes; interação face a face; comunicação mediada.

Abstract

The main goal of this study is to analyze changes in the relationships between Cape Verdean immigrants and their families in the country of origin, resulting from the use of ICT, particularly within the realm of social networks. The initial aim is to capture immigrants' perceptions on diverse forms of mediated interaction, ranging from traditional letters and landline communication to the contemporary landscape of social networks, and compare them to face-to-face interactions. Given the opportunities created by ICT, specifically social networks, the secondary goal is to examine the consequences of this mode of interaction. Employing a qualitative methodology, the study relies on semi-directive interviews to delve into the subject matter. In comparison to alternative modes of mediated communication, social networks have led to significant opportunities for fostering connections within transnational families. However, in contrast to deterministic technological viewpoints, the effects of various mediated modes of communication are not homogeneous. In a polymedia environment, immigrants make distinct choices in utilizing different modes of communication and undergo varied experiences with the same mode, depending on their individual needs and preferences. Moreover, empirical research has also detected both favorable and adverse consequences.

keywords

ICT; changes in the relationships of transnational families; immigrants; face-to-face interaction; mediated communication.

Índice

Introdução.....	1
I - Enquadramento Teórico.....	4
Capítulo 1- As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).....	4
1.1 - Reflexões em torno das TIC.....	4
Capítulo 2 - Teoria geral da interação	7
2.1- Conceito de interação social/comunicação	8
2.2.1- Pistas na interação face a face.....	10
Capítulo 3- Teorias da interação ou comunicação mediada pelas TIC.....	13
Capítulo 4- A Interação mediada entre famílias migrantes/transnacionais: da carta às tecnologias mais recentes.....	17
4.1- A interação através de carta e do telefone fixo	17
4.2 - A interação mediada por tecnologias mais recentes (TIC e redes sociais) entre famílias transnacionais.....	18
4.3 - Atividades realizadas através das TIC pelas famílias transnacionais.....	20
4.4 – Tipos de copresença em famílias transnacionais.....	21
4.5 - Consequências da Comunicação Familiar Transnacional.....	24
4.6- O problema da conexão nas famílias transnacionais: a questão de acesso e do uso, entre outros fatores.....	26
II- Das Orientações Metodológicas à Interpretação e Análise dos Resultados	28
Capítulo 5 – Estratégia Metodológica	28
Análise e Interpretação dos Resultados.....	35
Capítulo 6- Interação através de carta e telefone fixo e a comparação com a interação presencial.....	35
6.1- Interação através de carta.....	35
6.1.1-Diferenças entre a comunicação presencial e através de carta.....	36
6.2- Interação através do telefone fixo	38
6.2.1- Diferença entre a interação presencial e a interação através do telefone fixo.....	39
6.2.2- Comparação de pistas disponíveis na interação presencial e por telefone fixo	40
Capítulo 7 - A interação através de redes sociais	43
7.1- Razões e frequência da interação	43
7.2- As diferenças entre a interação através das redes sociais e a presencial	46
7.2.1- Entre a proximidade e a impessoalidade.....	46
7.2.2- Comparação de pistas disponíveis na interação através de redes sociais e presencial	51
Capítulo 8 - Consequências da manutenção da interação mediada com os familiares.....	55
8.1- Consequências positivas	55

8.1.1- Atividades realizadas entre imigrantes e seus familiares através de TIC.....	56
8.2- Consequências negativas	58
Considerações Finais.....	60
Referências Bibliográficas.....	63
Anexos.....	71

Lista de tabela

Tabela 1 – Modelo de análise.....31

Tabela 2- Caracterização sociodemográfica da população entrevistada.....33

Siglas

ARPA- Agência de projetos de pesquisa avançada do pentágono.

CVT- Cabo Verde Telecom

CMC- Comunicação Mediada por Computador

GEE- Gabinete de Estratégia e Estudos

ICCV- Instituto das Comunidades de Cabo Verde

NOSI- Núcleo Operacional do Sistema Informático

RDH- Relatório do Desenvolvimento Humano

RIFA- Relatório de imigração, fronteiras e asilo

TIC- Tecnologias de informação e de comunicação

Introdução

As relações familiares entre membros de famílias migrantes foram até ao início da década de 90 do século passado marcadas pela ausência e pela saudade, tenuemente atenuadas pelo uso da comunicação por carta ou do telefone fixo; as cartas eram marcadas pela lentidão da sua chegada ao destino e pela necessidade de os membros das famílias saberem ler e escrever; por sua vez o telefone, tornava o contacto mais frequente insustentável dado o preço excessivo desse modo de comunicação.

A emergência das TIC inicialmente com o uso do email deram um impulso para um aumento da comunicação entre imigrantes e familiares do seu país de origem, mas com a rápida inovação tecnológica a que assistimos, são os smartphones onde convergem diversos meios de comunicação (voz, informação, imagem e vídeo), a que não podemos deixar de associar a redução dos custos da comunicação, que vão fazer a diferença, permitindo que as famílias se possam manter, independentemente do tempo e do espaço e sempre que desejarem, conectadas. É esta transformação que permite que na literatura se deixe de falar em famílias migrantes e se passe a usar o termo famílias transnacionais.

Licoppe (2004) introduz o conceito de presença conectada para captar o sentimento de presença sentido por famílias através dos smartphones, da internet e das redes sociais, independentemente do tempo e do espaço. Tais tecnologias, como refere Hillyer (2021) são altamente eficazes para melhorar a qualidade das comunicações entre famílias transnacionais, o que lhes permite receber atualizações da vida uma das outras em tempo real.

O uso das TIC pelas famílias transnacionais, que alterações introduziram nas suas relações e atividades, em particular dos membros imigrantes?

Para os mais otimistas, como por exemplo, Bacigalupe & Lambe (2011) as TIC disponíveis, amplamente acessíveis e altamente adaptáveis, transformariam as relações familiares entre imigrantes e os seus familiares nos países de origem. Para autores mais realistas, como Baldassar *et al.* (2016), assistisse-se a uma (re)configuração das relações familiares marcada por um condicionamento entre tecnologias, que permite oportunidades até recentemente inexistentes, moldadas pelas escolhas feitas pelos familiares.

Estamos confrontados com uma muito recente e crescente área de investigação, onde há ainda um largo caminho a percorrer. Esta dissertação, vai focar-se nas transformações ocorridas nas relações familiares entre imigrantes cabo-verdianos e os seus familiares no país de origem a dois níveis. Em primeiro lugar, no modo como se (re)configuram essas relações baseadas na interação mediada face às características da interação face a face, analisando, por um lado, a maior ou menor proximidade entre familiares nos diversos modos de interação. Por outro lado, tendo em conta

que, de acordo com as teorias interacionistas, na interação face a face para compreendermos o real significado da ação da pessoa com quem interagimos, não é suficiente o que é dito ou escrito, havendo necessidade de recorrer a uma série de pistas como a expressão corporal e facial, o tom de voz e o contexto, o que acontece nesta comunicação mediada incluindo a que é feita por videochamada?

Em segundo lugar, abordam-se as consequências para os imigrantes da manutenção da interação familiar, através das TIC. Estudos apontam para consequências positivas e negativas desta manutenção da interação. Por exemplo, para Bacigalupe & Parker (2016) e Marinho (2021), as tecnologias emergentes fornecem um meio de ouvir e ver, com frequência, familiares e ter acesso a aspetos de seu país de origem que de outra forma seriam esquecidos, aliviando parcialmente algumas experiências dolorosas de perda e solidão, enquanto, nomeadamente para Baldassar *et al.* (2016), tal manutenção pode também ter implicações negativas, como por exemplo, a vigilância social de familiares.

Outras consequências apontadas na literatura, para além das enunciadas, reportam para o facto de as TIC permitirem desenvolver um conjunto de atividades familiares, antes só possíveis quando estavam em copresença física. Analisam-se, nesta dissertação, diversos tipos de atividades que famílias transnacionais desenvolvem-se à distância.

Sintetizando, o objetivo geral desta dissertação é analisar (re)configurações nas relações entre imigrantes cabo-verdianos e seus familiares no país de origem, decorrentes do uso das TIC, em particular das redes sociais.

Para dar resposta ao objetivo geral, formularam-se dois objetivos específicos:

- Captar as perceções dos imigrantes sobre as diferentes formas de interação mediada desde a carta, passando pelo telefone fixo e terminando nas redes sociais, comparando-as com a interação face a face;
- Analisar as consequências da manutenção da interação mediada entre imigrantes e os seus familiares em Cabo Verde;

Neste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa. Como refere Ragin (1994), a metodologia qualitativa é a mais adequada em casos similares a esta dissertação, ou seja, em investigações de cariz exploratório, por nos estarmos a debruçar sobre transformações recentes sobre as quais há ainda um grande caminho teórico a percorrer e investigação empírica insuficiente.

Quanto à estrutura, esta dissertação encontra-se subdividida em duas partes. Na primeira parte foram abordadas as questões teóricas que considerámos pertinentes para a temática em estudo e a segunda parte dedica-se às questões metodológicas e empíricas. A primeira parte é constituída

por quatro capítulos. No capítulo 1, foram abordados aspetos teóricos e conceptuais sobre as TIC, bem como a sua história nos dois países que fazem parte deste estudo (Portugal e Cabo Verde).

No capítulo 2, foram tratados aspetos teóricos e conceptuais da interação, abordando-se a questão da interação face a face, onde Goffman (1985) é um autor de referência não só nesta questão, mas também nesta dissertação. No capítulo 3, aborda-se, por um lado, um conjunto de teorias da comunicação mediada por computador (CMC); estas teorias analisam também se é possível captar sinais ou pistas não-verbais, como gestos, expressão facial e postura corporal, na CMC. Por outro lado, analisa-se até que ponto os comunicadores conectados experimentam uma sensação de maior ou menor proximidade e presença social.

O Capítulo 4 recai sobre a questão da interação mediada entre famílias migrantes/transnacionais. Apresentámos, por um lado, reflexões desde a mais antiga forma de interação mediada (a carta) até a mais recente (a comunicação através de redes sociais); sendo esta a mais aprofundada. Por outro, foram abordadas consequências positivas e negativas decorrentes da interação mediada.

A segunda parte desta dissertação, encontra-se subdividida em quatro capítulos: o capítulo 5 diz respeito aos procedimentos metodológicos. Foi apresentado o tipo de abordagem adotado no presente estudo, a técnica utilizada para recolhas de dados, os objetivos geral e específicos, o modelo de análise, terminando com as considerações éticas. Os três últimos capítulos (6, 7 e 8) dedicam-se à análise e interpretação dos dados. No capítulo 6, analisam-se os dados da comunicação por carta e por telefone fixo entre imigrantes cabo-verdianos e familiares no país de origem, comparando-os com a interação face a face. O capítulo 7 reporta para a interação que é realizada nas redes sociais, comparando-a com a interação face a face; dá-se neste capítulo maior destaque à presença/ausência de pistas em ambos os tipos de interação. As consequências positivas e negativas da manutenção da interação mediada, em particular através das redes sociais, são apresentadas no capítulo 8.

I - Enquadramento Teórico

Capítulo 1- As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

1.1 - Reflexões em torno das TIC

A “designação Tecnologia da Informação e Comunicação é mais utilizada quando nos referimos ao conjunto de recursos tecnológicos e computacionais utilizados para a criação e utilização da informação” (Alves & Barbot, 2012, p. 11). TIC é um termo que enfatiza o papel das comunicações unificadas e a integração das telecomunicações (linhas telefônicas e sinais sem fio), computadores, bem como software corporativo necessário, middleware, armazenamento e sistemas audiovisuais, que permitem aos usuários acessar, armazenar, transmitir e manipular informações (Asafe, 2014). Elas incluem ferramentas populares dos meios de comunicação social, tais como Facebook, Twitter, U-Tube, Flickr e ferramentas de conferência Web e de comunicação áudio (Bacigalupe & Lambe, 2011).

As “tecnologias de informação e comunicação vieram aumentar de modo quase ilimitado a capacidade humana para comunicar, para informar e ser informado, para conhecer e saber” (Oliveira *et al.*, 2004, p. 62) e impulsionam a existência de uma sociedade sem espaço e sem lugar definidos (Idem). Estas, também, reforçaram a interatividade entre pessoas (Guimarães & Ribeiro, 2011). Aquilo que Toumi chamou de pedaço de vidro¹, “transformou a noção de lugar e tempo e criou um espaço para interação instantânea através de espaços virtuais transnacionais” (Toumi, 2022, p. 9). O importante trabalho de Castells (1996) sobre a sociedade em rede, por exemplo, aponta para as formas como as tecnologias de comunicação suportam conexões mais frequentes e mais diversificadas através do tempo e do espaço (Baldassar *et al.*, 2016).

“As plataformas de vídeo baseadas na internet têm de facto melhorado a comunicação a longa distância, facilitando experiências mais imediatas e visuais do que as possíveis com opções assíncronas (como por exemplo, correio eletrónico, mensagens de texto e cartas)” (Gonzalez & Katz, 2016, p. 2691). A internet veio modificar a forma como se comunica com o outro e permite um contato intercultural (Kluzer, Hache & Codagnone, 2008 apud Goncalves, 2013, p. 50).

¹ Toumi (2022) utiliza o termo “Pedaço de vidro” para referir aos meios tecnológicos de comunicação, como telefone celular, computadores e outras TIC que possuem uma webcam, e que permitem que as pessoas se vejam umas às outras. Associa este termo ao ecrã.

Cada vez mais, as novas tecnologias que estão a emergir vão possibilitar variadas e novas formas de interação. “O que inicialmente começou como comunicação escrita por email agora evolui para incluir comunicação visual por meio de Webcams” (Senyrekli & Detzner, 2009, p. 810). As TIC em geral contribuíram para um ambiente de *proliferação de oportunidades comunicativas* (POC)², ambiente este, que Madianou & Miller (2012) entenderam como Polimédia.

Segundo Licoppe (2004) as tecnologias de informação e de comunicação em vez de serem usadas para compensar ausência dos nossos familiares ou amigos próximos, elas são exploradas para proporcionar um padrão contínuo de interações mediadas que se combinam em “relações conectadas” nas quais os limites entre ausência e presença acabam por se esbater. Essas relações ou presença conectada são um dos elementos que caracterizam o (con)viver transnacional (Cólera, 2010).

1.2- Alguns traços da história de internet em Portugal e em Cabo Verde

A “história da internet em Portugal remonta aos anos oitenta. É em meados desta década, que a internet começa a ser utilizada nas universidades e em algumas empresas” (Caroço, 2014, p. 14).

Nesta fase inicial, a utilização limitava-se à execução de algumas pesquisas documentais e a troca de mensagens por correio eletrónico, com terminais conectados por via telefónica a universidades europeias e americanas. A partir deste momento, a difusão da internet faz-se essencialmente através das universidades portuguesas, alicerçada na existência de um grupo designado Portuguese Unix Users Group e a partir de 1986 na recém-criada Fundação de Cálculos Científico Nacional. Em 1991 e com a criação da rede de Comunidade Científica Nacional, o uso da internet generalizou-se a todas as universidades portuguesas. A popularização da internet junto da população portuguesa ocorreu na sequência da criação da internet Service Provider em 1994 e da difusão da internet por parte dos órgãos de comunicação social, principalmente a partir de 1995 (Caroço, 2014, p. 14).

Com o objetivo de acompanhar as pisadas da União Europeia na caminhada rumo a sua integração na sociedade de informação e sabendo da importância das novas tecnologias para a sociedade e

² Proliferação de Oportunidades Comunicativas significa que existe uma pletera de plataformas baseadas na internet e no telemóvel (tais como o correio eletrónico, mensagens instantâneas, sítios de redes sociais e webcam através do protocolo de voz sobre a internet) que permitem às pessoas comunicarem umas com as outras (Madianou & Miller, 2012). As pessoas não só comunicam através de um meio, mas sim através de vários, daí o termo proliferação de oportunidades comunicativas.

para a população em geral, o Estado Português adotou uma série de medidas para a integração de Portugal na sociedade de informação (idem, pp. 14-15).

Por sua vez, em Cabo Verde, a Internet foi introduzida em 1996 por iniciativa da CVT através de uma ligação à Telepac de Portugal, contando no final de 2004 com um total de 5.371 clientes do serviço de Dial-up. No final do primeiro semestre de 2004, a CVT lançou o serviço de acesso à Internet de Banda Larga (ADSL) que teve uma adesão muito positiva, colocando mesmo alguns desafios em termos de capacidade de resposta da operadora que terminou o ano com um total de 283 subscritores do novo serviço (NOSI, 2005). A posse de computadores - com ligação ou não à Internet - pelas famílias cabo-verdianas era ainda um privilégio de algumas, com uma taxa de 2,3% (NOSI, 2005).

Em 2013, apenas 22, 8% dos agregados familiares tinham acesso à internet. No ano de 2017 a percentagem de agregados familiares com acesso à mesma aumentou para 69,5% (INE, 2018). Já em 2018, aumentou ainda mais para 70, 1% (INE, 2019). No que tange ao seu uso, em 2014, 37, 1% da população cabo-verdiana usava-a, já em 2017, a percentagem do uso aumentou para 57, 2% (INE, 2018).

É importante realçar que, de acordo com o INE (2019), o principal meio de acesso à internet nos alojamentos é o telemóvel, uma vez que 67,8% dos agregados com acesso à internet nos alojamentos têm-no através do serviço net no móvel. Mais acrescenta, que a utilização da internet é mais expressiva nos jovens com idade compreendida entre 15 e 34 anos.

Passando à análise de outras tecnologias de comunicação em Cabo Verde: No caso do telefone fixo, observa-se que este vem caindo em desuso com o passar dos anos. Entre 2014 e 2018 a proporção dos agregados familiares que possuíam telefone fixo sofreu, um decréscimo. Em 2014, 31, 1% possuíam telefone fixo enquanto em 2018 apenas 20,7 % o possuíam. 70,4% dos indivíduos com idade igual ou superior a 10 anos de idade possuíam um telemóvel e cerca de 37,0% dos agregados familiares possuíam pelo menos um desses equipamentos (desktop ou portátil ou tablet) (INE, 2019).

Tendo em conta que Cabo Verde é um país de emigração, onde “a maioria dos cidadãos vive fora do país” (Carvalho, 2010, p. 47), torna-se necessário a adoção das TIC pelas famílias cabo-verdianas, principalmente a internet, como forma de se manterem ligados com os que estão no exterior.

Capítulo 2 - Teoria geral da interação

Foi através das contribuições de Mead, Blummer e Cooley que as análises dos comportamentos sociais se tornaram difundidas nos estudos da academia, servindo de base para as formulações mais críticas de Goffman na análise da realidade empírica (Santos, 2019). A vinculação de Goffman à sociologia, afirma o autor, dá-se maioritariamente através do interacionismo simbólico, procurando compreender, nas sociedades modernas, as interações sociais, os processos de socialização, o status, os papéis sociais, o controle social, o estigma, dentre outros assuntos correlacionados. O interacionismo simbólico como abordagem sociológica das relações humanas, surgiu na escola de Chicago (idem). Conforme apontam Salvo & Sant`ana (2011) o que está em jogo para Goffman é a seguinte problemática: como se dá o funcionamento das interações sociais?

Os participantes numa situação social conduzem a sua participação, ou seja, agem em função da definição da situação (o que se está a passar aqui?) e da definição da realidade da situação (em que circunstância pensamos que o que se está a passar é real?) (Nunes, 1993). “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (Goffman, 1985, p. 11).

De acordo com Goffman (1986 apud Nunes, 1993) um episódio interacional depende da mobilização de vários canais de atividade, associando diferentes recursos expressivos e dotados de uma visibilidade desigual no decorrer do desenrolar “normal” do episódio. Esses canais são, segundo Goffman (1986 apud Nunes, 1993, p. 43) *canais subordinados*, que organizam uma boa parte dos aspetos da vida social o que Garfinkel (1967) designa por *seen but unnoticed* (visto, mas não notado). Há quatro tipos de canais subordinados: (i) o canal de desatenção que sustem os acontecimentos que podem ser ignorados pelos participantes no decorrer da interação (como cocar a cabeça, arranjar a roupa e etc.); (ii) o canal direcional que inclui um conjunto das ações indispensáveis ao desenrolar normal do episódio, mas que não são consideradas como parte da sequência principal da atividade podendo ser excluídas dos relatos e descrições da situação sem pôr em risco sua definição, sendo o equivalente da pontuação e das convenções gráficas na escrita; (iii) o canal de sobreposição que permite que várias atividades ocorram simultaneamente, sem que uma comprometa a viabilidade e a normalidade da outra, como por exemplo, comer e conversar numa receção enquanto se está atento a uma entrega de prémios, etc.); (iv) o canal de ocultação que permite, por exemplo, a dois participantes numa situação manifestarem-se de um modo que só eles entendam, o seu enfado, sem dar abertamente sinais desse enfado para outros participantes (Goffman, 1986 apud Nunes, 1993).

2.1- Conceito de interação social/comunicação

Desde os primórdios, os homens sempre sentiram a necessidade de permanecer em constante interação uns com os outros o que nos leva a afirmar que, a interação/comunicação, além de ser uma das principais necessidades do ser humano, é também, uma atividade indispensável para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Fiske (1990) assume que a comunicação é central para a vida da nossa cultura e acrescenta que, sem ela, toda e qualquer cultura morrerá. Portanto, nenhuma sociedade se desenvolve se os seus membros viverem isoladamente, sem interagirem uns com os outros, afinal, falar de sociedade, sem falar da coletividade, não faz qualquer sentido, uma vez que somos “nós” a sociedade e não “eu” apenas.

A vida de qualquer sociedade humana consiste, necessariamente, em um processo contínuo de ajuste das atividades de seus membros (Blumer, 1969). Uma sociedade é constituída por indivíduos que interagem uns com os outros e estes ao interagirem uns com os outros, devem considerar o que cada um faz ou está a fazer (Idem).

De acordo com Luhmann (2005), as teorias anteriores sempre falaram de transferência, comunicar seria transferir informação, mas para o autor comunicar não é alguém desfazer-se de nada, pelo contrário, é um processo multiplicador. Uma comunicação ocorre quando alguém vê, ouve, lê e entende que daí se depreende uma outra comunicação, que pode seguir-se à anterior (Idem). Para Fiske (1990), “comunicação é falarmos uns com os outros, é a televisão, é divulgar informação, é a crítica literária, é lista interminável” (pp. 13-14).

As interações sociais podem efetuar-se por comunicação face a face e através da comunicação mediada para atender às necessidades individuais. A maior parte da interação social humana consiste por um lado, em conversa que é, em geral, uma mistura de soluções de problemas e transmissão de informação, por outro lado, consiste na manutenção de relações sociais e usufruto da interação social (Argyle, 1969).

A interação social é composta por elementos verbais (como a fala ou o tom da voz por exemplo) e não verbais (expressão facial, postura corporal, gestos, olfato, tato, movimentos de olhos, etc.) (Argyle, 1969). Conforme Licoppe (2004) as interações interpessoais situam-se nas mais pequenas escalas de observação.

2.2- A interação face a face

Goffman, com o seu trabalho intitulado “A Representação Do Eu Na Vida Quotidiana”, tornou-se uma das principais referências no estudo da interação face a face. Nesse trabalho, Goffman estuda a vida social dos indivíduos centrando-se nas interações face a face (Santos, 2019). Como estratégia metodológica, Goffman recorreu aos elementos formativos do universo teatral, como a fachada, a performance, os papéis, as impressões, o palco, os bastidores, o figurino, entre outros, elementos estes, que foram úteis para o desenvolvimento da sua teoria sobre a vida social, que segundo ele, acontece como nos palcos dos teatros, na qual as interações sociais são encenadas de diferentes formas pelas representações dos indivíduos em cada ato ou momento (in Santos, 2019). Ao centrar-se sobre a questão da interação, a *fachada* acaba por ser um conceito muito importante, pois segundo Goffman (1985) ela é a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Acrescenta que é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. Segundo o autor, o cenário, parece ser a parte padronizada da fachada. Entende o cenário, como a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando; somente em circunstâncias excepcionais o cenário acompanha os atores, por exemplo, num enterro. “Entre as partes da fachada pessoal, podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade, características raciais, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais” (Goffman, 1985, p. 31). Alguns desses veículos de sinais são relativamente móveis ou transitórios, como a expressão facial, e podem variar, numa representação, de um momento a outro (Idem).

Importa salientar também que a *representação* é percebida por dois lados: “a verdadeira” compreendida como espontânea ou natural e a “falsa”, focada na dimensão ensaiada e forçada. Ambas as ações estão centradas em realizações socialmente construídas, são mecanismos de interação social desenvolvidos pelos indivíduos em determinados contextos práticos (Santos, 2019).

Goffman (1985) conceptualiza a interação face a face como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando, em presença física imediata” (p. 23). A interação face a face ocorre quando duas pessoas estão a falar presencialmente e partilham o mesmo espaço físico, pois este tipo de interação não envolve qualquer meio tecnológico.

Ao falar de interação face a face, torna-se necessário diferenciar dois tipos de interação: a focada e a desfocada. Goffman, fez uma distinção entre estas duas formas de interação. Referiu que “quando as pessoas estão num ajuntamento, elas podem se unir para manter um foco conjunto de atenção visual e cognitiva, ratificando-se mutuamente como pessoas abertas uma às outras para a conversa ou seus substitutos” (Goffman, 2011, p. 138). Podemos tomar como exemplo de situações em que ocorrem a interação focada, uma sala de aula e uma cozinha em que os membros da família se reúnem e conversam. Numa sala de aula, quando o professor está a explicar, os alunos mantêm nele um foco auditiva e visual, o que não significa, segundo Goffman (2011) que o foco da atenção visual e auditiva não vai mudar de um participante para o outro, isto é, suponhamos que um aluno tomou a palavra e o professor se calou. Nesta situação, o foco será dirigido para esse aluno; o mesmo acontece em contexto familiar, quando um membro da família está a falar. Neste tipo de interação focada, sobretudo do tipo falada, os participantes da interação têm de manter uma certa postura para não causar desconforto, principalmente para o falante. Como referiu Goffman (2011) o envolvimento espontâneo dos participantes num foco específico deve ser mantido, e desta forma a interação deslança, mas quando o encontro não consegue capturar a atenção dos participantes, mas não os libera da obrigação de se envolverem nele, é provável que as pessoas presentes se sintam desconfortáveis e para estas, a interação não deslança. De acordo com o autor estes ajuntamentos focados devem ser diferenciados dos casos em que as pessoas estão presentes umas perante as outras, mas não engajadas diretamente na manutenção de um estado de fala, constituindo assim um ajuntamento desfocado. A partir daí, ele vai então definir a “*interação focada* como o tipo que ocorre num estado de fala, enquanto a *interação desfocada* é o tipo que ocorre quando duas pessoas se entreolham enquanto aguardam um ônibus, mas não concederam à outra o estatuto de coparticipante num estado de fala aberto” (Goffman, 2011, pp. 138-139). Nesse tipo de interação, “os indivíduos em presença visual e auditiva uns dos outros cuidam de suas próprias vidas sem estarem ligados por um foco de atenção compartilhado. O comportamento de rua e a conduta em festas sociais grandes, são exemplos” (Goffman, 2011, p. 128).

Um outro autor que presta atenção sobre a questão da interação face a face é Thompsom (2018), pois ele caracterizou a interação face a face de seguinte maneira: “Ocorre em um contexto de copresença, num cenário espaço-temporal comum e é de caráter dialógico, no sentido de que envolve pelo menos potencialmente, um fluxo bidirecional de informação e comunicação” (p.19).

2.2.1- Pistas na interação face a face

As pistas desempenham um papel importante no processo interacional, pois através delas, conseguimos perceber, por exemplo, se aquilo que a pessoa está a falar corresponde àquilo que a mesma está a sentir, isto é, elas funcionam, muitas vezes, como algo confirmatório, como algo

que ajuda-nos a compreender as verdadeiras intenções da interação humana. Por desempenharem um papel importante no processo de interação, achamos pertinente trazê-las para o nosso quadro teórico.

Três autores são fundamentais para a nossa compreensão sobre as pistas num episódio interacional: Goffman (1985), Thompsom (2018) e Bateson (1995). Apontam para a importância da interação face a face na percepção de pistas, porém antes de ilustrarmos o que cada um deles considera relativamente a este assunto, começamos com uma breve definição de pistas.

Pistas constituem os meios através dos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam uma atividade que esteja a acontecer, como o seu conteúdo deve ser compreendido e como cada proferimento se relaciona com os adjacentes (Garcez & Ostermann, 2002 apud Nunes, 2007). Goffman (1969) tomou como exemplo de pistas paralinguísticas, a entonação, gestos faciais e outras pistas semelhantes que tem carácter expressivo. Uma parte importante de sinalização social é a expressão de emoções e atitudes interpessoais pela postura e expressão facial (Argyle, 1969).

A expressão emocional consiste em gestos, sinais, vocalizações, ruídos e movimentos produzidos por indivíduos, geralmente involuntariamente (Goffman, 1969 apud Licopee, 2004, p. 136). A transpiração pode ser um resultado ou um sinal de estímulo emocional e a postura reflete o estado emocional de uma pessoa (Argyle, 1969). O autor refere que, uma das áreas mais expressiva do corpo é o rosto, pois este comunica atitudes interpessoais e observações sobre enunciados, como espanto ou surpresa. Acrescenta que, o rosto parece ser a principal região para comunicar emoções e que é a área que é olhada durante a interação. “A expressão facial desempenha vários papéis na interação social: ela mostra o estado emocional de um interator, embora este possa tentar esconder isso; indica atitudes em relação aos outros, etc.” (Argyle, 1969, p. 123). O autor, afirma que, outras pistas não verbais de vários tipos desempenham um papel essencial no processo de interação.

Os contributos acima apresentados sobre a importância das pistas na interação face a face são cruciais para se passar à análise da interação ou comunicação mediada por computador (CMC).

Nas palavras de Thompsom (2018) por exemplo, a interação face a face é rica de pistas em comparação com a comunicação mediada por computador, o que significa de acordo com Bateson (1995, apud Neves & Pinheiro, 2010) que nos contextos desta última forma de interação, a ausência de tais pistas, faz-nos perder uma parte importante da mensagem e dificulta a compreensão do real significado da ação do outro.

O que permite colocar algumas questões. Que pistas estão ou não presentes nas diferentes formas de comunicação mediada, em particular através das TIC? Quando estão ausentes que problemas

se levantam? Quando estão presentes, que diferenças há em relação às existentes na interação face a face? Questões pertinentes para esta dissertação.

Capítulo 3- Teorias da interação ou comunicação mediada pelas TIC³

Apresentam-se, em seguida e de modo sintético, as seguintes teorias sobre a CMC: (i) as teorias de Cues-Filtered-Out (pistas filtradas); (ii) Teoria da proximidade eletrônica; e a (iii) Teoria da presença social. Vamos começar a falar da Teoria de pistas filtradas, depois debruçamos sobre as teorias de proximidade eletrônica e por último abordamos a Teoria da presença social. Falaremos de algumas das designadas pistas, como por exemplo, a atenção.

A teoria de Cues-Filtered-Out (pistas filtradas), descreve um grupo de teorias que partilham a premissa de que a CMC não tem pistas não-verbais e, portanto, obstrui a realização de funções sociais que normalmente envolvem essas pistas (Culnan & Markus, 1987 apud Walther, 2011). Sproull & Kiesler (1986) por exemplo, ao examinarem o correio eletrônico na comunicação organizacional, afirmaram que todos os meios de comunicação atenuam, pelo menos em algum grau, as pistas do contexto social disponíveis na conversa face a face: o telefone reduz sinais dinâmicos e estáticos ao eliminar informações visuais sobre os comunicadores. Afirmam, que o correio eletrônico é suscetível de atenuar grandemente os sinais de contexto social.

No que se refere à expressão das emoções, Batista *et al.* (2010) referem que a expressão de emoções, numa comunicação mediada por computador (CMC), é mais difícil do que numa comunicação face a face (CFaF). Por exemplo, Marcuschi (2002) mostra que a presença dos emoticons (ícones para sentimentos e emoções) não é tão constante em e-mails como se apegou e parece que vem diminuindo. Batista *et al.* (2010) constataram que, as pessoas têm mais facilidade em perceber emoções nos outros numa CFaF e tendem a privilegiar esse tipo de comunicação em comparação com a CMC. Acrescentaram também, que a maioria das pessoas, na amostra do seu estudo, expressa mais intensamente emoções em contextos de CFaF do que em contextos de CMC.

No que respeita à proximidade, há uma teoria denominada de “teoria da proximidade eletrônica”. Korzenny (1978) deixa explícito nesta teoria que os comunicadores conectados podem experimentar uma sensação de proximidade (consultar também, Baldassar *et al.*, 2016, Toumi,

³ A comunicação mediada pelas TIC inclui nomeadamente a comunicação mediada por computador, por telemóvel e Smartphone.

2022). Segundo Korzenny quanto maior a largura de banda⁴, maior a proximidade, ou seja, é mais provável que as pessoas se sintam mais próximas umas das outras ao comunicarem através de tecnologias que não só permitem ouvir, mas também ver. A proximidade é uma das várias maneiras de estabelecer a intimidade (Argyle & Dean, 1965 apud Argyle, 1969). Assim, relativamente a esta última, Bacigalupe & Parker (2016) afirmaram que “as tecnologias emergentes possibilitam uma intimidade entre os amigos e parentes que antes não existia” (p. 95).

As teorias expostas sobre a comunicação tecnologicamente mediada acabam por ser tecnologicamente deterministas pois discorrem, em grande medida, sobre as possibilidades de uma maior ou menor interação a partir das características das tecnologias, ou seja, segundo Fischer (1985) as tecnologias são tratadas como se esbarrassem contra a sociedade transferindo para os indivíduos e grupos as suas características e potencialidades. Este autor, pioneiro na análise do modo como os indivíduos usam e se apropriam das tecnologias, considera que só se sairia de abordagens tecnologicamente deterministas se se colocassem diversas questões sobre as razões pelas quais os indivíduos decidem usar determinada tecnologia, o modo como as usam e adaptam aos seus objetivos e como as moldam na sua vida quotidiana⁵.

A “reflexão sobre a mudança social e tecnológica não pode limitar-se aos fatores sociais que estão presentes no processo de criação e desenvolvimento das tecnologias. Importa também incorporar na reflexão sociológica o envolvimento reflexivo dos agentes humanos quando usam as tecnologias; não se pode ficar apenas pela conclusão de que a vida social foi por elas dramaticamente alterada” (Simões, 2006, p. 82). A autora prossegue considerando que os aspetos sociais a ter em conta no que respeita ao uso dos artefactos só são possíveis de análise no âmbito das perspectivas do condicionamento recíproco entre mudança social e mudança tecnológica. No mesmo sentido, Baldassar *et al.* (2016) quando analisa a comunicação mediada de famílias migrantes usa o termo co-determinação, significando o mesmo, que condicionamento recíproco, termo utilizado por Simões (2006), para salientar que o modo como as famílias comunicam e experienciam essa interação não decorre apenas das potencialidades das tecnologias, mas também do modo como as famílias escolhem usar tais artefactos.

De acordo com Lowenthal (2009) três autores estão associados ao desenvolvimento da teoria inicial da presença social: Short, Williams e Christie. O termo presença social é definido como a percepção do grau de presença de outra pessoa na comunicação (Short *et al.*, 1976, apud Weidlich,

⁴ O termo Largura de Banda, que também se refere à capacidade do canal, é a quantidade de sinais que um determinado canal pode suportar, isto é, é a quantidade de sinais que os diferentes meios de comunicação podem transmitir (Stahmer & Havron, 1973).

⁵ Outras perspectivas teóricas foram sendo desenvolvidas para captar o modo como os indivíduos se apropriam ou não das tecnologias através do conceito de domesticação, que surgiu na Antropologia e nos estudos do consumo, como refere Haddon (2006). Tais reflexões iniciaram-se na década de 90 do século passado, sendo a autora uma das protagonistas.

et al., 2018). Esta teoria parte da investigação sobre a interação em teleconferências, como uma das primeiras estruturas analíticas aplicadas ao CMC (Walther, 2011). Lowenthal (2009) salienta que Short *et al.* (1976) postularam que as pessoas percebem alguns meios de comunicação como tendo um grau mais alto de presença social (por exemplo, vídeo) do que outros meios de comunicação (por exemplo, áudio). Segundo Lowenthal (2009) muitos dos primeiros pesquisadores chegaram à conclusão de que a CMC era antissocial e impessoal porque as pistas do contexto social estão ausentes. Contudo, em meados da década de 1990, pesquisadores com experiência no uso da CMC para fins educacionais começaram a questionar se os atributos de um meio de comunicação determinavam sua presença social; Gunawardena (1995) mostrou que, ao contrário de pesquisas anteriores, a CMC pode ser muito social, ativa e interativa. Os resultados de Gunawardena (1995) apoiam a visão de que a presença social pode ser cultivada entre os participantes de uma teleconferência. Estes, segundo o autor, criam presença social projetando suas identidades e construindo comunidades online. Para Baldassar *et al.* (2016) só com a emergência de novas tecnologias de comunicação como os telefones celulares, qualquer sentido de presença [de pessoas distantes] se tornou uma possibilidade.

No que concerne à atenção mútua que é também uma pista, Licopee (2004) refere que nas interações, que ocorrem em contexto de copresença física (interação face a face) ou mesmo em contexto de copresença virtual (em que interação é mediada por telefone, por videoconferência, ou por salas de conversação e mensagens instantâneas na internet), são esperadas certas formas de ajustamento mútuo e de atenção durante a interação. Segundo o autor, na interação através de serviços de resposta-máquina e serviço de mensagens de voz, a atenção mútua pode estar ausente. Acrescenta que, quanto menos expressivo é um meio, mais escassos são os sinais da atenção da outra pessoa; podemos tomar como exemplo de meios poucos expressivos (ou seja, meios que permitem captar menor quantidade de pista), os meios assíncronos como correio eletrônico, cartas, etc. “O envolvimento das pessoas nas situações de interação passa inevitavelmente pela gestão da presença corporal e de orientação mútua através do corpo, o que exige uma atenção particular aos diferentes canais de comunicação e meios de expressão mobilizados na situação” (Nunes, 1993, p. 42).

Resumidamente, estas teorias dão a entender que, embora existam algumas tecnologias que permitem a percepção de algumas pistas, a captação destas é mais fácil numa comunicação face a face, constatação essa, que vai ao encontro da ideia de Thompsom (2018) apresentada anteriormente, de que a interação face a face é mais rica em pistas do que a comunicação mediada por computador e também com a afirmação de Goffman (1985) de que a presença física do outro na interação é crucial para a percepção dos sinais. Importa salientar que, “se a interação face a face é a base de todas as formas de organização social, não importando qual seja a sua escala ou

dimensão, a interação social mediada por computador será a base de organização e funcionamento dos grupos no ciberespaço” (Simões, 2005, p. 220).

Capítulo 4- A Interação mediada entre famílias migrantes/transnacionais: da carta às tecnologias mais recentes.

A interação através de carta e a conversa telefônica são exemplos de interação mediada (Thompson, 2018), porém, o desenvolvimento tecnológico abriu espaço para outras formas de mediação, como por exemplo, a comunicação através dos telefones celulares, smartphones, entre outras tecnologias modernas, e redes sociais como WhatsApp, Skype, Messenger.

A “interação mediada envolve o uso de um meio técnico de comunicação que permite que as informações ou os conteúdos simbólicos sejam transmitidos para indivíduos que estão distantes no espaço ou no tempo ou em ambos” (Thompson, 2018, p. 19). É também dialógica como a interação face a face. O computador passou também a ser utilizado como meio de comunicação. Tal uso, justifica-se pelo fato de uma das características da natureza humana ser a necessidade que as pessoas têm de comunicarem entre si, estando altamente motivadas a interagir qualquer que seja o meio disponível (Oeiras & Rocha, 2000).

4.1- A interação através de carta e do telefone fixo

“Na história das atividades comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas à distância” (Cardoso, 2008, p. 53). “O produtor, operando com as informações contextuais (ou situacionais), desenha o seu destinatário como co-enunciador que se afigura sincero, confidente, conhecedor de sua vida. O produtor chega muitas vezes a desvelar os seus segredos” (Silva, 2002, p. 102).

Este autor afirma que as pessoas, através dos eventos das cartas pessoais, constroem e consolidam um relacionamento; nos textos das cartas, os sujeitos (os remetentes) falam de si, dos outros com quem convivem, dos episódios de seu cotidiano, dos projetos de vida, dos desafetos, das relações afetivas que têm com seu interlocutor. Por seu turno, Baldassar *et al.* (2016) salientam que as cartas pouco frequentes criaram oportunidades para idealizar a família e os relacionamentos e acrescentam que, embora a carta pouco frequente fosse um meio importante para manter a sensação de ter uma família, não impunha as obrigações de se manter o contato e de fornecer apoio que são “exigidas” por formas de comunicação mais regulares e sincrônicas.

A invenção do telefone, foi sem dúvida, a ferramenta mais importante com a qual membros de família distantes encurtaram a distância entre si (Sennyurekli & Detzner, 2009).

Licoppe (2004) considera a chamada telefónica como uma das formas de gerir as relações interpessoais. Esta forma, segundo ele, consiste em conversas abertas e muitas vezes longas, em que as pessoas levam o seu tempo a falar. Estas chamadas, são feitas em momentos apropriados e o tempo para falar ao telefone é considerado pelos participantes como um sinal do seu envolvimento mútuo na conversa. Chama a este repertório de utilização, o modo conversacional de gerir as relações telefónicas entre amigos próximos e familiares. A outra forma, enunciada pelo autor, consiste em chamadas curtas e frequentes, cujo conteúdo é por vezes secundário em relação ao facto de se telefonar.

Essas chamadas curtas e frequentes possibilitam o que designa por *presença conectada*. Este termo também é, por si, entendido como a acessibilidade constante aos nossos próximos, sobretudo através dos telemóveis. Acrescenta que esta prática conectada é caracterizada pela proliferação de interações para manter vínculos constantemente ameaçados pela distância e ausência. Se Licoppe (2004) refere, no seu estudo, que as chamadas efetuadas em telemóveis eram mais curtas do que as efetuadas em telefones fixos devido aos custos e à necessidade de coordenação, teremos de considerar até que ponto a situação mudou com as redes sociais e a redução dos custos associados.

4.2 - A interação mediada por tecnologias mais recentes (TIC e redes sociais) entre famílias transnacionais.

Como salienta Gonçalves (2013) no processo migratório, quando um elemento de um agregado familiar toma a decisão de emigrar, a sua família é a primeira a sofrer o impacto da ausência. Os migrantes que deixam os amigos e a família para trás, também poderão enfrentar a solidão quando chegam os países de destino (RDH, 2009). Atualmente, ainda que os membros da família fiquem tristes com a partida de um deles, para outros países, mantêm mais esperança, uma vez que sabem que o contato entre aquele que partiu e os que permaneceram, poderá ser frequente e possível através das tecnologias de informação e de comunicação (TIC).

Os membros de família separados sabem que não se podem abraçar uns aos outros quando a saudade apertar, mas, sabem que podem ver e ouvir-se uns aos outros, desde que tenham internet e ligações/chamadas. Quando a saudade apertar, podem aceder às tecnologias de informação e de comunicação e num click diminuir a saudade e a aflição. Muitas famílias cabo-verdianas, dada a sua situação económica, têm a necessidade de incentivar um dos seus membros a emigrar; os que chegam aos países de destino assim como também os que ficaram, sentem uma outra necessidade que é a de permanecer em contato uns com os outros. Baldassar *et al.* (2016) salientaram que as

TIC desempenham um papel cada vez mais importante na manutenção de relações familiares e de amizade próximas.

“Os processos de migração sempre desafiaram o pressuposto de que a proximidade física é necessária para a manutenção dos laços sociais significativos” (Baldassar, *et al.*, 2016, p. 133). Com a proliferação das TIC, a presença física tem vindo a perder alguma da sua importância como elemento-chave para a manutenção dos laços entre familiares. Para que esses laços se mantenham, poderá não ser tão necessária a presença física. Messer & Stern (2009) salientaram que o email é usado regularmente, além da comunicação cara a cara e do telefone fixo para manter os laços familiares, embora, segundo Marcuschi (2002), em certas circunstâncias, o email pode ter uma defasagem de dias, semanas e meses. Baldassar *et al.* (2016) chegaram a intitular um dos seus trabalhos de *Copresença baseada nas TIC em famílias e comunidades transnacionais*, mostrando que uma relação não é mantida ou sustentada apenas em contextos de interação cara a cara, desafiando a necessidade da proximidade face a face para a sustentação de relações familiares. No mesmo sentido, Stern & Messer (2009) referem que, entre redes de conhecidos e familiares, a interação através das TIC, serve para ampliar potencialmente a rede pessoal de alguém, removendo a proximidade como requisito para manter fortes laços de rede.

Se antes, as famílias migrantes sentiam que o espaço e o tempo eram uma espécie de tesoura que cortava os seus laços e impedia que mantivessem uma relação, hoje, com as TIC, estas famílias poderão sentir que o tempo e o espaço não são mais obstáculos, vendo que estas tecnologias são como uma ponte que liga dois mundos separados, pois, ao removerem a distância, permitem que membros da família distantes vivam e convivam uns com os outros em tempo real. Cólera (2010) afirma que, antes se falava de rutura e desengajamento, mas que atualmente se fala mais em conexão e continuidade em relação à vida anterior. O seu estudo foi muito interessante, pelo facto de analisar um conjunto de práticas e dinâmicas que as famílias transnacionais exerciam “para estar sem estar”, isto é, sentirem-se presentes apesar de não o estarem fisicamente e criar formas de estar perto, mesmo estando longe.

Viver longe de uma pessoa atualmente, pode não ser sinónimo de se sentir longe desta, ou por outras palavras, esta distância pode não ser sentida da mesma forma que antes, porque as TIC permitem que as pessoas distantes geograficamente se sintam perto umas das outras ainda que de forma virtual. “Muitos argumentam que a tecnologia permitiu a manutenção das redes familiares independentemente da sua localização” (Stern & Messer, 2009, p. 658). As pessoas passaram a interagir à distância de forma instantânea através das tecnologias que adotam.

O telefone foi acima considerado a ferramenta mais importante com a qual as *famílias migrantes* encurtam a distância. Entretanto, Borkert *et al.* (2009) referiram nos seus estudos sobre a adoção

e utilização das TIC por imigrantes e minorias étnicas, que muitas publicações consideram que as TIC são as ferramentas mais utilizadas para manter os laços entre a comunidade e o país de origem e entre os membros da comunidade em toda a parte. Estas ferramentas ou dispositivos de comunicação à distância, permitem a negociação de um compromisso entre o déficit relacional criado pela ausência e os investimentos necessários para manter um diálogo contínuo que é a própria substância da ligação (Licoppe, 2004).

As “redes sociais como o Facebook e o WhatsApp moldaram a forma como os imigrantes interagem com os seus familiares no país de origem” (Gonzalez & Katz, 2016, p. 2693). As mudanças nas tecnologias de comunicação são significativas para as famílias, porque impactam na forma como os seus membros mantêm contatos, bem como influenciam quem está envolvido na comunicação e com que frequência se contactam (Senyurekli & Detzner, 2009).

Na mesma linha de investigação, Toumi (2022) afirma que o Skype (por exemplo) é o meio de unir virtualmente o que a distância geográfica separa, não apenas em termos de comunicação, mas também em termos de práticas sociais que costumavam realizar em família antes da migração de um dos seus membros. Com a internet, o imigrante e seus familiares, que ficaram no país de origem, interagem através de emails de aplicações de bate-papo, blogs e sites particulares, utilizando como recurso as Webcams, aumentando a quantidade de mensagens trocadas (Gonçalves, 2013). “Os avanços tecnológicos têm sido particularmente importantes na capacidade dos migrantes de permanecerem conectados não apenas com seus familiares, mas também com suas culturas” (Senyurekli & Detzner, 2009, p. 810).

4.3 - Atividades realizadas através das TIC pelas famílias transnacionais

As TIC têm permitido às famílias transnacionais realizar um conjunto de atividades à distância. Elas são essenciais para a circulação de *cuidados transnacionais* ou à distância (Merla & Baldassar, 2011). Estes autores entendem tal termo como a prestação de diferentes tipos de cuidados, incluindo o apoio moral e emocional, assistência financeira e apoio prático, os quais podem ser prestados transnacionalmente através da utilização de várias tecnologias de comunicação. Estas também, permitem a expansão de apoio pessoal, (Bacigalupe & Lambe, 2011; Merla & Baldassar, 2011). Hillyer (2021) afirma que, para além da prestação de cuidado a pais idosos no exterior, os filhos ensinam os seus pais a conversar online e manobram os dispositivos dos mesmos à distância.

Bacigalupe & Parker (2016) fazem menção às seguintes atividades: mãe e filha separadas, podem fazer compras juntas; um pai distante pode monitorar o progresso do filho nas tarefas escolares;

parentes no país natal podem dar assistência a imigrantes escolhendo itens para a decoração da sua casa ou mesmo participarem em reuniões virtualmente. De acordo com Toumi (2022) os filhos migrantes usam instantaneamente o conhecimento e a experiência de suas mães para fazer pratos tradicionais da Tunísia (terra natal); acrescenta que a internet permite que as mães assistam ao casamento dos filhos à distância através do *pedaço de vidro* (ecrã).

Cólera (2010) acrescenta outras práticas, por exemplo: avós que assistem ao crescimento dos netos de um modo menos distante; filhos que mostram as suas aprendizagens aos pais; gestações mostradas a parentes e amigos; apresentações de recém-nascidos; mudanças no lar que são mostradas; viagens e descobertas que são compartilhadas; comemorações coletivas e encontros familiares virtuais; supervisionamento da medicação; discussão de humor ou preocupações; atendimento das possíveis necessidades e demandas, etc. Por último, Marinho (2021) faz referência a práticas, como partilha de informação e de sentimentos; brincar com crianças e chamar a atenção sobre o comportamento destas.

As atividades transnacionais mencionadas, afirma Toumi (2022), ajudam a reconfigurar a dinâmica tradicional dentro da família, no sentido de os imigrantes passarem a realizar certas atividades que não eram comuns antes da emigração. Um dos exemplos dado por Toumi (2022) é o dos imigrantes tunisinos do sexo masculino passarem a cozinhar o que não era comum antes de emigrarem.

4.4 – Tipos de copresença em famílias transnacionais

Para abordar este ponto, torna-se necessário começar com uma questão: é possível a construção da copresença entre membros da família que se encontram distantes? Que tipo de copresença é construída e de que forma se constrói? Para se tentar começar a dar uma resposta a esta questão, importa salientar em primeiro lugar, que “tradicionalmente, a *copresença* era entendida como sinónimo de interação face a face e superior às interações mediadas” (Madianou, 2016, p. 185).

A copresença era percebida como algo que só podia existir com a presença física das pessoas. Entretanto, atualmente, segundo Bacigalupe & Lambe (2011) “é possível que as famílias transnacionais cultivem a copresença à distância através das TIC” (p. 62), o que desafia a noção tradicional da copresença. As diferentes atividades mencionadas acima, são exemplos de como um membro da família distante poderá sentir o outro presente através das TIC. A tecnologia permite uma atmosfera de familiaridade e convívio sem que as pessoas envolvidas precisem de estar necessariamente no mesmo local (Dicionário Informal, 2016) o que é designado por Baldassar (2008) de *copresença virtual* (aquela que é construída através das tecnologias de comunicação), ou o que Baldassar *et al.* (2016) denominam de *copresença baseada nas TIC*,

termo usado para capturar e explorar as diversas maneiras pelas quais as pessoas mantêm a sensação de estarem presentes umas face às outras apesar da distância.

Segundo Bacigalupe & Lambe (2011) compreender a possibilidade da copresença virtual, requer, contudo, uma reconsideração da noção de que as relações presenciais são o único meio ou o ideal para manter ou construir relações. É importante referir que, devido aos avanços das TIC em termos da comunicação, a copresença deixou de ser sinónimo da interação face a face. Slater, *et al.* 2000; Durlach & Slater, 2000 (apud Zaho, 2001), por exemplo, ao definirem a copresença, vão além do contexto físico; definiram-na como a sensação de estar junto com outras pessoas num ambiente virtual partilhado. Conforme consta no Dicionário Informal (2016) a copresença é um ambiente virtual onde duas ou mais pessoas estão juntas via uma conexão de rede, embora não estejam realmente no mesmo local.

Baseando-se numa amostra de migrantes italianos que vivem na Austrália e dos seus pais idosos que vivem em Itália, Baldassar (2008) vai defender que, as emoções de “ausência” e “saudade” podem levar os parentes a construir mais três tipos de (co)presença, além do já referido: por procuração; física e imaginária; reforçando todas elas o sentido de proximidade familiar.

De acordo com Baldassar (2008) a *copresença por procuração* é conseguida indiretamente através de objetos e pessoas cuja “presença” encarna o espírito da pessoa ou lugar desejado. Por exemplo, quando um filho usa o conhecimento da mãe para fazer uma receita de comida é uma forma de senti-la por perto; encarnando a sua elaboração, por assim dizer, a presença da mãe ausente. Tocar na comida e sentir o seu cheiro, acaba por ter um impacto significativo nas emoções desse filho; sendo, uma das emoções, a *saudade*, neste caso, o facto de ele tocar e sentir o cheiro dessa comida, diminui a sua saudade. Outro exemplo: quando uma pessoa toca um presente que recebeu de alguém é como se a sentisse por perto.

Segundo Baldassar (2008) embora as formas de copresença virtual e por procuração sejam altamente valorizadas, não são suficientes para resolver a saudade e a nostalgia. Ambas, são melhor resolvidas através da *copresença física* entendida por ele, como estando presente com o desejado de modo a senti-lo plenamente. O último tipo é denominado de *copresença imaginária* que tem a ver com a forma como uma pessoa mantém outra por perto através, por exemplo, de oração. Robertson *et al.* (2016) mostraram como membros da comunidade de refugiados Karen⁶, que vivem em Melbourne, experimentam ou constroem a “copresença imaginária”. Como os telefones celulares desta comunidade são retirados sem aviso, pelas autoridades do campo, impossibilitando muitas vezes, que mantenham um contato por telefone celular com familiares e

⁶ Karen são jovens de origem refugiada que foram viver em Melbourne. Estes deixaram familiares no campo de refugiados na fronteira Tailândia-Birmânia e passaram a viver em Melbourne. Tentavam manter a presença dos seus familiares na vida deles através de fotografias digitais.

amigos que vivem em campos na fronteira Tailândia-Birmânia, a família refugiada transnacional constrói a *copresença imaginária* através de fotografias digitais. Esta copresença pode ser construída através da junção/criação, numa só fotografia, de imagens dos membros familiares vivos e mortos, que vivam longe ou perto: a chamada moldura. Tal junção de imagens, cria um sentido de presença da família e união além-fronteiras. As fotografias, afirmam Robertson *et al.* (2016), são capazes de fornecer um modo particular de copresença (não é uma copresença no tempo e no espaço síncronos, mas sim uma imaginada gerada a partir de links de um passado compartilhado).

Um outro tipo de copresença é proposto por Madianou (2016) que o denomina por *copresença ambiental*, pois entende-a como o aumento da consciência da vida quotidiana e das atividades de outras pessoas significativas através da presença de ambientes virtuais. As publicações das atividades diárias de outras pessoas, principalmente no “feed de notícias” são segundo este autor, essenciais para a copresença ambiental, porque aparecem na nossa tela em tempo real.

Por último, a partir da frequência, conteúdo e significado das trocas mediadas por TIC, Nedelcu & Wyss (2016) num estudo sobre a interação entre romenos e seus parentes, distinguiram três tipos de copresença: a ritual, a onipresente e a reforçada.

A *copresença ritual* é apresentada como a manutenção da solidariedade intergeracional através das TIC. Ilustraram que, os imigrantes contactam seus pais na origem não porque tem algo importante para lhes falar, mas porque sabem que devem manter-se sempre em contato com eles. Manter laços intergeracionais, por meio das TIC é apenas uma comunicação ritual para cumprir suas obrigações filiais.

O conceito de *copresença onnipresente* destes autores não se distancia muito do conceito de copresença baseada nas TIC de Baldassar *et al.* (2016). Eles usaram o termo “continuamente”, isto é, definiram a *copresença onipresente* como a sensação de “*estar juntos continuamente*” além-fronteiras. Segundo eles, essa possibilidade de se estar junto continuamente decorre das tecnologias da Web 2.0, como o Skype ou o MSN, porque são geralmente gratuitas e permitem conversas frequentes.

A *copresença reforçada*: significa que as práticas de copresença mediadas pelas TIC *se intensificam* com a emergência de problemas, nomeadamente as relacionadas com a vulnerabilidade de pais idosos no país de origem (Nedelcu & Wyss, 2016). Estas três formas de copresença são expressão de um regime de copresença que pode ser qualificado como *habitual*, porque possibilitam trocas que variam de acordo com suas modalidades, conteúdos e significados, indo de rituais mínimos a situações onipresentes de união e apoio, de banalidades quotidianas a questões importantes (*idem*).

De referir que os diferentes tipos de tecnologias possibilitam diferentes graus de copresença virtual, pois, segundo Baldassar (2008) o que a torna mais firme são as tecnologias com uma webcam, porque para além de ouvirem, as pessoas podem ver-se umas às outras. Furukawa & Driessnack (2013) afirmam que, embora a comunicação mediada por vídeo não substitua completamente a comunicação física cara a cara, parece fornecer uma sensação de copresença virtual por meio da adição de pistas visuais e contextuais à comunicação verbal entre os membros da família. Em suma, algumas das tecnologias emergentes, permitem que membros de famílias, separados no tempo e no espaço, estejam virtualmente presentes por um longo tempo, dando desse modo oportunidade a parentes fisicamente distantes de participar em eventos familiares e de partilhar informações (Bacigalupe & Parker, 2016; Bacigalupe & Lambe, 2011).

4.5 - Consequências da Comunicação Familiar Transnacional

A frequente interação entre membros de famílias distantes geograficamente acaba por acarretar consequências tanto positivas quanto negativas para os mesmos. Na perspectiva de Baldassar *et al.* (2016) a utilização de tecnologias pode facilitar solidariedades intergeracionais à distância. Para Toumi (2022), o Skype não só tornou um símbolo de solidariedade, mas também do próprio bem-estar. A comunicação familiar transnacional, pode ter, também, implicações significativas para a saúde mental (Gonzalez & Katz, 2016). Hillyer (2021) ao explorar o modo como os nikkeis⁷ brasileiros mantêm intimidade com suas famílias no Brasil, afirma que o contacto que estes mantêm com familiares e amigos ajuda-os a adaptar-se à sociedade japonesa e fazem-nos sentir bem emocionalmente.

As tecnologias acabam por desempenhar um papel de extrema importância, sobretudo para pais que emigram e deixam filhos pequenos. Conforme Senyurekli & Detzner (2009) esses pais veem grande utilidade na tecnologia para a manutenção de relacionamentos familiares por conseguirem ver à distância o desenvolvimento das crianças. A partilha das experiências quotidianas íntimas pode reforçar o sentimento de pertença (Georgiou, 2006 apud Katz & Gonzalez, 2016), sentimento este, que é crucial para a continuidade familiar e a conexão das famílias transnacionais (Gonzalez & Katz, 2016). As TIC ajudam membros de famílias distantes a manter uma intimidade virtual e as interações além-fronteiras servem como atividades de desenvolvimento linguístico e cultural (Idem). Bacigalupe & Lambe (2011) salientam o quanto as TIC servem como meios capazes de superar a distância geográfica e fronteiras entre famílias transnacionais e o fortalecimento da identidade e sobrevivência entre as mesmas. Devido aos avanços tecnológicos e aos acessos às TIC, na década anterior, referida pelos autores, estas tecnologias não só influenciaram as relações das famílias como também mudaram as suas identidades (Bacigalupe

⁷ Os nikkeis brasileiros, são referidos como nikkeijin ou nikkei, o que significa, em termos gerais, descendentes de japoneses nascidos e residentes no exterior.

& Lambe, 2011). As TIC são uma oportunidade para manter legados, criar novas memórias e estabelecer uma continuidade coerente entre membros da família (Idem). “A rápida adoção de telefones celulares na Jamaica, por exemplo, atendeu a uma profunda necessidade cultural de manter e solidificar a comunidade e os vínculos entre os membros da família, sustentado a rede social e aumentando o capital” (Bacigalupe & Lambe, 2011, p. 14).

Para a maioria das famílias de imigrantes, as tecnologias emergentes fornecem um meio de ouvir e ver com certa frequência aspectos de seu país de origem que de outra forma seriam esquecidos, aliviando parcialmente algumas experiências dolorosas da perda e solidão (Bacigalupe & Parker, 2016, Marinho, 2021).

Nos seus estudos, sobre a copresença baseada nas TIC, em famílias e comunidades transnacionais, desafiando a premissa da proximidade face a face na sustentação de relacionamentos, Baldassar *et al.* (2016) afirmaram que os membros da família, mantêm uma sensação de estar ali um para o outro mesmo à distância. Esta sensação de estar ali sem estar (sensação de presença) é produzida sobretudo pelas Tecnologias de Informação e de Comunicação que permitem a comunicação sincrônica.

Permanecer conectado, impede que certos problemas aconteçam entre membros de família que vivem distantes. Um exemplo ilustrativo, encontra-se no estudo de Hillyer (2021) em que um dos seus entrevistados suspeitou que a separação dos seus pais foi por causa de falta de contato, porque não tinham acesso às plataformas digitais para permanecerem em constante interação. Stern & Messer (2009) salientaram que não é difícil imaginar uma situação em que laços fortes com familiares distantes podem fornecer um refúgio para membros da família em necessidade ou simplesmente ter alguém com quem conversar, exemplificando com um período pós desastres naturais ou dissoluções familiares. Acrescentam ainda que, quando essas redes não são mantidas, quebram.

Passamos agora a analisar as consequências negativas que a comunicação familiar transnacional acarreta para os imigrantes. Madianou & Miller (2012) ilustram nos seus estudos, que, “enquanto, para as mães, as TIC representam oportunidades bem-vindas para realizar uma maternidade intensiva à distância e sentir-se novamente como mães, para os seus filhos jovens adultos, esta comunicação frequente pode ser experimentada como intrusiva e indesejada” (p.2). Como salientam Baldassar *et al.* (2016), o ambiente de copresença tem importantes implicações na vigilância social e pode resultar em maiores níveis de conflito, principalmente para famílias que já tem relacionamentos instáveis.

Wilding (2006) aponta para a probabilidade de haver mais *conflitos*, nomeadamente entre casais de imigrantes, conflitos estes que podem surgir quando membros familiares no país de origem,

solicitam apoio financeiro, entre outros a um deles. Tais pedidos fazem os imigrantes sentirem-se *pressionados*.

4.6- O problema da conexão nas famílias transnacionais: a questão de acesso e do uso, entre outros fatores

Bacigalupe & Lambe (2011) afirmaram que, até próximo da data de realização dos seus estudos, só uma minoria de famílias do país de origem eram capazes de manter comunicação constante com seus parentes no exterior. A partir dessa fase, o número de famílias com possibilidade para manter o contato frequente com familiares no exterior pode ter aumentado, o que não significa que as desigualdades na comunicação cessaram.

Cruz (2018) salientou que os novos meios de comunicação nem sempre estão acessíveis, ou pelo menos, do mesmo modo para todos. É importante ter em conta que, para que as famílias transnacionais consigam manter uma relação frequente, não basta as mesmas terem acesso às TIC. Vários estratos sociais podem ter acesso às TIC, mas podem ter dificuldades, por exemplo, em usá-las, situação que conforme Furtado (2007) não deixa de contribuir para acentuar as disparidades sociais, o que tem sido genericamente designada por fratura digital. Nesse sentido, o Documento Information Technology Outlook (2004 apud Furtado, 2007) chama a atenção para pontos fulcrais, como o facto de as diferenças estarem cada vez mais ligadas ao uso desigual e de se estar progressivamente a passar de uma simples fratura de *acesso* para uma fratura de *uso*. Mergulhando um pouco mais nesse conceito de *fratura digital*, Furtado (2007) refere que o termo digital sugere que a fratura digital é uma questão técnica, e ao tratar-se a fratura digital como um problema tecnológico, sugere-se que o acesso a uma tecnologia é capaz de em si mesmo solucionar problemas sociais. Transportando esta ideia para o contexto de comunicação familiar transnacional, reforçamos a ideia de que apenas o acesso a uma determinada tecnologia não resolve o problema da comunicação e de manutenção de laços entre estas famílias separadas geograficamente.

Assim, o que pode dificultar o relacionamento dessas famílias não é apenas a questão de acesso à rede e aos artefactos tecnológicos, mas sim um conjunto de fatores, como por exemplo, as competências de uso, a motivação, os fatores pessoais (como a idade, o sexo, o rendimento, etc.) (Furtado, 2007), a geografia (se o local de morada tem internet ou não e se funciona bem), o tipo de emprego, o tempo ou a disponibilidade para interagir, entre outros fatores.

Relativamente ao fator *geografia*, Perrenas (2005) afirma que a comunicação transnacional e a obtenção da intimidade é um desafio maior para os migrantes com famílias localizadas em zonas

rurais sem instalações e infraestruturas adequadas. O autor reforça ainda que as desigualdades sociais e geográficas condicionam a qualidade da intimidade na vida familiar transnacional.

No que se refere ao fator *emprego*, vê-se que o tipo de ocupação dos imigrantes dita normalmente a sua capacidade de comunicar com os seus familiares - uma enfermeira pode telefonar com mais frequência do que um trabalhador doméstico, por exemplo (Perrenas, 2005).

É importante, também, não confundir acessibilidade com disponibilidade. Por um lado, se uma pessoa ligar a outra por um telemóvel terá mais probabilidade de a alcançar do que se ligar por um telefone fixo. Por outro lado, nem sempre significa que essa pessoa, mesmo com o telemóvel perto de si, estará disponível para atender ou responder a SMS. A pessoa pode andar com o seu telemóvel, mas pode não estar sempre disponível para interagir. Licoppe & Heurtin (2001 apud Licoppe, 2004) afirmaram que esta disponibilidade é negociada em vários aspetos e depende de várias pequenas compensações como por exemplo, levar o telemóvel consigo, deixá-lo ligado ou desligado e atender a chamada em vez de deixar uma mensagem.

Perrenas (2005) tenta mostrar que a revolução tecnológica na comunicação não beneficiou uniformemente as famílias migrantes transnacionais, uma vez que existem diferenças de classes na comunicação transnacional. Umhas tem mais oportunidades comunicativas, outras nem por isso.

Enfim, é de salientar que há pessoas que mesmo afetadas por barreiras comunicacionais, se esforçam para que o laço entre elas e seus familiares distantes não morra. Cogo (2017) salientou o esforço de familiares para se introduzirem no mundo da internet em cidades do interior onde o acesso é restrito a fim de estabelecer conexões com familiares que migraram.

II- Das Orientações Metodológicas à Interpretação e Análise dos Resultados

Capítulo 5 – Estratégia Metodológica

Neste capítulo, serão abordadas, em primeiro lugar, as razões da escolha da abordagem qualitativa, em segundo lugar, será explicitado o porquê da escolha da entrevista como técnica de recolha de dados, em terceiro lugar, discorre-se sobre a escolha do público-alvo, em quarto lugar, apresenta-se o modelo de análise, em quinto lugar, abordam-se considerações éticas que devem estar presentes na investigação e, em último lugar, discorre-se sobre a questão da seleção de amostra e caracteriza-se a mesma.

Das razões para a escolha da abordagem qualitativa

Nesta dissertação optámos pela metodologia qualitativa. Antes de mais, importa salientar que, atualmente, “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 21). Esta metodologia, afirmam Fortin *et al.* (2006) permite compreender o sentido da realidade social na qual se inscreve a ação. A perspectiva compreensiva torna-se mais pertinente para explicar os períodos de mudança e/ou crise, particularmente aqueles em que se assiste à transformação culturais com profundas mudanças ao nível das práticas sociais (Guerra, 2006). Como refere Ragin (1994) a metodologia qualitativa é a mais adequada em casos que consideramos similares ao nosso, ou seja, em investigações de cariz exploratório, por nos estarmos a debruçar sobre transformações recentes sobre as quais há ainda um grande caminho teórico a percorrer e investigação empírica insuficiente.

O método qualitativo vai-nos permitir compreender a realidade de uma forma mais aprofundada e “melhor no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisada numa perspectiva integrada” (Godoy, 1995, p. 21). Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995).

De realçar que, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a espaços mais profundos das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002 apud Markoni e Lakatos, 2011).

“A abordagem qualitativa propõe-se, então, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade, diferentemente dos pressupostos “quantitativos” de predição, descrição e controle” (Holanda, 2006, p. 364). Para os adeptos da pesquisa qualitativa, o estudo da experiência humana deve ser feito de modo a entender como as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos. Os que defendem essa postura, criticam o posicionamento positivista, já que para eles fica a dúvida sobre até que ponto uma abordagem que não se preocupa com a essência do seu objeto pode ser considerada científica (Guerra, 2014). “Observa-se, que a pesquisa quantitativa sacrifica significados e simplifica a vida social, daí a necessidade de novos paradigmas metodológicos que permitissem a valorização destes aspetos” (Guerra, 2014, p. 10).

Como afirmam Gerhardt & Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, e não estão preocupados em quantificar os valores (Idem, 2009).

A escolha da entrevista como técnica de recolha dos dados

Para um investigador, que almeja compreender o porquê e como as coisas ocorrem, a adoção da entrevista como técnica de recolha de dados revela-se indispensável e mais adequada. Ela “possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspetos da vida social” (Gil, 2008, p. 110) e “permite ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy & Campynhount, 1998, p. 192). Optámos pela realização de entrevistas por ser a que contribui para uma melhor compreensão do problema em estudo. Os métodos de entrevistas, caracterizam-se por um contato direto entre o investigador e os seus interlocutores (Quivy & Campynhount, 1998), o que poderá facilitar a obtenção de novos dados no momento da realização da entrevista. “Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na química e ao microscópio na microbiologia” (Gil, 2008, p. 109). Conforme este autor, a entrevista por sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental nos mais diversos campos e parte importante do desenvolvimento das ciências sociais, nas últimas décadas, foi obtida devido a sua aplicação.

A entrevista semidiretiva foi a escolhida neste estudo, porque “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspetivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Trivinos, 1987, p. 146). Uma vez que, queremos compreender os significados que os indivíduos dão às suas ações

“significados estes que vem à tona por intermédio da proposta de entrevista qualitativa em profundidade e/ou semidiretiva” (Moré, 2015, p. 127), tornou-se necessário optar por este tipo de entrevista. Segundo Trivinos (1987) para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semidiretiva é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados.

O porquê da escolha deste público-alvo

A “escolha do público a ser investigado é feita tendo em vista o problema ou questão que preocupa o investigador” (Godoy, 1995, p. 26). Escolher as fontes de informação adequadas é fundamental para a obtenção dos dados requeridos (idem). Assim sendo, escolhemos imigrantes cabo-verdianos que deixaram para trás familiares próximos com os quais desejam manter o contacto para atenuar a saudade e a ausência.

Tendo em conta que Cabo Verde é um país de emigração e “a maioria da população reside fora” (Carvalho, 2010, p. 47) a tendência é para esta se manter em contato com familiares do país de origem quer através de carta, quer através de outras tecnologias mais recentes.

Sabemos que muitos cabo-verdianos escolhem Portugal como destino com o objetivo de melhorarem as suas condições de vida e da sua família e conforme ICCV (2003; GEE, 2022) a maioria destes imigrantes vivem em zonas de Lisboa e segundo Oliveira (2021; GEE, 2022) fazem parte da terceira maior população estrangeira residente em Portugal, seguido do Brasil e RU,” por isso, optamos por trabalhar com imigrantes residentes em Lisboa, uma vez que facilita.

Modelo de análise

Tendo em consideração o objetivo geral e os objetivos específicos, que serão apresentados de seguida e o quadro teórico, construímos o modelo analítico.

Quivy & Campenhoudt (1998) definem o modelo de análise como o prolongamento natural da problemática articulando de forma operacional os marcos e as pistas que serão finalmente retidos para orientar o trabalho de observação e de análise.

Objetivo geral:

Analisar (re)configurações nas relações entre imigrantes cabo-verdianos e seus familiares no país de origem, decorrentes do uso das TIC, em particular das redes sociais.

Para dar resposta ao objetivo geral, formularam-se dois objetivos específicos:

- Captar as percepções dos imigrantes sobre as diferentes formas de interação mediada, desde a carta, passando pelo telefone fixo e terminando nas redes sociais, comparando-as com a interação face a face;

- Analisar as consequências da manutenção da interação mediada entre imigrantes e os seus familiares em Cabo Verde.

Tabela 1 – Modelo de análise

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Indicadores
I – Captar percepções dos imigrantes sobre formas de interação mediada (carta, telefone fixo e redes sociais), comparando-as com interação face a face	<ul style="list-style-type: none"> - Interação carta - Interação telefone fixo - Interação redes sociais - Comparação com a interação face a face 	<ul style="list-style-type: none"> - Presença/ausência de pistas (expressão verbal/entoação; expressão corporal; expressão facial; contexto; atenção). - Maior/menor proximidade (expressão de emoções, intimidade, empatia, confiança, saudade). - Frequência e duração do contacto.
II - Analisar consequências da manutenção da interação mediada entre imigrantes e familiares em Cabo Verde;	Consequências positivas	Sensação de presença; alívio da saudade; sentimentos de pertença; bem-estar (psicológico, emocional, mental); preservação da memória; intimidade virtual; autoestima; solidariedade intergeracional; manutenção da cultura de origem; Actividades familiares (eventos familiares, ensino aprendizagem, prestação de cuidado)
	Consequências negativas	Controle; pressão; sobrecarga, sentido de obrigatoriedade.

Considerações Éticas

Nenhuma investigação deve ser conduzida sem princípios éticos. “A pesquisa sem um direcionamento ético, pode ser comparada a uma roda que gira cada vez mais veloz, sem rumo, sem direção, a esmo” (Nosella, 2008, p. 265). “A ética na pesquisa científica, indica que o estudo em questão, deve ser feito de modo a procurar sistematicamente o conhecimento, por observação, identificação, descrição, investigação experimental, produzindo resultados reprodutíveis, realizado de forma moralmente correta” (Prodanov & Freitas, 2013, pp. 45-46).

A partir do momento em que estamos a trabalhar com seres humanos, temos de ser capaz de saber ouvir, saber que tipo de questões colocar e como colocá-las, saber respeitar as diferentes opiniões, entre outros princípios. “Quando se pratica a pesquisa, é indispensável pensar na responsabilidade do pesquisador no processo de suas investigações e de seus produtos” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 46). Nesse sentido, a honestidade intelectual é fator indispensável aos investigadores, tornando-os cidadãos íntegros, éticos, justos e respeitosos consigo e com a própria sociedade (Idem). A honestidade refere-se aos dados, aos resultados e a todas as ações decorrentes do ato de pesquisar e a confiança está presente na relação entre os próprios membros da equipa de pesquisa, na relação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, na garantia da confidencialidade das informações, na relação entre a comunidade científica e a sociedade (Goldin, 2013). A justiça garante que a constatação de uma diferença não gera um comportamento discriminatório por parte dos cientistas em relação às pessoas pesquisadas e o respeito, decorrente do valor da justiça, evidencia-se quando um pesquisador tem uma atitude adequada perante todas as pessoas que se relacionam com as atividades de pesquisa (idem).

Araújo (2003) aponta ainda, para a importância do consentimento livre esclarecido. Pois, segundo ele, este consentimento é um dos pilares da ética nas pesquisas científicas. Assim, no presente estudo, foi solicitado ao público-alvo, este consentimento, antes da realização das entrevistas.

Para garantir o anonimato, que é uma das posturas fundamentais na investigação, demos um pseudónimo a cada entrevistado. Prodanov & Freitas (2013) afirmam que o pesquisador deve mostrar-se autor da sua pesquisa com autonomia, respeitando os direitos autorais e sendo fiel às fontes bibliográficas utilizadas no estudo.

Seleção e caracterização da população participante nos estudos

Como refere Gil (2008), as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande, que se torna impossível considerá-los na sua totalidade. Por essa razão, nas pesquisas sociais, é muito frequente trabalhar com uma amostra. Nesta dissertação, foram realizadas 16 entrevistas

semidiretivas; a razão pela qual paramos nesse número deve-se a saturação dos dados. Conforme afirmam Fontanella *et al.* (2011) se não houve fechamento por exaustão (abordando todos os sujeitos elegíveis), deve-se justificar por que se interrompeu o processamento de novas observações e o recrutamento de novos participantes.

A amostra foi obtida através do sistema de bola de neves, isto é, pessoas (muitas vezes, os nossos entrevistados) indicaram-nos outras pessoas que eles conhecem e que verificámos terem condições para participar no presente estudo: imigrantes cabo-verdianos independentemente da data de chegada a Portugal, uma vez que pretendíamos compreender as alterações nas relações entre imigrantes cabo-verdianos e seus familiares no país de origem, decorrentes do uso das cartas e das TIC. Para a seleção foram tidas também em conta outras variáveis sociodemográficas, a saber: idade, profissão, sexo e habilitações. A amostragem da pessoa, pode ser efetuada com base em critérios normalizados como , sexo, idade, profissão, nível de instrução e etc. Estas categorias, são cruciais apenas quando são relevantes para a teoria que está a ser desenvolvida ou para as contrastar com categorias rivais (Castro & Blanco, 2007).

A duração das entrevistas variou entre 30 minutos e 1 30. O local de realização das entrevistas ficou à escolha dos entrevistados; houve prévia autorização dos pais para a entrevista a uma jovem de 14 anos.

De uma forma detalhada, apresentamos na tabela 2, a caracterização sociodemográfica da população entrevistada.

Tabela 2- Caracterização sociodemográfica da população entrevistada

Entrevistado	Sexo	Idade	Habilitações literárias	Profissão atual e situação profissional	Local de Residência	Tempo de imigração
Entrevistado 1	F	37	4º ano	Empregada doméstica: do momento desempregada	Paio Pires - seixal	16 anos
Entrevistado 2	M	65	4º ano	Ferreiro	Monte Caparica - Almada	50 anos
Entrevistado 3	M	69	4º ano	Pintor: do momento, aposentado	Monte Caparica- Almada	52 anos
Entrevistado 4	M	35	12º ano	Estudante-trabalhador: do momento desempregado	Monte Caparica - Almada	17 anos

Entrevistado 5	M	39	Mestre	Técnico Informático	Carnaxide	6 anos
Entrevistado 6	F	26	12º ano	Empregada de balcão e auxiliar de limpeza	Algueirão	5 anos
Entrevistado 7	M	43	12º ano	Técnico de Caixa (WU)	São-Brás - Amadora	26 anos
Entrevistado 8	F	27	Licenciada	Consultora de TI	Corroios - Setúbal	10 anos
Entrevistado 9	F	34	Licenciada	Camareira ou empregada de andar	Cacém	1 ano
Entrevistado 10	F	14	7º ano	Estudante	Burraca - Cova da Moura	5 anos
Entrevistado 11	F	26	12º ano	Cozinheira e auxiliar de limpeza	Burraca- Cova da Moura	8 meses
Entrevistado 12	F	24	12º ano	Auxiliar de criança: do momento, de baixa de maternidade	Linda-a-Velha- Algés	6 anos
Entrevistado 13	F	25	12º ano	Trabalha na creche	Portela	1 ano
Entrevistado 14	F	37	12º ano	Trabalhava na loja continente: fazia reposição. Do momento, desempregada	Portela	14 anos
Entrevistado 15	F	30	Mestre	Trabalha em salão de beleza e estética: está de férias do momento	Cacém	5 anos
Entrevistado 16	F	29	9º	Trabalha em McDonald's	Cacém	1 ano

Análise e Interpretação dos Resultados

Capítulo 6- Interação através de carta e telefone fixo e a comparação com a interação presencial

Este capítulo está subdividido em três pontos: (i) interação através de carta e diferença entre a interação através de carta e face a face; (ii) interação através do email e a diferença entre a interação através de email e face a face; realça-se, que nada temos a analisar sobre este ponto, uma vez que, ao longo das entrevistas, demos conta de que os respondentes não interagiram com familiares através de email usando-o apenas como meio legal de troca ou envio de documentação; (iii) interação através do telefone fixo e perspectiva comparativa com a interação face a face.

6.1- Interação através de carta

Dos três entrevistados que já comunicaram com seus familiares através de carta, todos gostaram de o fazer. Apesar de reconhecerem as dificuldades que há em comunicar através deste meio, sentiam/sentem-se alegres ao fazê-lo. A maior dificuldade apontada pelos entrevistados, tem a ver com a demora de carta para chegar aos destinatários, o que vai de encontro ao afirmado por Giddens (2001). Outras dificuldades são sentidas pelos imigrantes na sua comunicação com as famílias, como por exemplo, a não chegada de cartas aos destinatários, a desigualdade entre imigrantes no usufruto dessa oportunidade devido ao analfabetismo, o tempo disponível e o desinteresse/preguiça de alguns para escrever.

“Sim, já escrevi cartas (...) tínhamos de gostar [de comunicar através deste meio]. Sempre que lia, ficava alegre, apesar de não conseguir ouvi-los. Através do telemóvel, consigo ler o que eles escrevem, consigo ouvi-los (...) Tudo era feito à mão. Às vezes, mandávamos, chegavam, às vezes, não chegavam. Escrevíamos cartas e colocávamos 10 euros dentro do envelope juntamente com a carta (...) começaram a roubar o dinheiro do envelope. Agora, as coisas mudaram (...) O mundo está mil vezes melhor (...) A carta demorava 15 dias ou um mês para chegar no destinatário. A comunicação era difícil. Muitos imigrantes, não enviavam cartas aos seus familiares, porque não sabiam ler e nem escrever. Também, muitos, não enviavam por desinteresse/preguiça. Ficavam sem notícias dos familiares. Muitos chegaram aqui e esqueceram dos familiares que deixaram em Cabo Verde e formaram uma nova família aqui.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º Ano, aposentado).

Dois, com mais idade e menor nível de instrução, gostavam, porque não havia na altura outra opção, enquanto um, com menos idade e maior nível de instrução, mesmo com o surgimento de outras opções, continuou a gostar de comunicar por carta, por ser mais agradável e por trazer mais emoção.

“Já escrevi muitas e muitas cartas para meus familiares que estão em Cabo Verde. Gostava muito de comunicar com eles através de carta. Não havia outra alternativa, tínhamos de comunicar através de carta.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

“Eu, ainda escrevo cartas, mando com portadores (amigos) que vão e voltam. É bom (...) enviar e receber carta é mais prazeroso. Embora, traz mais nostalgia do que telefone fixo e telemóvel, fico muito mais contente em receber uma carta que foi escrito com a própria mão, do que receber um telefonema. Ao receber uma carta fico emocionado, porque me remete ao passado. Tenho cartas que recebi há muito tempo, mas ainda leio. As SMS⁸, leio uma vez e ficam guardados no telemóvel. Carta é uma coisa diferente. De vez em quando, abro e leio para matar a saudade de quem a escreveu.” (E7, Masculino, 43 anos, 12º ano, técnico de caixa).

6.1.1-Diferenças entre a comunicação presencial e através de carta

Com a intenção de se perceber de que modo e se as interações familiares se (re)configuram consoante os meios utilizados para a comunicação, procurou-se captar as perceções dos entrevistados relativamente às diferenças que há entre comunicar através de carta e face a face; fazendo-se posteriormente reflexão similar com outras formas de comunicação mediada.

Para alguns entrevistados (E3, E7), não há diferenças entre a interação por carta e presencial em particular no que respeita à expressão daquilo que eles sentem. Porém, para outro entrevistado (E2), há diferenças entre estas duas formas de comunicação. Se uns não expressam as suas tristezas através de carta para não preocupar os seus familiares, outros fazem-no para evitar que os mesmos não fiquem a saber por terceiros. Outros expressam-se, não dando conta da real intensidade do problema.

“Sim, não tem diferença. Conto através de cartas como conto pessoalmente. Família é família. Eu contava para minha mãe que estava triste e contente através de cartas. Quando eu tinha problemas de trabalhos, escrevia para minha mãe, contava que aconteceu isso e aquilo comigo. Se não contávamos as nossas tristezas ou problemas, alguém contava e

⁸ As SMS referidas neste trabalho, dizem respeito àquelas trocadas através de redes sociais (Viber, Messenger, WhatsApp, Skype e entre outras).

ficavam a saber através de outras pessoas. Contava, mas, ao mesmo tempo, dizia que não era nada grave.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º Ano, aposentado).

“Pessoalmente, podem perceber as minhas tristezas e alegrias. À distância, prefiro mostrar ou contar apenas alegrias...se calhar, perto deles, podia contar as minhas tristezas, mas longe é só causar preocupação e mais nada.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

Dois entrevistados, com idade mais elevada e com menor nível de instrução (E2, E3), percebem melhor, pessoalmente, aquilo que seus familiares estão a sentir. Para estes, apenas aquilo que é escrito nas cartas, não é suficiente para a percepção dos estados emocionais. Outro entrevistado (E7) mais jovem e com maior nível de instrução, percebe através de carta tão bem quanto pessoalmente. Para este, esta percepção depende do grau de conhecimento que se tem da família.

“Através de carta, acho que não dá para perceber, não dá (...) é complicado. Perto da pessoa, dá para saber se ela está triste ou contente, porque a própria ação da pessoa mostra, mas através de carta como é que dá para saber? (...) é mais difícil.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º Ano, aposentado).

“Se for um familiar que conheço bem, consigo perceber as emoções dele na carta do mesmo jeito que percebo pessoalmente. O vibe [energia] da pessoa é o mesmo.” (E7, Masculino, 43 anos, 12º ano, técnico de caixa).

Dos três que, alguma vez, já escreveram cartas para os seus familiares, dois com mais idade e menor nível de instrução (E2 e E3) têm mais facilidade em contar aspetos pessoais presencialmente. A razão para tal, está associada aos riscos que há na interação através de carta. Por sua vez, o outro (E7), com menos idade e maior nível de instrução, tem mais facilidade através de carta, porque, presencialmente, sente vergonha.

“Se eu sei escrever, posso contar os meus segredos, através de carta, mas caso contrário, não posso contar, porque quem vai escrever minha carta, irá descobrir os meus segredos, mas pessoalmente, posso contar tudo, porque ninguém vai ouvir e nem ver. Por exemplo, eu e você, estamos cara a cara, assim, eu posso te contar os meus segredos, mas através de carta, se tu não sabes ler, eu não posso te contar, porque quem vai ler para ti, vai descobrir o meu segredo e depois vai contar para outras pessoas e claro que isso vai causar

constrangimentos. Por isso, conto com mais facilidade cara a cara.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º Ano, aposentado).

“(…) Frente-a-frente, as pessoas são mais reservados e não expõem muito. No caso de comunicação pelo telemóvel também as pessoas são mais sinceras através de SMS do que através de ligação de voz. Ninguém sente vergonha na mensagem.” (E7, Masculino, 43 anos, 12º ano, Técnico de Caixa).

6.2- Interação através do telefone fixo

Ao serem questionados como era/é a interação entre eles e seus familiares através de telefone fixo, se gostam/gostavam ou não, percebeu-se que os cinco (E1, E2, E3, E4 e E7), que já comunicaram alguma vez com seus familiares através deste meio, gostaram.

“Quando a minha mãe vivia aqui em Portugal, ela tinha um telefone fixo e pagava o pacote. Como havia muita falha na internet em Cabo Verde, contactávamos os familiares através do telefone fixo. Gostava de falar com os meus familiares através do telefone fixo, porque sentia mais perto deles. Apesar de a distância ser longa, podia ouvi-los.” (E1, Feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

“Sim (...) gostava, porque não havia outra alternativa (...) comparando com a carta é melhor (...) Único problema é que, ao falar com familiares através do telefone dos outros, não dava para contar tudo, porque podiam escutar a conversa. Agora que cada um tem o seu telemóvel, dá para falar tudo.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

Há múltiplas razões que levaram os imigrantes a gostar de comunicar com seus familiares através do telefone fixo. (i) porque na altura não havia outra alternativa; (ii) o mau funcionamento de internet em Cabo Verde, o que reflete uma discrepância entre países ao nível de cobertura das redes; (iii) a proximidade entre familiares que tais conversas podem causar; e (iv) o facto de conseguirem ouvir os seus familiares. Importa salientar, que a comunicação estabelecida, através do telefone fixo era mais difícil do que atualmente através do telemóvel, uma vez que nem todos o tinham, ou tinham de se telefonar/falar na casa/presença de outras pessoas o que podia tirar privacidade à conversa. Esta situação, espelha a desigualdade de acesso (ao telefone fixo) em Cabo Verde, embora se possa afirmar que, tal meio, em comparação com a carta, facilita a interação entre pessoas.

6.2.1- Diferença entre a interação presencial e a interação através do telefone fixo

Os testemunhos revelam perceções diferentes. Alguns reconhecem que há diferenças em interagir com familiares pessoalmente e através do telefone fixo. Deixaram explícito que o convívio entre eles é maior nas situações de interação presencial. O que torna, também, estas duas formas de comunicação diferentes são as pistas disponíveis durante a interação, pistas estas, que servem para compreender as verdadeiras intenções da interação, questão que será analisada mais adiante. Por sua vez, um entrevistado considera que não existe muita diferença ao comunicar através destes dois meios, pelo facto de ambos proporcionarem uma interação direta ou instantânea entre as pessoas.

“Enquanto estou a falar pessoalmente, eu posso tocar a pessoa, posso sentir o cheiro dela. Pessoalmente, enquanto estamos a comunicar podemos passear juntos e beber uma água juntos, andar de mãos dadas, mas, pelo telefone fixo, não conseguimos fazer outra coisa senão ouvir um ao outro. Eu acho que falar com famílias pessoalmente é melhor do que pelo telefone.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

“Não existe muita diferença em comunicar com familiares pessoalmente e através do telefone fixo, porque é possível ouvir a voz da sua família nestas duas formas de comunicação. Dá para manter um diálogo direto nas duas formas de comunicação. A diferença é que pelo telefone fixo apenas escuto os meus familiares, enquanto pessoalmente, não só os ouço, mas também, os vejo.” (E3, Masculino, 69, 4º ano, aposentado).

Alguns entrevistados (E1, E2, E4 e E7) comunicavam com seus familiares através do telefone fixo apenas nos finais de semana. Por sua vez, (E3) é o único que afirma que comunicava com maior frequência com seus familiares em Cabo Verde, através deste meio.

“Comunicávamos através de telefone fixo apenas nos finais de semana. Com o aparecimento dos telemóveis, o contato entre nós tornou mais frequente. Comunicava com eles apenas nos finais de semana, por duas razões: a primeira razão, é porque não havia o que há hoje: as redes sociais. A segunda razão tem a ver com custos de ligações/chamadas. A conversa através do telefone fixo, era na maioria das vezes longa.” (E4, Masculino, 35 anos, 12ºano, estudante/trabalhador).

“Comunicava com eles sempre (...) a nossa conversa através do telefone fixo era longa, porque quem ligava era eu e como o telefone deles não custava, então conversávamos muito.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º ano, aposentado).

A comunicação infrequente tendia a ser longa, na maioria das vezes. Esta constatação, vai de encontro ao afirmado por Licoppe (2004) de que, a chamada telefónica consiste em conversas abertas e muitas vezes longas feitas em momentos apropriados. Importa realçar também que, por terem de pagar taxas caras, a comunicação através deste meio tendia a tornar-se menos frequente. A desigualdade económica que existia entre os que estavam em Cabo Verde e os que estavam no país de destino interferia na frequência e na duração do contato; por exemplo, ligações feitas dos países de destino para o país de origem, eram mais longas e frequentes, dada a melhor condição financeira dos imigrantes.

No que concerne à expressão das suas emoções, detetou-se duas situações diferentes. Uns, como é o caso de (E1 e E7), não sentem que há diferenças na interação por telefone fixo e presencial relativamente a este aspeto. Outros, (E2, E3 e E4), afirmam que há diferenças.

“Contava minhas alegrias e tristezas através do telefone fixo como contava quando estávamos pessoalmente para que a nossa união permanecesse. Não deixo nada escapar, sempre conto tudo.” (E1, Feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

“Eu só telefonava quando estava bem-disposto. Nos dias que tinha problemas, não ligava. Preferia não ligar para não levar desgosto para eles. Não gosto. Partilho minhas alegrias pelo telefone fixo também, mas, cara a cara é sempre melhor. Expresso melhor pessoalmente. Por exemplo, mesmo se eu não sorrir, se eu pular é um sinal de que estou alegre.” (E2, masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

A forma como a pessoa age, revela o seu estado emocional. Esta situação, aproxima-se da afirmação de Argyle (1969) de que a postura reflete o estado emocional de uma pessoa. Na comunicação por telefone fixo, observa-se, uma situação semelhante ao que acontecia na comunicação através de carta em que alguns não expressam as suas tristezas aos seus familiares para não os causar qualquer preocupação ou mal-estar.

6.2.2- Comparação de pistas⁹ disponíveis na interação presencial e por telefone fixo

⁹ Os termos sinais, pistas e metalinguagem têm o mesmo significado. Enquanto Goffman utiliza mais o termo “sinais”, Thompsom utiliza “pistas” e Bateson “metalinguagem ou metacomunicação”. Pistas constituem os meios pelos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual atividade está acontecendo, como seu conteúdo deve ser

Quando estamos a interagir com os outros, não queremos apenas escutar aquilo que eles dizem, mas também, prestamos-lhes atenção para compreender a real intenção do que é dito, o que é feito através das pistas. Assim, torna-se pertinente analisar esta questão.

Alguns entrevistados deixaram explícito, que a maior diferença, entre a interação através do telefone fixo e presencial, está na perceção de pistas (como por exemplo, a expressão facial, corporal, gestos, posturas, entre outras). Deixaram transparecer que, pessoalmente captam mais informação sobre os seus familiares e que os custos de comunicação são menores.

“Sim, existe diferença. Acho que comunicar cara a cara é melhor. Através do telefone fixo, ficamos sem saber se o que a pessoa está a dizer se é verdade, não vemos a cara. Por exemplo, através do telefone fixo, a sua família pode te dizer que já almoçou, mas, que na verdade não almoçou, porque não tem nada para comer, e você acredita. É por isso, que, sempre que for possível, comunico com eles através de videochamada para eu poder vê-los, embora videochamada também, não é suficiente para saber o que está a passar com a pessoa, mas na impossibilidade de presença ajuda e muito. Através do telefone fixo, as pessoas escondem coisas. Por exemplo, a minha irmã esteve um bom tempo hospitalizado e não me contou. Se eu estivesse lá, ficava a saber, mas como estou longe, consegui esconder-me pelo telefone fixo.” (E1, Feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

“Existe diferença. Cara a cara, capto mais informação sobre a pessoa. Eles podem me dizer que estão doentes através do telefone fixo, mas fico sem saber se estão realmente, mas, cara a cara, o rosto expressa isso (doença). Cara a cara, a comunicação é mais satisfatória, é mais completa (...) Pessoalmente, é mais fácil expressar e fazer a pessoa perceber aquilo que estás a querer dizer, porque, nem sempre conseguimos fazer as pessoas compreender as coisas através de palavras. O ser humano nem sempre expressa apenas com a voz. Outros meios de expressão são se calhar, muito mais importantes (...) a expressão facial, por exemplo, é algo que fala muito mais. O toque, também é um meio de expressão (...) A palavra tem o seu valor, porém ganha mais significado, quando é expressa junto com outras formas de expressão. Olhar, atitude, comportamento são muito mais impactantes do que a voz.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, estudante-trabalhador).

compreendido e como cada proferimento se relaciona com os adjacentes (Garcez & Ostermann, 2002 apud Nunes, 2007). Goffman (1969) tomou como exemplo de pistas paralinguístas, a entonação, gestos faciais e outras pistas semelhantes que tem carácter expressivo. Os sinais metacomunicativos, são mensagens explícitas ou não que ajudam o recipiente a compreender as intenções no quadro (Bateson, 2002 apud Nunes, 2007).

Tendo em consideração estes testemunhos, pode-se afirmar que a comunicação cara a cara, é muitas vezes, privilegiada por entrevistados e é o tipo de interação mais rica de pistas. Esta constatação, vai de encontro ao afirmado por Goffman (1985), Bateson (1995), Thompsom (2018) e Furtado (2019). Alguns entrevistados, ao afirmarem que a comunicação cara a cara é mais satisfatória e mais completa e que nela captam mais informação sobre os seus familiares, remetem-nos para aquilo que Goffman (1985) referiu, de que a presença (neste caso, presença física) do outro na interação é crucial para a perceção dos sinais. Nos contextos da interação presencial há toda uma linguagem corporal que contribui para a perceção dos estados emocionais e que servem para verificar a real situação do falante ou, por outras palavras, na interação face a face há mais expressão e “quanto maior for a expressão numa interação, mais pistas contextuais estarão disponíveis” (Goffman, 1969, apud Licoppe, 2004, p. 137). No mesmo sentido, Bateson (1995, apud Neves & Pinheiro, 2010) salientou, que a comunicação humana e animal vai para além da verbosidade e da escrita, pois está rodeada de gestos, expressões faciais e corporais, tom de voz, melodias e expressões vocais diversas, a chamada metalinguagem ou metacomunicação.

“Cara a cara, expressava mais as minhas emoções, porque, meu corpo mostra. Pessoalmente, é fácil as pessoas conseguirem decifrar como estou. Por isso, é mais fácil eu esconder o que está a passar comigo através do telefone fixo. Pessoalmente, mesmo se eu não falar, pessoas percebem logo o meu estado emocional. Através do telefone fixo, expressava apenas alegria. Como eu ligava para ganhar mais força, então não podia lhes transmitir algo negativo, porque senão ficávamos dentro da negatividade.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, Estudante/Trabalhador).

O facto de algumas pessoas estarem na presença do outro, elas acabam por expressar mais os seus estados emocionais. Esta expressão, nem sempre é através de palavras, mas sim através de pistas, como por exemplo, a expressão da face, o que nos remete para a sua importância na expressão das emoções. Através do telefone fixo, alguns tentam disfarçar o seu estado emocional, é o que pode ser denominado por dissimulação de pistas. Demonstram aquilo que não estão a sentir realmente, isto é, tentam representar para seus familiares aquilo que já sabem que estes gostam ou querem ouvir. Goffman (1985) entende esta situação como falsa representação, pelo fato de a mesma ser ensaiada e forçada.

Capítulo 7 - A interação através de redes sociais

Neste capítulo são abordadas as percepções dos imigrantes sobre a comunicação com os seus familiares através das redes sociais, sendo apresentadas depois as diferenças entre este tipo de interação e a presencial.

7.1- Razões e frequência da interação

Todos os entrevistados, afirmam gostar de interagir com seus familiares através de videochamada. Os motivos mais salientados que os fazem gostar (i) tem a ver com a possibilidade de ver o outro; (ii) alguns gostam, porque este tipo de comunicação, cria neles a sensação de presença dos outros distantes; (iii) a capacidade de conhecer familiares sem nunca os terem visto pessoalmente, o que remete-nos para a argumentação de Licoppe (2004) de que uma relação se pode construir à distância, através de mediações eletrônicas, sem que os atores alguma vez se encontrem e sem que nunca partilhem um lugar real; (iv) a possibilidade de interação em tempo real, e o baixo custo.

De salientar que, a videochamada elimina, ainda que não totalmente, a distância entre familiares e amigos, ou como refere Licoppe (2004) diminui os limites entre ausência e presença. Para uns, as formas de comunicação, através de cartas e do telefone fixo, não são formas de comunicação satisfatórias, valorizando mais a comunicação através de videochamada.

“Gosto, porque consigo vê-los através de redes sociais. Ao vê-los, sinto melhor e mais próximo deles. Não é pago nada, ou pelo menos, em comparação com telefone fixo, não custa quase nada. Sinto mais satisfeito ao vê-los. Quando os vejo através de videochamada, sinto outra sensação. Sinto eles mais presentes, e mais próximos. Ao falar com eles através de videochamada, sinto que a distância que existe entre nós deixa de existir.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, Estudante/trabalhador.).

“Nunca imaginei que um dia alguém podia inventar o celular, ou tecnologia que permitisse ver outra pessoa. Gosto de comunicar através destas coisas, porque dá para você ver seus familiares e eles também conseguem te ver. Estas coisas são muito melhores do que as cartas e melhores do que o telefone fixo. Eu acho que, ver os familiares é melhor. Comunicar com familiares através de carta e telefone fixo é como comunicar com pessoas no escuro em que não dá para ver a pessoa e comunicar através de videochamada

é comunicar com a pessoa num espaço iluminado em que dá para enxergar essa pessoa.”
(E3, Masculino, 69, 4º ano, Aposentado).

Os entrevistados comunicam frequentemente com seus familiares através de redes sociais, sendo a maior parte desta comunicação feita através de videochamada, embora recorram também aos sms do WhatsApp. Estas conversas, através de videochamadas, tanto podem ser curtas como longas.

“(…) Comunico com a minha mãe pela videochamada sempre e a conversa é longa na maioria das vezes. Mesmo em chamadas de áudio, a nossa conversa é longa, porque eu pergunto para ela se está tudo bem, se está com dinheiro, se já comeu. Começamos a falar da nossa família, dos nossos vizinhos. Assim a conversa prolonga.” (E13, Feminino, 25 anos, 12º, trabalha na creche).

“(…) Conversamos pela videochamada várias vezes por dia no grupo. Ligamos todos os dias e estas conversas são longas na maioria das vezes. São conversas de uma hora e meia ou mais. São longas, porque no grupo, estão incluídas 8 pessoas. Então, quando uma pessoa fala, outra responde, assim sucessivamente. Isso prolonga a conversa [risos].” (E15, Feminino, 30 anos, Mestre, trabalha em Salão de beleza e estética).

“(…) Nos períodos de aulas, falamos menos pela chamada [ela e a filha], porque os horários de aula dela e os meus horários de trabalho não coincidem.” (E16, Feminino, 29 anos, 9º ano, Trabalha em McDonalds).

Os imigrantes e seus familiares, não conversam apenas coisas consideradas importantes, como refere Licoppe (2004) nestas chamadas longas, as pessoas dedicam tempo a falar, a trocar notícias sem qualquer propósito claro, ou sem ter nada de especial para dizer, apenas para falar. A comunicação entre eles através de redes sociais, intensificou-se em comparação com a interação anteriormente feita através do telefone fixo.

Os entrevistados, com idade mais elevada e com menos nível de instrução (E2 e E3), não comunicam tanto com seus familiares através de mensagens como os mais jovens.

“Trocamos poucas mensagens. Jovens é que mais trocam mensagens. Comunicamos sempre através de videochamada (...) Falamos muitas coisas, perguntamos para família, se está tudo bem.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

“(...) Não comunico com eles através de mensagens (...), porque trabalho na pintura de vez em quando e pode cair e partir, por isso, uso mais aqueles telemóveis mais antigos, mas também é importante, serve. (E3, Masculino, 69 anos, 4ºano, Aposentado).

Quando as mensagens são trocadas de modo mais frequente, tendem a ser curtas, mas quando não são trocadas com frequência, tendem a ser longas. Estes contatos curtos e frequentes, conforme refere Licoppe (2004) possibilitam a presença conectada entendida por ele como a acessibilidade constante dos nossos próximos, sobretudo através de telemóveis. Acrescenta, esta prática conectada é caracterizada pela proliferação de interações para manter vínculos constantemente ameaçada pela distância e ausência.

“Às vezes, distraio-me e passo 5 dias sem enviar mensagens. Quando as trocamos, são longas. É muita coisa para dizer, não as trocamos todos os dias, é por isso. Por exemplo, se passamos 3 dias a trocá-las consecutivamente, elas e as conversas de voz e de vídeo ficam mais curtas.” (E6, Feminino, 26 anos, 12º ano, empregada de balcão e auxiliar de limpeza).

“Trocamos mensagens sempre. Frequentemente. As mensagens que trocamos são curtas na maioria das vezes. É por isso, que as cartas eram longas, porque não as trocavam com tanta frequência. Então, quando as trocavam, aproveitavam e escreviam tudo. Mandavam hoje e recebiam um mês depois.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, estudante-trabalhador).

A questão sobre a frequência do contato permitiu-nos captar as questões da desigualdade digital, abandonando a perspetiva binária¹⁰ que é tecnologicamente determinista. É preciso ter em conta que a frequência do contato ou o *estar sempre em interação* depende de outros fatores como, por exemplo, do tempo disponível para se estar online (Simões *et al.*, 2011), da motivação, das competências de uso das TIC (Furtado, 2007; Simões, 2005) entre outros fatores. Para Dijk (2003, apud Furtado, 2007) os indivíduos usam a tecnologia com maior ou menor frequência e de diferentes modos, o que significa que se está “progressivamente a passar de uma simples fratura de *acesso* para uma fratura de *uso*” (DITO, 2004 apud Furtado, 2007, p. 98). A confusão entre

¹⁰ A perspetiva binária trata as questões de desigualdades tecnológicas e comunicacionais apenas em termos de acesso físico às TIC (desigualdades entre os que têm e os que não têm), sem levar em consideração outros fatores, como por exemplo, a motivação, as competências digitais, as competências de procura, os usos desiguais, que podem também contribuir para tais desigualdades. Uma abordagem multidimensional da desigualdade digital permite uma análise mais aprofundada de tais desigualdades. A perspetiva binária “deixa crer que a fratura ocorre entre posições absolutamente desiguais (os que têm acesso e os que não têm)” (Furtado, 2007, p. 99), subestimando as desigualdades que surgem no pós acesso.

esses dois patamares (excluídos ou incluídos quanto à posse das TIC e incluídos e excluídos da informação) tem ocultado uma questão central que se coloca às sociedades contemporâneas e que constitui uma outra dimensão do acesso às TIC: as desigualdades de uso (Simões, 2005; Simões *et al.* 2011).

“Como a vida aqui é difícil, ou seja, andamos muito ocupados, acabamos por ficar sem tempo para outras coisas que não dizem respeito ao trabalho, comunico com meus tios e primos com pouca frequência. Nem com a minha mãe, consigo falar todos os dias” (E6, Feminino, 26 anos, 12º ano, empregada de balcão e auxiliar de limpeza).

“(…) Era complicado conseguir entrar em contato com a minha irmã que sempre esteve em Cabo Verde, porque a internet lá não era como atualmente, raramente conseguia falar com ela. Aqui, o acesso à internet é maior” (E1, Feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

Tais fatores que, explícita ou implicitamente constam nas falas dos entrevistados (falta de tempo e a fraca cobertura da rede, refletem a desigualdade comunicacional entre famílias transnacionais. Estes fatores conforme refere Perrenas (2005), põem em causa a intimidade entre famílias transnacionais.

7.2- As diferenças entre a interação através das redes sociais e a presencial

Nesta secção abordamos as perceções das diferenças que há entre a interação através de redes sociais e a presencial tendo em conta, em primeiro lugar, as questões da proximidade e impessoalidade para em seguida analisar as pistas ausentes e/ou presentes nestas duas formas de interação.

7.2.1- Entre a proximidade e a impessoalidade

Nesta secção vamos abordar a questão da maior ou menor proximidade ou impessoalidade entre os imigrantes e as suas famílias em Cabo Verde, comparando a proximidade virtual com a física. Para a análise desta secção, além da proximidade, teremos em atenção, tendo em conta a bibliografia consultada, os seguintes aspetos: a expressão das emoções (Derks *et al.* 2007; Batista *et al.*, 2010), a intimidade (Bacigalupe & Parker, 2016; Batista *et al.*, 2010) a confiança (Batista *et al.*, 2010), tendo-se acrescentado a questão da empatia.

Korzenny (1978) deixa explícito na teoria da proximidade eletrónica, que os comunicadores conectados podem experimentar uma sensação de proximidade. No presente estudo, são expressas duas percepções distintas: Um entrevistado (E2) não se sente mais próximo ou mais perto dos seus familiares quando está a comunicar com os mesmos através de videochamada, enquanto os restantes, afirmam sentir-se mais próximos.

“Falar com eles através de videochamada, não me faz sentir eles mais perto de mim (...) a minha família está sempre comigo, não é videochamada que vai me fazer sentir eles perto de mim. Mantenho-a sempre na minha memória.” (E2, Masculino, 65 anos, 4º ano, Ferreiro).

“Elas [redes sociais], permitem que interagamos instantaneamente. Imediatamente. Sinto eles presentes, quando estamos a conversar através de videochamada. É como eu te disse, a sensação de presença é a mesma que aquela que sinto quando estamos a falar pessoalmente. Por exemplo, eu posso fazer uma videochamada agora e incluir pessoas na China, em Cabo Verde ou pessoas que estão em qualquer parte do mundo na conversa, falamos em momento real e isso cria a sensação de presença e de proximidade.” (E5, Masculino, 39 anos, Mestre, Técnico Informático).

“Comunicar com eles através de redes sociais, me faz sentir eles mais perto de mim. Principalmente a videochamada. Quando estou a falar com eles através de videochamada, vejo a casa toda, vejo-os e sinto como se eu estivesse lá. Fico feliz. Sinto próximo deles e sinto em casa. Através de SMS, sinto mais distante. Porém, a proximidade virtual que a videochamada me permite não é igual a proximidade física, porque através de videochamada, é aquela sensação de proximidade que sinto durante as conversas. Depois da conversa, sinto que não estou lá realmente. Também se eu estivesse lá fisicamente, conseguiria tocar nas minhas coisas, tocar neles, sentir eles.” (E15, Feminino, 30 anos, Mestre, trabalha em salão de beleza e estética).

“Não posso negar que não a sinto mais perto de mim [a filha]. A saudade diminui. Não sinto tão perto dela, como sinto quando estamos a falar cara a cara, porque longe, não consigo apalpá-la, e nem a sentir.” (E16, Feminino, 29 anos, Trabalha em McDonalds).

De realçar, que esta proximidade virtual que a videochamada permite, não é igual a proximidade física, conforme a percepção partilhada por diversos entrevistados (E1, E8, E9, E10, E12, E13, E14, E15 e E16). No contexto físico, a presença dos outros é sentida com mais vigor. Algumas formas de comunicação, permitem uma maior proximidade entre os familiares ou não familiares do que as outras formas. Por exemplo, a videochamada é tida como aquela que permite uma maior

proximidade em comparação com as mensagens e cartas, o que reporta ao que é afirmado por Korzenny (1978) na teoria da proximidade eletrônica: quanto maior a largura de banda¹¹, maior a proximidade.

“Quando estamos a comunicar através de redes sociais sinto-os mais perto de mim do que quando estamos a comunicar através de carta, porque através de redes sociais os vejo. Quando leio as cartas, sinto mais saudade deles.” (E7, Masculino, 43 anos, 12ºano, técnico de caixa).

A proximidade virtual que as redes sociais possibilitam entre eles, é sinónimo daquilo que Baldassar (2008) chama de copresença virtual. Neste estudo, detetou-se, que eles experimentam ou praticam outros tipos de copresença, além da virtual, como por exemplo, aquilo que Baldassar (2008) denominou de copresença por procuração, em que a presença das pessoas é conseguida através de objetos, presentes ou comida. Segundo Cólera (2010), uma vez que estes objetos são tangíveis, materializa a presença do outro. E6, é um dos exemplos.

“Tenho um vestido que recebi da minha mãe. Quando toco o vestido, sinto ela presente. É um vestido para minha bebé e não cabe mais nela, mas não vou jogar fora nunca, porque me faz lembrar dela [da mãe].” (E6, Feminino, 26 anos, 12º ano, empregada de balcão e auxiliar de limpeza).

Por sua vez, o E12, experimentou aquilo que Robertson *et al.* (2016) denominaram de copresença imaginária, em que a pessoa, sente a presença do outro através de moldura que ela mesma cria (isto é, junta imagens dele e dos seus familiares numa só fotografia como forma de os sentir mais próximos).

“Sei fazer tudo. Criei uma moldura com membros da minha família. Aquela foto tem um significado de amor, compaixão, desperta um sentimento puro em mim. Quando vejo, sinto-os presente, próximos.” (E12, Feminino, 24 anos, 12º ano, auxiliar de criança).

Passando à expressão das emoções por parte dos respondentes, detetaram-se três situações diferentes: (i) uns sentem que expressam mais tanto as suas alegrias quanto as tristezas através de videochamada; outros sentiram diferenças, porém, ao contrário dos primeiros, afirmando expressá-las mais pessoalmente. (E4, E10, E11 e E16); outros, ainda, não sentem que haja diferenças, pois expressam-nas através desses dois meios do mesmo modo. (E1, E2, E3, E7, E9).

¹¹ O termo Largura de Banda, que também se refere à capacidade do canal, é a quantidade de sinais que um determinado canal pode suportar, isto é, é a quantidade de sinais que os diferentes meios de comunicação podem transmitir (Stahmer & Havron, 1973).

“Através de videochamada, expresso mais as minhas emoções. Pode tornar uma chatice ver uma pessoa todos os dias ou partilhar a casa com a mesma, mas quando passamos a viver longe uma da outra, damos mais valor, sentimos saudade, e ficamos com vontade de saber como ela está. Só quando passamos a viver longe é que damos conta de que não era chatice viver junto com aquela pessoa (...) É a partir do momento em que as coisas começam a nos fazer falta, que começamos a dar mais valor e a expressar mais. Ficamos a dizer: se eu soubesse, partilhava as minhas alegrias, abraçava mais e etc.” (E14, Feminino, 37 anos, 12º ano, repõe as compras na loja continente).

“Presencialmente, expresso melhor. Seguro a mão da pessoa, canto, grito... |risos| expresso com corpo e não apenas com a voz (palavra). No caso de tristeza é a mesma coisa, isto é, expresso melhor pessoalmente, porque choro e peço que me consolem. Sempre que estou carente, peço abraços.” (E11, Feminino, 26 anos, 12º ano cozinheira e auxiliar de limpeza).

“Independentemente dos meios, conto as minhas alegrias e tristezas. Eu expresso sempre. Não guardo nada por dentro. Expresso, porque família é uma fonte, é base e pilar e é nela que procuramos aconchego. É lá que mostro os meus descontentamentos e é lá também que recebo forças e coragem. Contamos um ao outro as nossas tristezas e alegrias pelas mensagens, áudio e videochamada, como forma de aliviarmos, e de celebrar a felicidade do outro.” (E9, Feminino, 34 anos, licenciada, camareira).

Há autores que consideram que a expressão de emoções numa comunicação mediada por computador é mais difícil do que numa comunicação face a face (Derks *et al.* 2007; Batista *et al.* 2010) o que pressupõe que o meio de comunicação usado determina a maior ou menor impessoalidade ou proximidade. Os testemunhos mostram posições diversas, não indo de encontro a tal argumentação. As diferentes posições dos respondentes aproximam-se mais do que defende Fischer (1985) que criticando o determinismo tecnológico, considera que os artefactos tecnológicos não determinam os usos; embora criem novas oportunidades, há sempre fatores sociais, incluindo a escolha social que moldam os usos dos artefactos.

Embora para Derks *et al.* (2007) na sequência do que acima foi referido, o papel do contato corporal é importante para a expressão das emoções tanto positivas (tocar, abraçar) como negativas (bater). Tal não vai de encontro aos testemunhos de alguns entrevistados que passaram a expressar mais intensamente as suas emoções aos familiares quando passaram a viver distantes destes. Tendo em conta os dois contextos de interação (mediada e a presencial), pode-se afirmar que, as emoções podem ser manifestas através de canções, gritos, choros, voz (palavra) e pedidos de abraços.

Relativamente à maior intimidade, por exemplo, maior abertura a falar-se de aspectos pessoais) detetaram-se cinco situações diferentes: (i) grande parte dos entrevistados tem mais facilidade em contar aspetos da vida pessoal aos seus familiares pessoalmente (E4, E5, E6, E9, E10, E12, E14, E15, E16); (ii) dois entrevistados (E7 e E11) afirmam ter mais facilidade através de redes sociais; (iii) três (E1, E3 e E8) afirmam ter a mesma facilidade pessoalmente e através de redes sociais; (iv) E2 afirma não ter nenhum segredo e o (v) E13 afirma ser tímida, e por isso, não conta nem pessoalmente nem virtualmente.

“Conto os meus segredos com mais facilidade pessoalmente e não através de redes sociais. Não conto nenhum segredo através de redes sociais. A primeira coisa que aprendi quando ingressei no curso de informática, foi a “segurança e os riscos na internet”. Por isso, não coloco nenhum dos meus familiares nas minhas redes sociais, não publico todos os momentos que vivo nas redes sociais, não publico nada que diz respeito à minha vida profissional.” (E5, Masculino, 39 anos, Mestre, Técnico Informático).

“Quando engravidei, eu estava lá em Cabo Verde e fiquei com medo de contar ao meu pai, porque pensei que eu ia apanhar, mas não. Não apanhei. Se eu estivesse aqui em Portugal, eu contava pelo telefone (redes sociais) com mais facilidade, mas presencialmente senti medo de contar. Há distância, não estaria sujeito a críticas. Eu podia até ser criticada, porém não ia me afetar em nada.” (E11, Feminino, 26 anos, 12º ano, Cozinheira e Auxiliar de Limpeza).

“Tenho a mesma facilidade em contar os meus segredos tanto através de videochamada quanto pessoalmente. Para mim não há diferença. Sou direta. O que tenho para falar, falo. Se estou na frente da minha mãe conto, se estou longe, também conto.” (E1, Feminino, 37 anos, 4ºano, Empregada Doméstica).

A consciência que alguns têm dos riscos que há na internet, faz com que os mesmos evitem falar dos seus aspetos pessoais através das redes sociais. A presença física, por sua vez, pode, em determinados casos, funcionar como uma barreira comunicacional, isto é, alguns sentem medo ou vergonha de falar certas coisas (mais pessoais) cara a cara, por receio da reação de familiares.

Quanto à empatia, detetaram-se três situações diferentes: (i) uns são mais empáticos pessoalmente, ou seja, conseguem colocar-se mais no lugar dos seus familiares e sentir o que estes estão a sentir, quando estão presencialmente com os mesmos. (E5, E6, E7, E10, E12, E14); (ii) outros (E8, E9, E11, E13, E15, E16) afirmam ser tão empáticos à distância (através de redes sociais) como pessoalmente; (iii) por sua vez, o E4 é o único que afirma ser mais empático à distância.

“Pessoalmente, consigo perceber melhor do que através de videochamada, os problemas deles, porque vivencio fisicamente com eles e o problema deles acaba por passar/transmitir para mim. Por exemplo, imagina uma pessoa sensível chegar em ti agora e dizer que o pai da tua melhor amiga morreu. Por ela ser sensível, a tendência é de ela abraçar você e ao abraçar-te, ela transmitirá aquela energia ou dor para ti e consequentemente vais sentir a mesma coisa que ela. Pessoalmente, a pessoa sente mais os problemas dos outros.” (E5, Masculino, 39, Mestre, Técnico Informático).

“A partir do momento que a pessoa tira o seu tempo e vem me contar os problemas dela, eu tenho de colocar no lugar dela, independentemente do meio. E tento recorrer até último recurso para ajudar as pessoas a solucionarem os seus problemas. Não é atoa que estudamos a área social...para colocarmos sempre no lugar do outro” (E9, Feminino, 34 anos, Licenciada, Camareira).

“Através do telefone fixo, redes sociais, se calhar, a empatia é maior, porque, não estás lá para ver a pessoa e você fica sem a noção da quantidade da gravidade. Por exemplo, imaginemos, se um familiar ligar o outro no estrangeiro e contar pelo telefone fixo que caiu, a pessoa ao receber esta notícia, fica preocupada, porque não viu se aquela que caiu, se machucou tanto ou não... então, a empatia acaba por ser maior. A falta de mais informação gera mais empatia.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, Estudante/Trabalhador.)

Nas interações presenciais, algumas pessoas são mais empáticas com outras, devido ao calor humano que é transmitido nos momentos problemáticos. Vários respondentes deram esta resposta. Quando alguns têm conhecimento de problemas de outros, tendem a colocar-se mais no seu lugar de modo a partilhar o que os outros estão a sentir, embora alguns se tornem mais empáticos, mesmo carecendo de detalhes sobre os problemas. A esta última forma de empatia, denominamos de empatia imaginativa¹².

7.2.2- Comparação de pistas disponíveis na interação através de redes sociais e presencial

A importância das pistas expressas na interação presencial

Os entrevistados percebem melhor, nos contextos da interação presencial, o real significado da interação, uma vez que estão presentes as pistas ou metalinguagem, como por exemplo, gestos,

¹² Empatia Imaginativa, pelo fato de as pessoas não terem conhecimento ou detalhes sobre o problema de outros, imaginando o estado em que estão e tentando vivenciá-lo.

posturas, expressão corporal e facial. Nesse sentido, Bateson (1995, apud Neves & Pinheiro, 2010) salienta que, a metalinguagem, é fundamental para compreendermos o real significado da ação do outro e que sem ela, perderíamos uma parte importante da mensagem. Através de videochamada, estas pistas podem não ser bem visíveis, o que nos remete para a afirmação de Sproull & Kiesler (1986) de que todos os meios de comunicação, atenuam, pelo menos em algum grau, as pistas do contexto social disponíveis na conversa face a face.

“(…) Pessoalmente, estou lá, é mais difícil omitir as coisas. Se a pessoa for inteligente, consegue ver se estou ou não a ser real. Por exemplo, através de videochamada, posso armar uma tenda e fazer uma videochamada e enganar as pessoas que estou em casa, mas pessoalmente não falo isto, porque descobrem logo que não estou a falar verdade.” (E4, Masculino, 35 anos, 12º ano, Estudante/trabalhador).

“Pessoalmente, percebo melhor se estão a ser sinceros ou não comigo. Eu gosto que as pessoas falem comigo, mas também que façam gestos ao mesmo tempo. Gosto que falamos não apenas com a boca, mas também com o corpo. Pessoalmente, vejo expressão corporal e facial, estas coisas. Pelo telefone, posso fingir que estou contente, alguém pode acreditar, mas pessoalmente se alguém fingir, percebo até porque estarei mais dentro do assunto. [risos]. Na videochamada dá para ver a parte facial apenas, mas pessoalmente, dá para ver gestos, posição, estas coisas.” (E11, Feminino, 26 anos, 12º ano, cozinheira e auxiliar de limpeza).

Presencialmente, consigo perceber melhor se estão ou não a ser sinceros comigo, porque através de videochamadas, as pessoas ocultam muitas coisas para nós. “Pessoalmente, a atitude, a maneira de ser, a forma como a pessoa fala comigo... tudo isso, me ajuda a detetar se a pessoa está ou não a ser sincero comigo (...) Através da internet, não conseguimos acompanhar tudo (...) Através de videochamada, eu posso estar a falar com a pessoa e ela pode estar a fazer outra coisa e posso não detetar bem a expressão facial, por exemplo, há uma coisa que as pessoas fazem... tipo não me interessa... com a face... e pela videochamada é difícil detetar isto. Presencialmente, consigo ver se estão a ser sinceros, na atitude que assumem perante aquilo que falam.” (E9, Feminino, 34 anos, licenciada, camareira).

Pistas na expressão das emoções e da empatia nas duas formas de interação

Alguns entrevistados, percebem os estados emocionais dos seus familiares através de videochamada tão bem quanto pessoalmente. (E3, E4, E6, E9, E11, E12 e E13). Por sua vez, outros, afirmam perceber melhor, pessoalmente.

“Eu percebo os estados emocionais dos meus familiares através de videochamada como percebo pessoalmente, porque eles me mostram o rosto.” (E11, Feminino, 26 anos, 12º ano, cozinheira e auxiliar de limpeza)

“Pessoalmente, percebo melhor, porque mesmo que não me falarem nada, consigo perceber, na forma como agem, como levam o dia-a-dia. Chego a conclusão de que alguma coisa está a passar. Pela videochamada, é se eles falarem alguma coisa para percebermos e às vezes, através do rosto. Pela internet, eles disfarçam para não me deixar preocupada. Pessoalmente é difícil conseguir disfarçar.” (E15, Feminino, 30 anos, Mestre, Trabalha em salão de beleza e estética).

Para uns, a expressão facial é um meio suficiente para a percepção dos estados emocionais, mas, para outros é insuficiente, acrescentando, além da face, a ação da pessoa ou postura corporal, como pistas que contribuem para a percepção dos estados emocionais. Isto, está muito relacionado com a afirmação de Baldassar (2008) de que as emoções se manifestam através de ações ou práticas. Importa referir também, que o disfarce das pessoas na videochamada, pode dificultar mais a percepção do real estado emocional do que se a interação fosse presencial.

Passa-se de seguida, para a relação entre as pistas e a empatia, tendo em conta a interação presencial e através das redes sociais. Devido à ausência de pistas na interação através de telemóvel, alguns acabam por ser menos empáticos perante esta forma de comunicação.

“(…)Podem me contar, mas não é a mesma coisa que se eu ver e presenciar. Imagina, se eu tocar, eu sinto (...) pelo telemóvel, não sinto os problemas dos outros ... nem um pouco.” (E10, Feminino, 14 anos, 7º ano, Estudante).

A importância da presença e/ou ausência das pistas na interação através de redes sociais e na presencial levou também, os entrevistados a expressarem percepções diferentes em relação à confiança.

“Eu acredito mais naquilo que me falam pessoalmente, porque é como eu te disse, nas redes sociais, na videochamada, as pessoas ocultam coisas. Apenas a conversa, não é suficiente para sabermos algo. Por exemplo, o meu irmão pode me ligar e falar para mim que ele está em Assomada, quando na verdade está na cidade da Praia. Presencialmente, não acontece isto.” (E9, Feminino, 34 anos, licenciada, camareira).

“Independentemente do meio, confio em tudo aquilo que me falam. Não confio se caso me provarem o contrário.” (E8, Feminino, 27 anos, Licenciada, Consultora TI).

A videochamada/redes sociais é o espaço onde certas pessoas omitem coisas, o que leva alguns a não confiarem naquilo que lhes são ditos neste espaço. Outra razão que leva alguns a não confiarem naquilo que lhes são ditos através deste meio, está associado à dificuldade em captar além das palavras, isto é, dificuldade em enxergar mais pistas que possam ajudá-los a compreender a verdadeira intenção da interação.

A pista da atenção na interação presencial e na interação através de redes sociais.

Questionados, se ficam mais atentos naquilo que está a ser dito pelos seus familiares, pessoalmente ou através de videochamada, alguns entrevistados (E1, E5, E8, E11, E12, E14 e E16) afirmam ficar mais atentos através de videochamada. Outros (E4, E6, E7, E9, E10) afirmam ficar mais atentos, pessoalmente. Outros ainda, (E2, E3, E13, E15) afirmam prestar atenção, através de videochamada e pessoalmente do mesmo modo.

“Através de videochamada, presto mais atenção neles e no que estão a me dizer, porque estou longe, quero saber tudo o que está a passar, acompanhar todas as novidades. Perto ou pessoalmente, digo: já sei da história e do que se passa aqui, tchau, beijinhos... longe, tenho de aproveitar cada momento, porque quando desligarem o telefone, não os terei mais. Mais vale, aproveitar o momento, porque, posso deixar para depois e encontrá-los indisponíveis.” (E1, feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

“Quando estamos a falar através de videochamada, fico menos atento neles do que quando estamos a falar pessoalmente. Imagina, eu estava na videochamada com a minha avó agora, e estava a fazer outra coisa ao mesmo tempo, estava também a falar contigo. Há distração. Se fosse numa comunicação cara a cara, não faria estas coisas. Não desfocava dela e dos olhos dela para falar contigo. Daria uma atenção melhor para ela.” (E7, Masculino, 12º ano, 43 anos, técnico de caixa).

“Fico atento neles através de videochamada do mesmo jeito que fico pessoalmente, porque eles são meu sangue, meus familiares. Não sei que novidades eles tem para me dar, por isso, fico atento. Estou longe de alguns familiares, tenho de ficar atento para saber se passou algo com eles ou não.” (E3, Masculino, 69 anos, 4º ano, Aposentado).

Embora sejam esperadas, segundo Licoppe (2004) certas formas de ajustamento mútuo e de atenção durante a CFaF, alguns entrevistados não ficam bem atentos nas conversas perante esta forma de comunicação. Um dos motivos para tal, é porque partem de princípio de que, ao estar perto da pessoa, há possibilidade de interação a qualquer instante e que no caso de não captarem alguma coisa, podem voltar a perguntar a qualquer momento. A atenção é também esperada na comunicação por videochamada conforme autor, o que não significa que todos fiquem atentos, ficando alguns mais para poderem captar além do que é dito verbalmente.

Capítulo 8 - Consequências da manutenção da interação mediada com os familiares

Os imigrantes, ao manterem-se em contato com os familiares, podem desfrutar, por um lado, de um conjunto de vantagens, mas por outro, podem deparar-se com alguns aspetos negativos. Neste capítulo, pretendeu-se captar tanto as consequências positivas quanto negativas que esta manutenção da interação mediada acarreta para estes imigrantes.

8.1- Consequências positivas

O contato que os imigrantes mantêm com os seus familiares através das TIC, trouxe várias consequências positivas para os mesmos. O bem-estar emocional, a sensação de presença dos familiares e o alívio da saudade que a comunicação provoca são as consequências mais referidas. No que se refere ao alívio, Cólera (2010) afirma que ouvir o outro gera tranquilidade, pois pela voz, sabe-se que o outro está vivo.

O bem-estar físico e psicológico, o sentimento de pertença e sentimentos de refúgio, ainda que à distância, foram mencionados também, por alguns entrevistados. Quanto à questão do refúgio, Stern & Messer (2009) argumentam que, por exemplo, após um período de desastres naturais ou dissolução familiar, esses laços fortes podem fornecer um refúgio para membros da família que dele tenham necessidade. No que respeita ao sentimento de pertença, Gonzalez & Katz (2016) afirmam que ele é crucial para a conexão e continuidade familiar e a conexão das famílias transnacionais. Pode-se referir ainda que, por um lado, essa manutenção do contato motiva alguns a continuarem a labutar no país de acolhimento ou, como refere Hillyer (2021) ajuda-os a adaptarem-se à sociedade onde se encontram e, por outro lado, fazem-nos sentir mais na sua casa de origem. Sentem aquela sensação que Cólera (2010) denomina de *estar lá sem estar*.

“A comunicação que mantenho com meus familiares trouxe um conjunto de benefícios para mim: fico a saber como eles estão; sinto que estamos juntos; consigo ouvi-los. Sinto triste pelo facto de eu estar a viver longe da minha família, assim, ouvi-los e vê-los é sempre bom. Apesar de distância, sinto que ainda pertenço aquela família, até a minha mãe e minhas irmãs, falam para mim que, parece que estou lá sentada com elas; contribui para o bem-estar, mas, às vezes, sinto triste, alivia por um lado por outro não. Acaba por

ter um certo impacto não só na minha identidade, mas também na identidade da minha filha, porque ela fica a saber de onde eu vim e de onde ela veio, fica a saber das raízes dela.” (E1, Feminino, 37 anos, 4º ano, empregada doméstica).

“Eles são meu suporte; me apoiam, falar com a minha mãe me deixa mais motivada; ela traz a luz sobre a minha luta; e a minha luta torna mais significativa, porque sei que tenho ela para orgulhar de mim e pessoas com quem comemoro a minha vitória... influenciam positivamente a forma como encarro a emigração. Todas as dificuldades parecem pequenas, porque tenho alguém que me dá suporte. Sinto bem ao falar com eles; se eu não estou a sentir bem, claro que não vou levar uma vida estável aqui. Eles contribuem 90% para o meu bem-estar psicológico e isto, me ajuda a manter fisicamente bem aqui. Família é tudo.” (E6, Feminino, 26 anos, 12º ano, Empregada de Balcão e auxiliar de limpeza).

A manutenção deste contato, acaba por ter um impacto positivo na autoestima de alguns imigrantes e “cria uma intimidade virtual entre estes e seus familiares.” (Gonzalez & Katz, 2016, p. 2683; Bacigalupe & Parker, 2016, p. 15).

“Eu não ia para o ginásio. A minha vida era casa - trabalho e vice-versa. Sentava e comia despreocupadamente. Depois que cheguei aqui, emagreci muito e eles ao verem, elogiam-me e sinto mais vontade de viver. A minha autoestima já é alta, ao me elogiarem sobe ainda mais.” (E9, Feminino, 34 anos, licenciada, camareira).

“(…) Através de messenger, ou à distância, a pessoa fica com maior intimidade em relação à outra. Passa a falar de certos aspetos com pessoas (principalmente aquelas com idade mais avançada) com quem sentia vergonha de falar pessoalmente. Fala coisas através de redes sociais que presencialmente não era capaz de falar.” (E8, Feminino, 27 anos, Licenciada, Consultora de TI).

8.1.1- Atividades realizadas entre imigrantes e seus familiares através de TIC

Dada a sua especificidade, optamos por separar as atividades realizadas dos outros aspetos positivos decorrentes da interação mediada por redes sociais. Analisam-se as atividades que os imigrantes e seus familiares, mesmo à distância, “realizam” juntos tendo em consideração dois aspetos: os eventos familiares e o ensino/aprendizagem.

Todos os entrevistados já realizaram algum tipo de atividade com seus familiares. Festas de aniversários e reuniões familiares são os eventos mais realizados entre eles. Alguns, ao visitarem

outros parentes pessoalmente, ligam a familiares distantes para marcarem presença (virtual) nesta visita. Outros assistem a jogos, funerais e fogos de artifícios juntos virtualmente. Outros, ainda, dançam simultaneamente a mesma música através de videochamada.

No que respeita ao ensino/aprendizagem, alguns pais fazem brincadeiras educativas com filhos, como é o caso do E11, como forma de ensiná-los à distância. Outros dão feedback sobre como cozinhar certos tipos de pratos através do ecrã ou *pedaço de vidro*, conceito empregue por Toumi (2022).

Além das duas categorias de atividades mencionadas, exercem ainda outras à distância, como, por exemplo, a prestação de cuidados. São tomadas, em alguns casos, decisões conjuntas como, por exemplo, o que comprar, o que fazer em determinadas situações e mudanças de casa.

Um número significativo de atividades mencionadas pelos entrevistados foram referidas por autores como Baldassar *et al.* (2016); Bacigalupe & Parker (2016), Cólera (2010) e Marinho (2021).

Algumas destas atividades, das menos importantes às mais sérias, fazem os imigrantes sentirem-se mais inseridos no seio familiar ou socialmente. Tais atividades permitem a copresença virtual, isto é, ao exercerem essas atividades através das redes sociais, sentem que familiares distantes estão mais presentes; a distância entre eles atenua-se.

“Mostro casas que alugo, roupas que compro e peço a opinião; ela me ajuda a tomar as decisões à distância; ela [mãe] continuou presente na minha vida; liguei a câmara para ela cantar parabéns para minha filha à distância. Ela viu tudo. Chegou um tempo que comemos bolo à distância, fiz o bolo para ela e liguei o vídeo e comi. Disse para ela, que eu estava a comer aquele bolo para ela. Ela assistiu meus momentos pré-parto.” (E6, Feminino, 26 anos, 12º ano, Empregada de Balcão e Auxiliar de Limpeza).

“Tenho familiares que vivem em CV, já participamos em festas de aniversários e casamentos. Nestas festas, as pessoas sentem inseridas. Assistimos jogos de Benfica à distância juntos, prestação de cuidados (Quando estão doentes, sugiro o remédio adequado para a doença e tipo de instituição onde vão encontrar o remédio) isto acontece muito connosco. A minha avó teve câncer há 2 anos, então indico a ela o remédio sempre, mas graças a Deus, ela já está bem.” (E7, Masculino, 43 anos, 12º ano, Técnico de Caixa).

“Brincamos à distância: eu cubro o rosto com a mão, depois tiro e digo para ele: aqui estou e ele fica a rir. Como ele está na creche, brincamos de números. Pergunto a ele quantos dedos ele tem, para ele aprender a contar. Eu invento músicas educativas e fico a cantar para ele. Por exemplo, eu canto que o sapo não lava o pé e mostro o pé. Coloco o telemóvel num sítio que dá para aparecer o meu corpo todo...canto para ele que a criança

tem de escovar os dentes todos os dias e mostro os dentes e etc. a minha irmã, muitas vezes, me chama de louca, mas não é loucura, é ensinar e alegrar ele.” (E11, Feminino, 26 anos, 12º, Rececionista e Auxiliar de Limpeza).

8.2- Consequências negativas

A manutenção do contato trouxe também consequências negativas para alguns imigrantes. A “pressão” que familiares fazem para mandarem algo, como por exemplo, dinheiro ou roupas e o controlo exercido sobre a sua vida pessoal e afetiva são os aspetos negativos mais enunciados. Tal controlo é exercido não apenas sobre os imigrantes com menos idade (E10), mas também sobre adultos, como é o caso do (E7). O *estar sempre presente* na vida um do outro, mesmo à distância, como referem (Baldassar *et al.* 2016, p. 139) “tem importantes implicações na vigilância social e pode resultar em maiores níveis de conflito, principalmente para aquelas que já tem relacionamentos instáveis”. Outros aspetos negativos são mencionados. Por um lado, alguns mantêm-se em contato com os seus familiares, não por vontade própria, mas sim para agradá-los, criando-se um sentido de obrigação por parte de alguns imigrantes, por outro, pode-se dizer, que mesmo à distância, alguns familiares conseguem ter um certo poder sobre alguns imigrantes, por exemplo, o poder de fazer com que estes tomem certas decisões. (E8 e E7).

“Acho que a comunicação que mantenho com certas primas trouxe aspetos negativos para mim, porque ficam a pedir roupas; pensam que aqui a vida é fácil e que estamos cheio de dinheiro. Eu, como vim de lá, nos finais de semana tenho de ligar e isso cria um sentido de obrigação sim. Quando eu estava em Cabo Verde, não me perguntavam nada sobre namorado, com quem andava, mas depois que cheguei aqui, de vez em quando o meu pai e a minha avó me perguntam estas coisa. Às vezes, conto que o fulano é meu amigo e não acreditam. Se eu sair com amigos, falam que é meu namorado. Eu falo que não e digam que sim”. (E10, Feminino, 14 anos, 7º ano, estudante)

“Às vezes, faço coisas que o meu pai gosta e evito agir contra a vontade dele. Ainda ontem, ele me disse que Portugal está assim e assado, que temos de procurar um país com melhor condição.” (E8, Feminino, 27 anos, licenciada, consultora de TI)

“(…) Me perguntam [Pais] com quem ando, o que ando a fazer, eles me disseram uma vez, que já ouviram que estou a andar com fulano e que tenho de fazer

cuidado. E já deixei de andar com alguém que eles não queriam. Evito. (E7, Masculino, 43 anos, 12º ano, Técnico de Caixa).

Considerações Finais

As famílias transnacionais mantêm um sentido de presença entre si, apesar da distância e mantêm relações ou laços sociais significativos, o que segundo Baldassar *et al.* (2016) desafia o pressuposto da necessidade da proximidade física para a sustentação de relações fortes entre familiares e amigos. Tal sentido de presença, que os familiares podem manter uns com os outros, é possibilitado pelo que Madianou e Miller (2012) denominaram de polimédia, um ambiente de proliferação de oportunidades comunicativas.

É incontornável que as tecnologias, em particular as redes sociais, podem permitir uma maior ligação familiar, maior suporte emocional, ligação ao país de origem e à sua cultura, embora a percepção e as vivências dos imigrantes cabo-verdianos entrevistados sejam diversas, em qualquer dos meios de comunicação usado, desde a carta, passando pelo telefone fixo e terminando nas redes sociais.

As redes sociais criam também oportunidades de participação conjunta em eventos familiares, nomeadamente tarefas ligadas ao cuidado, assistência na doença, apoio no ensino e aprendizagem à distância, tarefas quotidianas de culinária e decisões ou sugestões para compras a efetuar, o que reforça os laços familiares.

Se é certo que as tecnologias podem permitir a sustentação das relações familiares, até pela maior frequência, forma e duração do contacto, tal não decorre, de *per si*, das tecnologias, sendo essa sustentação das relações diferenciada em função de vários fatores. Por um lado, essa sustentação, mesmo quando é usado o mesmo artefacto, é vivenciada e experienciada de modo diverso, pois os indivíduos moldam o uso das tecnologias de acordo com as suas necessidades, tipo de relação familiar, entre outros fatores. Alguns imigrantes não expressam as suas emoções aos familiares através de carta e das TIC como expressam presencialmente. Outros expressam-nas de igual modo, independentemente do meio usado. Uns não têm a mesma facilidade em falar de aspetos da vida pessoal através de carta e das TIC como pessoalmente, enquanto outros a têm. Notou-se que alguns imigrantes conseguem colocar-se mais, no lugar dos seus familiares, nos contextos da interação presencial, enquanto outros através das TIC; outros, ainda, são empáticos através das TIC e presencialmente do mesmo modo. O mesmo acontece com a confiança.

Por outro lado, num contexto de amplas oportunidades comunicativas, os familiares respondentes escolhem para cada tipo de interação pretendida, de modo diferenciado e de acordo com o mais adequado para o momento, o meio que melhor corresponde às suas necessidades, variando o uso por exemplo, entre a chamada, o sms ou a videochamada.

Os aspetos enunciados vão de encontro às críticas feitas ao determinismo tecnológico, em particular as enunciadas por Fischer (1985), que num texto fundacional, considera que as tecnologias não têm efeitos predeterminados nem homogéneos; havendo a necessidade de prestar mais atenção e aprofundar a investigação no que se refere ao modo como os indivíduos usam as tecnologias, por que razão as usam, o modo diverso como o fazem e como as moldam às suas necessidades. Como afirma ainda o autor, assim como Simões (2006), as tecnologias não são sempre aceites e assimiladas de forma passiva pela população e podem até vir a ser simplesmente recusadas ou usadas de modo diverso daquele para a qual foram criadas. Tais reflexões têm sido aprofundadas por autores ligados às teorias da domesticação das tecnologias, das quais Haddon (2006) é um dos percursores.

A contrariar o otimismo, em grande medida, associado ao determinismo tecnológico, destacam-se aspetos negativos enunciados por entrevistados dada a intensificação da interação com familiares do país de origem: maior controlo social da vida de imigrantes; sentido de obrigação de uma comunicação permanente e pressão para ajuda monetária ou compra de bens para familiares do país de origem; tais fatores podem fazer com que certos imigrantes reduzam o contacto com os seus familiares. As tecnologias – as que permitem uma comunicação mais frequente - podem trazer maior ou menor coesão às famílias transnacionais...

Acresce que as relações entre familiares são também marcadas pela recorrente desigualdade digital entre imigrantes, entre familiares na origem e também entre imigrantes e os seus próprios familiares. Os testemunhos dão conta do difícil contacto com alguns familiares em Cabo Verde através do uso do smartphone por falta de rede em alguns locais e, antes da emergência deste artefacto, por nem todos terem telefone fixo para se poder estabelecer o contacto. Mesmo entre imigrantes, a disponibilidade de tempo para a comunicação varia em função do tipo e intensidade de trabalho, entre outros fatores.

A questão que se pode também colocar é se o sentido de presença criado virtualmente é similar ao que existe quando há interação face a face?

As TIC, em especial os smartphones, permitem uma maior interligação entre familiares levando ao que diversos autores, como por exemplo, Bacigalupe & Lambe (2011; Baldassar, 2008; Baldassar *et al*, 2016) designam por presença virtual, mas para quase todos os respondentes, incluindo os que têm perceções mais positivas sobre o uso das redes sociais, nenhuma tecnologia substitui a interação face a face, a que mais colmata a ausência e a saudade.

Esta forma de comunicação, de acordo com muitos autores referidos na parte teórica, por ser a mais rica em pistas é a que permite melhor compreender as verdadeiras intenções da interação tida com familiares, sendo mais fácil verificar se o que é comunicado corresponde às expectativas dos familiares ouvintes. As diversas formas de comunicação mediada permitem captar pistas

diferentes, por exemplo, numa chamada por videoconferência há mais pistas do que numa chamada telefónica. Mas também neste campo, um largo caminho de investigação empírica deve ser desbravado, explorando outros fatores explicativos, pois as questões não são tão lineares como é sugerido em alguma bibliografia: alguns entrevistados referem que prestam mais atenção na interação face a face enquanto outros na interação mediada. Esta é mais uma das questões levantada por esta dissertação de carácter exploratório.

Referências Bibliográficas

Alarcão, Madalena (2006), *(Des)Equilíbrios Familiares. Uma visão sistémica*, Coimbra, Quarteto editor.

Alves, Maria & Barbot, Maria (2012), *Tecnologias da Informação e comunicação. Planeta das TIC*, Portugal, Porto Editora.

Araújo, Laíz (2003), “Aspetos éticos da pesquisa científica” *Pesqui. Odontol. Bras*, 17 (1), 57-63.

Argyle, Michael (1969), *Social interaction. Interpersonal relationships and social behavior*, London Methuen, Zahar editores.

Asafe, Yekini (2014), *Information Communication Technology*, Nigéria, Hasfem Publication Center.

Bacigalupe, Gonzalo e Lambe, Susan (2011), “Virtualizing intimacy: Information communication technologies and transnational families in therapy”, *Family process*, 50(1), 12-26.

Bacigalupe Gonzalo e Parker, Kimberly (2016), “Conexões Transnacionais através de Tecnologias Emergentes”, *Periódicos eletrónicos em psicologia*, 25(56), 94-107.

Baldassar, Loretta., Nedelcu, Mihaela, Merla, Laura e Willding, Raelene, (2016), “ICT-based co-presence in transnational families and communities: Challenging the premise of face-to-face proximity in sustaining relationships”, *Global Networks*, 16(2), 133-144.

Baldassar, Loretta (2008), “Missing Kin and Longing to be Together: Emotions and the Construction of Co-presence in Transnational Relationships”, *Journal of Intercultural Studies*, 29(3), 247-266.

Batista, Luíz, Simões, Elizabeth, Costa, Inês, Paiva, Ana e Faisca, Luíz (2010), “A percepção e o reconhecimento de expressões emocionais por utilizadores de redes sociais”.

Bauman, Zygmunt (2000), *Liquid Modernity*, Cambridge, Eng.: Polity Press.

Blanco, Cristina e Castro, Ana (2007), “El muestreo en la investigación cualitativa”, *NURE Investigación*, Madrid, (27).

Blumer, Herbert (1969), *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Prentice-hall, Inc. Englewood Cliffs, New Jersey, University of California Press, Ltd.

Borkert, Maren, Cingolani, Pietro e Premazzi, Viviana (2009), *The state of the art of research in the EU on the take up and use of ICT by immigrants and ethnic minorities*, Luxembourg, JRC European Commission.

Bryceson, Deborah e Vuorela, Ulla (2002), “Transnational Families in the 21century”, em Deborah, Bryceson e Ulla, Vuorela (eds), *The Transnational Family New European Frontiers And Global Networks*, London, Berg Publishers, 3-30.

Campehouth, Luc (2003), *Introdução à análise dos fenómenos sociais*, Lisboa, Gradiva editor.

Cardoso, Wanda (2008), *Email e carta a um programa de radio: Um estudo contrastivo*. [Dissertação de mestrado], Universidade de Pernambuco.

Caroço, José (2014), *A Influência da Internet na Integração dos Imigrantes. O Caso dos imigrantes brasileiros na Freguesia da Póvoa de Santa Iria*. [Dissertação de mestrado], Universidade Aberta de Lisboa.

Carvalho, Ana (2010), *A Imagem de Cabo Verde como destino turístico no mercado do destino português*. [Dissertação de mestrado], Universidade de Aveiro.

Coelho, Willian e Teddesco Patrícia (2017), “A percepção do outro no ambiente virtual de aprendizagem: presença social e suas implicações para Educação à Distância”, *Revista Brasileira de Educação*, 22(70), 609-624.

Cogo, Denise (2017), “Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs”, *Intercom – RBCC*, 40 (1), 177-193.

Cólera, Maria (2010), “Te escuchas aquí al lado. Usos de las tecnologías de la información y la comunicacion en contextos migratorios transnacionales”, *Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social*, (19), 239-248.

Cruz, Maria (2018), *Famílias transnacionais e circulação de cuidados. Uma etnografia da migração filipina em Macau e Portugal*. [Dissertação de mestrado], Universidade de Lisboa.

Derks, Daantje, Fischer, Agneta e Bos, Arjan (2008), “The role of emotion in computer-mediated communication: A review. *Computers in Human Behavior*”, 24(3), 766-785.

Dias, Maria (2011), “Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: o processo de comunicação no sistema familiar”, *Gestão e Desenvolvimento*, (19), 139-156.

Dicionário da Língua Portuguesa (2009), Porto editora.

- Dicionário Informal (2016), Copresença. <https://www.dicionarioinformal.com.br/copresença>.
- Fischer, Claude (1985), “Studying Technology and Social Life”, *Urban Affairs Annual Reviews*, 28, 284-300.
- Fiske, John (1990), *Introdução ao estudo da comunicação*, (1º edição), Lisboa: Asa
- Fontanella, Bruno, Luchesi, Bruna, Saidel, Maria, Ricas, Janete, Turato, Egberto & Melo, Débora (2011), “Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica”, *Cad. Saúde Pública Rio Janeiro*, 27(2), 389-394.
- Fortin, Marie, Côté, José e Filion, Françoise (2006), *Fundamentos e etapas do processo de investigação*, Lusodidacta.
- Furtado, José (2007) “Fratura digital e literacia: reequacionar as questões do acesso” *Comunicação e Cultura*, (3), 97-111.
- Furtado, Maria (2019). *A Influência das Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação na Interação Presencial dos Membros dos Agregados Familiares na Cidade de Manguí (Tarrafal)* [monografia não publicada], Universidade de Cabo Verde (UniCV).
- Furukawa, Ryoko e Driessnack, Martha (2013), “Video-Mediated Communication to Support Distant Family Connectedness”, *Sage Journals*, 22(1), 82-94.
- Gerhard, Tatiana e Silveira, Denise (2009), *Métodos de Pesquisa*, Brasil, UFRGS editora.
- Giddens, Anthony (2001), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, Antonio (2008), *Métodos e técnicas de pesquisa social*, São Paulo, Editora atlas S.A.
- Godoy, Arilda (1995), “Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais”, *Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29.
- Goffman, Erving (1969), *Estratégic Interaction*, New York, University of Pennsylvania Press.
- Goffman, Erving (1985), *A representação do eu na vida quotidiana*, Petrópolis, Editora vozes.
- Goffman, Erving (2011), *Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*, Petrópolis, Editora vozes.

Góis, Pedro (2006), *Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão*, [Dissertação de mestrado], Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Góis, Pedro e Marques, José (2018), “Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos”, *OpenEditions Journal*, 29, 125-152.

Goldim, José (2013), “Fraude e integridade na pesquisa” *ComCiência*, (147), 1519-7654.

Gonçalves, Lénia (2013), *Contributo das TIC na Integração de Famílias Oriundas do Brasil no Concelho de Albufeira*, [dissertação de mestrado], Universidade Aberta de Lisboa.

Gonzalez, Carmen e Katz, Vikki (2016), “Transnacional family communication as a driver of technology adoption”, *International journal of communication*, 10, 2683-2703.

Guerra, Elaine (2014), *Manual pesquisa qualitativa*, Belo Horizonte.

Guerra, Izabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*, Portugal, Príncipia Editora.

Guimarães, Ângelo e Ribeiro, António (2011), *Introdução às tecnologias da informação e da comunicação: Tecnologia da informação e da comunicação*, Campus Pampulha, Editora UFMG.

Gunawardena, Charlotte (1995), “Social presence theory and implications for interaction and collaborative learning in computer conferences”, *International, Journal of Educational Telecommunications*, 1(2-3), 147-166.

Haddon, Leslie (2006), “The contribution of domestication research to in-home computing and media consumption. The Information Society”, *An International Journal*, 22 (4), 195-203.

Hillyer, Rumika (2021), “Permanecer conectado: efeitos das plataformas online nas relações familiares transnacionais e capital social”, *Contemporary Japan*, 33(1), 3-23.

Holanda, Adriano (2006), “Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica”, *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.

INE, (2018), *Dados Estatísticos sobre TIC em Cabo Verde*. https://ine.cv/wp-content/uploads/2018/06/tic_2018.pdf.

INE, (2019), *Acesso e Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação*. <https://ine.cv/publicacoes/acesso-utilizacao-das-tecnologias-informacao-comunicacao-imc-2018/>.

- Korzenny, Felipe (1978), “The theory of electronic propinquity. Mediated communications in organizations”, *Communication Research*, 5(1), 3-23.
- Lakatos, Eva e Marconi, Marina (1992), *Metodologia do Trabalho Científico*, São Paulo, Atlas Eaditora.
- Lakatos, Eva e Marconi, Marina (2011), *Metodologia Científica*, São Paulo, Atlas Eaditora.
- Licoppe, Christian (2004), “Connected’ Presence: The Emergence of a New Repertoire for Managing Social Relationships in a Changing Communication Technoscape”, *Environment and Planning D Society and Space*, 22(1), 135-156.
- Lowenthal, Patrick (2009), “Social presence”, Em Patricia Rogers, Gary Berg, Judith Boettcher, Carole Howard, Lorraine Justice e Karen Schenk (Eds.), *Encyclopedia of distance learning*, Universidade de Michigan, IGI Global, 1900-1906.
- Luhmann, Niklas (2005), *A realidade dos meios de comunicação*, São Paulo, Paulus.
- Madianou, Mirca e Miller, Daniel (2012), *Migration and new media (Transnational families and polymedia*, Estados Unidos e Canadá, Routledge.
- Madianou, Mirca (2016), “Ambient co-presence: transnational family practices in polymedia environments”, *Global Networks*, 16 (2), 183–201.
- Marcuschi, Luiz (2002), *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*, São Paulo. <https://pt.scribd.com/document/57043043/Generos-Textuais-Emergentes-No-Contexto-Da-Tecnologia-Digital>.
- Marinho, Luena (2021), “Proximidade e distância nas famílias transnacionais entre Angola e Portugal – o contributo das tecnologias de informação e comunicação”, *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 56(239), 342-362.
- Merla, Laura e Baldassar, Loretta (2011) “Transnational caregiving between Australia, Italy and El Salvador: The impact of institutions on the capability to care at a distance”, Em Elizabeth, Addis, Paloma, Villota, Florence, Degavre e John Eriksen, (Ed.), *Gender and well-being. The Role and Institutions*, England, Ashgate, 147-161.
- Minuchin, Salvador e Fishaman, Charles (2004), *Técnicas de Terapia familiar*, Argentina, Buenos Aires. Paidós.

- Moré, Carmen (2015), “A entrevista em profundidade ou semiestruturada no contexto da saúde. Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação”, *Investigação qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 126-131.
- Nedelcu, Mihaela e Wyss, Malika (2016), “‘Doing family’ through ICT-mediated ordinary co-presence: Transnational communication practices of Romanian migrants in Switzerland”, *Global Network*, 16(2), 202-218.
- Nie, Norman e Hillygus, Sunshine (2002), “The Impact of Internet Use on Sociability: Time-diary Findings”, *IT & Society*, 1(1), 1-20.
- NOSELLA, Paola (2008), “Ética e Pesquisa”, *Educ. Soc., Campinas*, 29(102), 255-273.
- NOSI (2005), *Programa Estratégico para a Sociedade de Informação: Novas Oportunidades de Desenvolvimento*. file:///C:/Users/marel/Downloads/PESI.pdf.
- Nunes, João (1993), “Erving Goffman, a análise de quadros e a sociologia da vida quotidiana”, *Revista crítica de ciências sociais*, (37), 33-49.
- Nunes, Jordão (2007), “A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. Tempo social”, *Revista de Sociologia da VPS*, 19 (2), 253-286.
- Oeiras, Janne & Rocha, Heloísa (2000), *Uma modalidade de comunicação mediada por computador e suas várias interfaces*. joeiras_ihc2000(1).pdf.
- Oliveira, Catarina (2021), *Indicadores de integração de imigrantes. Relatório estatístico anual*, Lisboa, Observatório das Migrações.
- Oliveira, José, Barreiros, José e Cardoso, Gustavo (2004), “A internet na construção de uma cidadania participada”, Em José, Oliveira, José Barreiros e Gustavo Cardoso (Eds), *Comunicação, Cultura e Tecnologia de Informação*, Portugal, Quimera.
- Prodanov, Cleber e Freitas, Ernani (2013), *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*, Brasil, Editora Feevale.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Ragin, Charles (1994), *Constructing Social Research*, Thousand Oaks, Pine Forge Press.

Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) (2009), *ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos*. <https://hdr.undp.org/system/files/documents/2009-hdr-portuguese.2009-hdr-portuguese>.

Robertson, Zoe, Wilding, Raelene e Gifford Sandra (2016), “Mediating the family imaginary: young people negotiating absence in transnational refugee families”, *Global Networks*, 16(2), 219-236.

Santos, Arthur (2019), “Personificação Social: A construção do “eu” nas interações humanas da vida cotidiana”, *Revista Parajás*, 2(1), 31-45.

Senyurekli, Aysem e Detzner, Daniel (2009), “Communication Dynamics of the Transnational Family”, *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 807-824.

Silva, Jane (2002), *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos* [Tese de Doutorado], Faculdade de Letras da UFMG.

Simões, Maria (2005), *Política e Tecnologia: Tecnologias da Informação e da Comunicação e Participação Política em Portugal*, Portugal, Celta Editora.

Simões, Maria, Heras, Soledad e Augusto, Amélia (2011), “Gênero e tecnologias da informação e da comunicação no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar”, *Configurações Revista de sociologia*, 8, 1-17.

Sousa, Liliana (2005), *Famílias Multiproblemáticas*, Coimbra, Quarteto.

Sproull, Lee e Kiesler, Sara (1986), “Reducing Social Context Cues: Electronic Mail in Organizational Communication”, *Management Science*, 32(11), 1492-1512.

Stahmer, Anna. e Havron, M. Dean (1973), *Planning Research In Teleconference Systems*, Canadá, The Social Policy and Programs Branch The Department of Communications.

Stern, Michael e Messer, Chris (2009), “How Family Members Stay in Touch: A Quantitative Investigation of Core Family Networks”, *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 654-676.

Thompson, John (2018), “A interação mediada na era digital”, *Matrizes*, 12(3), 17-44.

Trivinos, Augusto (1987), *Introdução à pesquisa em ciências Sociais*, São Paulo, editora Atlas.

Walther, Joseph (2011), *Theories of computer-mediated communication and interpersonal relation*. https://www.researchgate.net/publication/285323169_Theories_of_computer-mediated_communication_and_interpersonal_relations.

Weidlich, Joshua, Rajagopal, Kamakshi e Kreijns, Karel (2018), “What Social Presence is, what it isn't, and how to measure it: A work in progress”, *Amsterdam, Netherlands*, 2142-2150.

Wilding, Raelene (2006), “Intimidades virtuais? Famílias se comunicando em contextos transnacionais”, *Rede Globais*, 6(2) 125-142.

Anexos

Anexo 1 - Consentimento Informado

Venho, por este meio, convidá-lo(a) a participar na investigação realizada para a minha dissertação. A minha dissertação, orientada pela Professora Doutora Maria João Simões, está a ser realizada no âmbito do mestrado em “Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais” na Universidade da Beira Interior.

O objetivo principal desta dissertação, passa por compreender as alterações nas relações entre imigrantes cabo-verdianos e seus familiares no país de origem, decorrentes do uso das TIC, consistindo essencialmente, na tentativa de mapear as características da interação mediada no sentido da sua maior proximidade ou impessoalidade, captar as perceções dos imigrantes sobre a diferença na interação social face a face e a interação mediada entre si e seus familiares; em analisar as consequências que a manutenção da interação mediada traz para os imigrantes e em identificar diferentes práticas que imigrantes e seus familiares realizam através das TIC.

De forma a serem recolhidos os dados necessários para a presente investigação, solicita-se o preenchimento de um formulário sociodemográfico, bem como a sua autorização para que se proceda à gravação de uma entrevista científica. Eu, Maria Marelene Rodrigues Furtado, serei responsável pela recolha e pelo tratamento de dados.

De realçar, que a informação recolhida será apenas utilizada para efeitos de investigação científica, sendo que lhe será garantido anonimato e a confidencialidade das suas respostas. A sua participação tem um carácter voluntário. Por motivos éticos, o participante tem a possibilidade de negar a participação ou de se retirar do estudo a qualquer momento. De acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção de Dados, os dados recolhidos são anónimos e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

Obrigada pela atenção, e se deseja participar deve assinar e datar este Consentimento Informado. Ao assinar este documento confirmo o seguinte: Compreendi a informação sobre o estudo acima referido, tendo-me sido disponibilizado tempo para refletir sobre a participação, assim como colocar todas as minhas dúvidas. Compreendo que a minha participação é voluntária, que posso desistir a qualquer momento sem dar qualquer justificação e que não irá existir qualquer tipo de remuneração ou custos pela minha participação neste estudo. É-me garantido que sempre que necessitar de algum esclarecimento o mesmo ser-me-á facultado.

Assinatura: _____ Data:

Anexo 2- Guião de entrevista

Questões sociodemográficas

- 1- Sexo:
- 2- Idade:
- 3- Habilitações literárias:
- 4- Profissão atual:
- 4.1- Situação profissional: (licença, reformado, de férias, etc.)
- 5- Local de residência:
- 6- A quanto tempo você está cá?
- 7- Você deixou algum familiar próximo em Cabo Verde nomeadamente, pais, filhos, irmãos, esposo(a), avós, tio(a), primos e netos? Se sim, que familiares deixou? Com quais fala mais?
- 8- Tem alguma destas TIC: Telemóvel, computador, Tablet?
- 9- Tem acesso à internet? Onde consegue ter acesso à internet?
- 10- Para além de telefonar, sabe enviar mensagem para outra pessoa? Sabe fazer videochamada?
-Reuniões familiares; vídeos partilhados; saber fazer e editar fotos, qualidade da câmara.

Perceções dos imigrantes sobre a diferença entre a interação social face a face e mediada.

- 11- Escrevia/Escreve cartas aos seus familiares em Cabo Verde? Se sim, como era a vossa relação através de cartas?
- 12- Que diferença acha que há ao comunicar pessoalmente (olhando no rosto) e ao comunicar através de cartas?
Tipo de interação: Frequência das cartas; Proximidade; Expressão das emoções; Confiança; Confidência; sinceridade;
- 13- Já falou com seus familiares através do email? Como é a vossa relação através do email? Gosta? Porquê?
- 14- Que diferença acha que há ao comunicar pessoalmente e ao comunicar através do email?
Tipo de interação: Frequência do contato; Proximidade; Expressão das emoções; Confiança, Empatia; Confidência; sinceridade;
- 15- Já falou com seus familiares através de telefone fixo? Gosta? Porquê?
- 16- Acha que há alguma diferença ao comunicar pessoalmente (olhando no rosto) e ao comunicar através do telefone fixo? Que diferença acha que há?

Tipo de interação: Frequência do contato; Proximidade; Expressão das emoções; atenção; Confiança, Empatia; Confidência; sinceridade...

17- Já falou com seus familiares através de algumas destas redes sociais que permitem ver e ouvir a outra pessoa: Messenger, Viber, WhatsApp, Skype e etc.? Gosta de comunicar com eles através de videochamada? Porquê?

18- Acha que há alguma diferença ao comunicar com seus familiares pessoalmente e ao comunicar através de videochamadas? Que diferença acha que há?

Tipo de interação: Frequência de contato (SMS e videochamada) e duração; Proximidade; Expressão das emoções; Atenção;
Confiança, Empatia; Confidência; sinceridade;

Consequências da manutenção da interação familiar através de TIC

19- Que benefícios trazem para si a comunicação que mantém com seus familiares? -Sensação de presença; diminuição da Saudade; Sentimento de pertença; Bem-estar; sente-se em casa - Identidade; Preservação da memória; Acompanhamento (crescimento e envelhecimento); Manutenção da tradição (cultura, língua); Autoestima...

20- Acha que a comunicação que mantém com seus familiares pode trazer, pressão, sobrecarga entre outros aspetos negativos?

Pressão; Sobrecarga; controlo, autonomia, sentido de obrigação de manter em contato etc.

Atividades realizadas através das TIC/Redes sociais

21- Que atividades vocês realizam através de redes sociais por videochamada?

Prestação de Cuidados (medicamentos, consulta, monitorização dos filhos e etc.).

Ensino/aprendizagem ((Línguas? comida? usar TIC, fazer videochamada, etc.).

Eventos familiares (Casamento; Aniversário; Finalistas; Parto; Reuniões familiares; Funerais etc.).

22- Que aspetos acha melhor nas conversas de videochamada? E pessoalmente?

23- Tem algum presente em casa que recebeu do seu familiar? Como sente ao tocá-los? Sente que está a tocar ou abraçar a pessoa que te deu? Te faz sentir a pessoa presente?

Fotos, joias e entre outros objetos

Anexo 3 – Sinopses

Sinopse: Entrevista 1		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	“(…) nunca comuniquei com meus familiares através de carta.”
	Interação através de carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“(…) Gostava de falar com os meus familiares através do telefone fixo, porque sentia mais perto deles.” “(…) Apesar de a distância ser longa, podia ouvi-los. Eu ficava contente só de saber como é que a minha avó, sobrinha, meu pai e todos os outros familiares estavam ... a melhor coisa para mim é ficar sabendo do dia a dia dos meus familiares (...)”
	Interação Presencial vs Telefone fixo	“(…) Existe diferença sim. Acho que comunicar cara a cara é melhor. Através do telefone fixo, ficamos sem saber se o que a pessoa está a dizer se é verdade, não vemos a cara, por exemplo, através do telefone fixo, a sua família pode te dizer que já almoçou, mas, que na verdade não almoçou.” (...) “(…) Minha irmã teve um bom tempo hospitalizado e não me contou. Se eu estivesse lá, ficava a saber, mas como estou longe, consegui me esconder pelo telefone fixo.” “(…) Falar por telefone fixo com os meus familiares me fazia sentir eles perto de mim.” “(…) Eu, particularmente, ao ouvi-los, vejo a cara deles. Às vezes, sentia como se eu estivesse lá (...) só que depois você cai na real e vê que está a sonhar acordada e que está realmente longe.” “(…) Só ouvir eles através do telefone, não é suficiente. Suficiente para mim, era poder estar perto deles todos os dias, minutos e segundos.”

		<p>“(…) Eu não percebia se eles estavam tristes, contentes, estressados e entre outras emoções através do telefone fixo como percebia quando comunicávamos pessoalmente.”</p> <p>“(…) É como eu te disse, através do telefone fixo, eles conseguem disfarçar (….) Cara a cara, você vê logo, no olhar, por exemplo, tentam desviá-lo, tentam disfarçar, mas você consegue perceber logo que alguma coisa não está bem</p> <p>“(…) Através do telefone fixo prestava mais atenção neles do que pessoalmente (….) Eu era muito ansiosa (….) não afastava do telefone por causa de curiosidade de ouvir notícias de Cabo Verde.</p> <p>“(…) Através do telefone fixo, não conseguia perceber se estavam com atenção em mim (….) Pessoalmente, percebo se estão com atenção em mim, porque vejo a pessoa.”</p> <p>“(…) Tenho facilidade em contar os meus segredos tanto através do telefone fixo quanto presencialmente (….) Acho que os meus familiares tem mais facilidade em contar-me os segredos deles presencialmente (….) porque é como a minha mãe dizia (….) contar alguns tipos de segredos à distância só causa preocupação.</p> <p>“(…) Pessoalmente, consigo ser mais sincero com os meus familiares do que através do telefone fixo (….) porque conseguem me ver e focar nos meus olhos para saberem se estou a ser sincera ou não (….) Através do telefone fixo, não consigo perceber se estão a ser sincero comigo (….) porque não vejo a pessoa, (….) não vejo a cara. Frente a frente, consigo saber se estão a falar verdade (….) Vejo nos olhos, vejo a pessoa inteira.”</p>
	Interação através de Redes Sociais	<p>“(…) Gosto de comunicar com eles através de videochamada porque consigo ver o que estão a fazer (….) Mesmo não estando na presença física um do outro, através de câmara, é como se estivéssemos juntos.”</p>
	Presencial vs videochamada ou redes sociais	<p>“(…) Através destas redes, não conseguimos abraçar um ao outro (….) certas brincadeiras não conseguimos fazer. Por exemplo, os meus familiares que estão em Cabo verde, quando estão a preparar para irem algum lugar, me dizem: <i>“tchau, porque temos de preparar para irmos para a praia e eu digo ok tchau”</i> (….) mas, se eu pudesse, entrava no telefone e ia para praia com eles.”</p> <p>“(…) Sinto meus familiares mais perto de mim, mas não é aquela proximidade que sinto quando estamos juntos fisicamente, porque assim que a videochamada terminar, olho para direita e para esquerda não vejo nada (….) e começo a sentir um vazio. Por enquanto estás a falar pelo telemóvel, parece que a sua casa fica cheia de gente (….) mas, assim que você desligar a chamada, você começa a sentir um vazio.</p>

	<p>“(…) Conto minhas alegrias, minhas tristezas através de videochamada como conto pessoalmente. Não tem diferença. (…) se eu não contar, não vai existir aquela união.”</p> <p>“(…) Não consigo perceber através de videochamada se estão tristes, contente, estressados e entre outras emoções como percebo quando estamos a comunicar pessoalmente (…) Cara a cara é mais fácil perceber (…) Quando estão tristes, desligam a câmara logo (…) Alegria dá para perceber através de videochamada, mas não quanto pessoalmente (…) fixam os olhos na câmara (…) Já pessoalmente, consigo ver se estão tristes, porque não tem como disfarçar (…) vejo no rosto (…) na voz e no comportamento (…) por exemplo, a pessoa brinca menos (…) Fala menos.”</p> <p>“(…) Através de videochamada, presto mais atenção neles e no que estão a dizer, do que pessoalmente (…) estou longe, quero saber tudo (…) acompanhar todas as novidades (…) Perto ou pessoalmente, digo: já sei da história.”</p> <p>“(…) Acho que consigo perceber melhor, se estão com atenção em mim pessoalmente, porque consigo ver para além do olhar (…) A pessoa pode estar a olhar para mim enquanto está a brincar com alguma coisa, com o pé, por exemplo, então assim, consigo ver que não está totalmente atento em mim (…) coisas que na videochamada não consigo perceber.”</p> <p>“(…) Tenho facilidade em contar os meus segredos tanto através de videochamada quanto pessoalmente. Para mim não há diferença (…) Sou direta (…) O que tenho para falar, falo (…) Se estou na frente da minha mãe conto (…) se estou longe, também conto.”</p> <p>“(…) Acho que a minha mãe tem mais facilidade em me contar os segredos pessoalmente e não através de videochamada (…) Pode ser que ela não confia tanto na tecnologia (…) Como vivo longe dela também, certas coisas ela não conta para mim, para não me deixar preocupada.”</p> <p>“(…) Sou tão sincera com eles tanto pessoalmente quanto através de videochamada (…) Mais vale, chegar na pessoa e ser direto e real (…) se é impossível dizer para ela cara a cara por causa da distância, ligo-a e digo, olha não gostei disto ou daquilo e pronto.”</p> <p>“(…) Consigo perceber mais ou menos se estão a ser sincero comigo através de videochamada. Por exemplo, se estão a mentir, não fixam olhar em mim, vejo na cara. Consigo perceber através de gaguejo quando estão a mentir. Atrapalham no que dizem. Ficam a tirar coisas de unhas, a coçar. Tudo isso, são pistas que consigo ver através de videochamada de que as pessoas não estão a ser sincero comigo (…) porém, pessoalmente, consigo perceber melhor se estão a ser sincero comigo, porque você vê nervosismo, vê o olhar, vê na forma como a pessoa fala, vê tudo, corpo indica.”</p>
--	---

<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) fico a saber como eles estão (….) sinto que estamos juntos, até a minha mãe e minhas irmãs falam para mim que, parece que estou lá sentada com elas (….) Fico a saber como eles estão; sinto que estamos juntos; consigo ouvi-los. Sinto triste pelo facto de eu estar a viver longe da minha família, então ouvi-los e vê-los é sempre bom (….) Apesar de distância, sinto que ainda pertencço aquela família (….) contribui para o bem-estar, mas, às vezes, sinto triste (….) tem um impacto emocional tanto positivo quanto negativo, sinto alegre (….) mas também sinto triste (….) alivia por um lado (….) por outro não (….) Acaba por ter um certo impacto não só na minha identidade, como também na identidade da minha filha, porque ela fica a saber de onde eu vim e de onde ela vem, fica a saber das suas raízes (….) Às vezes, falam para mim que estou mais bonita, claro que isso tem um impacto na minha autoestima (….) também de vez em quando, escapa um sotaque português e mandam-me baixar o português e subir o crioulo, falar com eles, ajuda então, na preservação da língua crioula, embora como disse escapa alguns sotaques portugueses (….) mesmo a minha filha que nasceu aqui fala alguma coisa em crioulo.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“Quanto mais comunico com eles, maior é a saudade deles (….) eu quero estar lá (….) acordar de manhã e ouvir um bom dia, ouvir a minha irmã a dizer para mim: irmã estou feliz por estarmos juntos, irmã vamos fazer isso e aquilo (….) Também há sempre um ou outro que ficam a pedir coisas, dinheiro por exemplo, (….) quando não mandamos chamam-nos de ingrata (….) Pessoas do tipo, tiro da minha lista de contato.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“Já participei no aniversário através de videochamada; eles também já participaram no aniversário da minha filha (….) Comemos bolo à distância (….) fazemos bolo aqui e a minha mãe fez bolo lá em CV e comemos juntos o bolo pela videochamada.”</p> <p>“Já participei em finalistas da minha sobrinha e gostei.”</p> <p>“Fazemos reunião familiar (….) Temos dois grupos: num grupo, fazemos parte eu, meus primos e minhas primas, onde falamos coisas mais banais, menos importantes (….) falamos tudo que pensamos, publicamos vídeos dos nossos filhos a brincar, a dançar, mandamos bonequinhos a rir (….) No outro grupo, que inclui meus tios, minha mãe, falamos assuntos mais importantes e sérios, principalmente a informação sobre a minha avó (….) Como este grupo inclui tios e mãe, há que ter respeito.”</p> <p>“Também assisti o funeral da minha avó através de videochamada.”</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>“(…) há algum tipo de comida que não sei fazer, ligo para minha mãe e fazemos em conjunto (….) Ela me ensina como fazer.”</p>

Sinopse: Entrevista 2		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	<p>“Gostava muito de comunicar com eles através de carta. Não havia outra alternativa, tínhamos de comunicar através de carta (...) Sentia alegre ao receber as cartas da minha mãe.”</p> <p>“Receber uma carta antigamente, é como receber um telefonema atualmente de um familiar.”</p> <p>“Ficava mesmo contente ao receber uma carta que trazia boas notícias, mas caso contrário ficava triste. Eu me lembro ainda, muito bem, de ter recebido uma carta com a notícia de que a minha irmã estava doente. Esta carta, só chegou em mim um mês depois (...) Chorei muito quando chegou.”</p>
	Carta vs presencial	<p>“Existe muita diferença ao comunicar com familiares pessoalmente e através de carta. Através de carta, você demorava muito tempo para conseguir dizer uma coisa ao seu familiar (...) Às vezes, recebiam cartas só a partir de 15 dias ou depois de um mês (...) cara a cara, você diz logo o que tens para dizer. Cara a cara a comunicação é direta e é melhor, porque enquanto você está a comunicar com a sua família, você vê a cara dela, ouve a voz dela.”</p> <p>“Através de carta, você não ouve a voz e nem vê a pessoa. Também, não dá para escrever tudo na carta, às vezes, fica algo por dizer (...) Pessoalmente, falamos mais do que aquilo que colocamos na carta.”</p> <p>“Não era nada regular e fixo. Num mês, por exemplo, enviava carta duas vezes, como também passava um mês sem enviar. Mas, enviava sempre, porque sempre que enviava para meus pais, eles me respondiam e depois voltava a enviar. Eu, particularmente enviava sempre.”</p> <p>“Depende. Escrevíamos cartas longas e curtas.”</p> <p>“Quando recebia a carta da minha mãe, sentia ela mais perto de mim (...) É com muito amor que recebia aquelas cartas. Doía também (...) Quando recebia as cartas, depois de as ler, sentia mais saudade.”</p> <p>“Pessoalmente, podem perceber as minhas tristezas e alegrias. À distância, prefiro mostrar ou contar apenas alegrias (...) se calhar, perto deles, podia lhes contar as minhas tristezas, mas longe é só causar preocupação e mais nada.”</p> <p>“Pessoalmente consigo perceber melhor se estão contentes. Nunca percebi nada de tristeza neles e é por isso, que acho que nunca houve problemas (...) Sempre mostraram-me alegria e conseguia ver no rosto deles (Mãe e irmãos)</p>

		<p>(...) Na carta, percebia alegria da minha mãe através daquilo que ela escrevia, mas, pessoalmente percebo melhor.</p> <p>“Se eu tivesse segredos, contava com mais facilidade pessoalmente, e não através de cartas, mas não tinha segredos (...) Até hoje não temos segredos. Não escondemos nada uns aos outros. É tudo normal.”</p> <p>“Tudo que falo com meus familiares, tanto através de cartas quanto pessoalmente é com sinceridade (...) Sou sempre sincero com eles, mesmo através do telefone. Eu falo aquilo que sinto. Não senti a necessidade de falar aquilo que não é verdade. (...) Acho que, tudo que eles falam para mim é também real.”</p> <p>“Pessoalmente consigo perceber melhor se eles estão a ser sincero ou não comigo. Através de carta, você não vê a pessoa, pessoalmente, dá para perceber através de voz ao conversar (...) Pessoalmente é muito melhor (...) através de carta, as pessoas colocam aquilo que você não disse. Naquela época, isso gerou muita confusão (...) Ao conversar pessoalmente, você analisa a forma como a pessoa fala, vê o rosto, embora “<i>Dentu dalguém ké alguém</i>”, isto é, apesar de o rosto mostrar uma coisa, o coração pode estar a sentir outra coisa e nem sempre aquilo que a pessoa fala é aquilo que está a sentir.”</p>
<p>II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronicos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p>	<p>“Muitas vezes, tínhamos de telefonar para casa das pessoas que tinham telefone fixo e elas chamavam os nossos familiares para irem falar connosco na casa deles (...) não é toda gente que gostava de chamar os nossos familiares para irem responder o telefone. Isso, tornava a comunicação mais difícil, mas, comparando com a carta é melhor (...) Único problema, é que, ao falar com familiares através do telefone dos outros, não dava para contar tudo, porque podiam escutar a conversa (...) Agora que cada um tem o seu telemóvel, dá para falar tudo.”</p>
	<p>Presencial vs Telefone fixo</p>	<p>“A primeira diferença está na presença, isto é, enquanto estou a falar pessoalmente, eu posso tocar a pessoa, posso sentir o cheiro dela. Por exemplo, se eu falar com meu filho e ele me passar má satisfação, eu tenho a possibilidade de o bater, de dar uma porrada (...) Através do telefone, ele pode me desobedecer e não tenho como lhe dar uma porrada.”</p> <p>“Pessoalmente, enquanto estamos a comunicar, podemos passear juntos, beber uma água juntos, andar de mãos dadas, mas, pelo telefone, não conseguimos fazer outra coisa senão ouvir um ao outro (...) Eu acho que falar com famílias pessoalmente é melhor do que pelo telefone.</p> <p>“Às vezes, comunicávamos uma vez por semana, três ou quatro vezes, por mês. Nossa conversa através do telefone fixo, era na maioria das vezes curta. (...) custava muito.</p>

		<p>“Sentia eles mais perto de mim ao conversar com eles através do telefone fixo, porém eu ficava com mais saudade sempre que comunicava com eles.”</p> <p>“Partilho minhas alegrias pelo telefone fixo também, mas, cara a cara é sempre melhor. Expresso melhor pessoalmente. Por exemplo, mesmo se eu não sorrir, se eu pular é um sinal de que estou alegre. Isso só pode ser visto pessoalmente, pelo telefone, se eu pular de alegria acho que alguém não vai saber.”</p> <p>“Eu acho que percebia melhor quando comunicávamos mais de perto ou cara a cara a alegria deles (...) Lembra que eu te disse que pelo telefone fixo se eu pular de alegria eles não vão ver? Também é a mesma coisa, ou seja, se eles pularem também, não vou ver, mas perto deles, consigo ver.”</p> <p>“Presto atenção neles tanto cara a cara quanto através do telefone fixo, para eu poder dar a resposta correta e de acordo com aquilo que perguntaram (...) Fico atento, porque gosto.”</p> <p>“Não! através do telefone não consigo perceber se estão com atenção. É mais difícil. Acho que sem ver a pessoa é difícil saber se está com atenção ou não (...) Pessoalmente, se estão ou não com atenção em mim consigo ver (...) Consigo ver melhor, porque se eu falar com a pessoa e ela prestar atenção noutra coisa, não olha para mim, focaliza noutra coisa, percebo logo que não está com atenção em mim (...) Se, por enquanto estou a falar com a pessoa, vejo a mesma a dormir, é um sinal de que também não está nem aí. São coisas que, através de telefone fixo, não vejo.”</p> <p>“Sou tão sincero através do telefone fixo quanto pessoalmente (...) Sinceridade vale mais do que tudo, por isso, é bom ser sempre sincero com a sua família. Ou longe ou perto a sinceridade tem de estar acima de tudo... tem de estar em primeiro lugar.”</p> <p>“Somos sinceros uns com os outros e não percebi nada de errado através de telefone fixo nunca. Pessoalmente é sempre melhor... é sempre melhor.”</p>
	<p>Interação através de Redes Sociais/videoc hamada</p>	<p>“Eu quase não percebo nada de redes sociais (...) Mas, gosto de falar com eles através de videochamada, porque fico mais alegre, consigo ver a cara da minha irmã, por exemplo, e sinto mais satisfeito.”</p>

	<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Não existe muita diferença (...) Na videochamada, enquanto estou a falar com a minha irmã, consigo ver o rosto dela, cara a cara, também vejo o rosto (...) Oiço a voz na videochamada e também cara a cara (...) A diferença é que, pessoalmente, consigo ver que sapato a minha irmã está a usar, mas através de videochamada não consigo ver, a não ser que eu pedir para ela me mostrar.”</p> <p>“Trocamos poucas mensagens. Jovens é que mais trocam mensagens (...) Mensagens que mando para minha irmã não é longa. São mensagens para dizer “olá tudo bem? (...) comunicamos sempre através de videochamada (...) Na maioria das vezes, a conversa através de videochamada é longa. Falamos muitas coisas, perguntamos para família, se está tudo bem”</p> <p>“Falar com eles através de videochamada, não me faz sentir eles mais perto de mim, porque a minha família está sempre comigo (...) não é videochamada que vai fazer-me sentir eles perto de mim (...) Mantenho-a sempre na minha memória.”</p> <p>“Pela videochamada, mostro apenas alegria. Normalmente, quando estou triste não faço ligações para Cabo Verde. É aquela questão de preocupação. Não quero isso para eles. Mostro as minhas alegrias pela videochamada e pessoalmente, mas se estamos juntos fico mais contente.”</p> <p>“Alegria percebo do mesmo modo. Percebo através de videochamada como pessoalmente. Tristeza, nunca percebi através de videochamada”</p> <p>“Presto atenção sempre, tanto através de videochamada quanto pessoalmente (...) Através de videochamada, consigo perceber se estão com atenção em mim ou naquilo que estou a falar. Se a pessoa olhar sempre em direção a mim e dialoga comigo, pode ser um sinal de que está com atenção”</p> <p>“Percebo do mesmo modo, tanto através de videochamada quanto pessoalmente se estão com atenção em mim (...) Se estou a ver a pessoa, ou através de vídeo ou pessoalmente, consigo detetar logo se está atento ou não.”</p> <p>“Sou tão Sincero com a minha irmã e outros familiares através de videochamada quanto pessoalmente (...) Tudo que falo para eles é real (...) Aquilo que digo pessoalmente, digo também através de videochamada. sou sincero. É a minha maneira de ser.”</p> <p>“Pessoalmente há mais chance de saber se a pessoa está a ser sincero ou não. Através do rosto, por exemplo, dá para saber, mas é difícil também (...) As pessoas quando querem te enganar usam estratégias e conseguem te enganar e você só descobre depois, que foi enganado (...) Não consigo perceber através de videochamada se estão ou não a ser sincero comigo.”</p>
--	--	---

III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;	Consequências positivas	<p>“Tudo depende. A manutenção do contato com certas famílias pode nos fazer bem, enquanto com outras famílias pode não nos fazer bem (...) Há aquelas pessoas que enganam a sua família.”</p> <p>“Os benefícios de estar a falar com a minha irmã sempre é que cumprimentamos, damos um bom dia um ao outro (...) recebo carinho sempre que conversamos.”</p> <p>“Manter em contato com familiares é muito importante, porque consegues acompanhar o dia-a-dia deles e as novidades do seu país de origem.”</p> <p>“Sinto prazer em falar com a minha família. Manter em contato com eles, faz-me sentir bem (...) falamos dos nossos passados através de TIC.”</p>
	Consequências negativas	<p>A comunicação que mantenho com a minha família não trouxe aspetos negativos para mim, só trouxe vantagens.”</p>
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	<p>“Quando a minha irmã fez 70 anos, ligaram a câmara e participei na festa.”</p>
	Ensino/aprendizagem	<p>“A minha irmã sofre de AVC, então, de vez em quando, indico a ela o remédio que tem de tomar. Mando ela fazer “<i>ramedi terra</i>” (remédio de terra- cura tradicional).”</p> <p>“Anos atrás, ensinei para ela, como usar telemóvel embora não percebo muito estas tecnologias.”</p>

Sinopse: Entrevista 3		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	<p>“(…) já escrevi cartas, naquele tempo que ainda nem tinhas nascido (...) Tudo era feito à mão. (...) Às vezes, mandávamos, chegavam nas nossas famílias, às vezes, não chegavam.</p> <p>“Escrevíamos cartas e colocávamos 10 euros dentro do envelope juntamente com a carta. começaram a roubar o dinheiro do envelope. Agora, as coisas mudaram (...) Se não queremos mandar o dinheiro com outras pessoas, podemos mandar através dos correios/Wester Union e os nossos familiares fazem levantamento na hora e em qualquer sítio.”</p> <p>“O mundo está mil vezes melhor. Mil vezes. A carta demorava 15 dias ou um mês para chegar nos nossos familiares (...) a comunicação era difícil (...)”</p>

		<p>Agora, se eu sentir a necessidade de comunicar com elas (irmãs), é basta pegar o telemóvel e ligar.”</p> <p>“Muitos imigrantes não enviavam cartas aos seus familiares, porque não sabiam ler e nem escrever (...) Também, muitos, não enviavam por desinteresse (...) Ficavam sem notícias dos familiares (...) Muitos chegaram aqui e esqueceram dos familiares que deixaram em Cabo Verde e formaram uma nova família aqui.”</p>
	<p>Carta vs presencial</p>	<p>“Na carta, a pessoa apenas lê o que está escrito, mas frente a frente você vê e é visto (...) Falar com familiares e ver-lhes ao mesmo tempo é uma alegria. Frente a Frente, a minha família acredita mais naquilo que falo, porque está a me ver (...) Aquilo que coloco nas cartas, eles podem esquecer, mas, o que falo pessoalmente, permanecerá na memória.”</p> <p>“Enviava carta aos meus familiares sempre. Num mês, recebia dois ou mais cartas (...) Se havia muita coisa para dizer, enviava uma carta longa, se não, enviava uma carta curta (...) Se o tempo dava para escrever muita coisa, escrevíamos (...) Na carta, perguntavam se estou a trabalhar, respondia que sim, perguntavam sobre a minha saúde.”</p> <p>“Ao ler as cartas, sentia eles mais perto de mim sim. Sentia mais alegre. Não conseguia ver-lhes, mas dava para saber como eles estavam. Através de carta, não sentia tão próximo deles quanto através do telemóvel (...) Quem inventou o telemóvel pode até arrepender, mas foi a melhor invenção.”</p> <p>“Quando recebia cartas, sentia mais saudade deles, porque eu só lia o que escreviam e não os via. Me diziam, que tinham coisas guardados para mim, para quando eu chegar. Isso só aumentava a saudade.”</p> <p>“(…) Sim, não tem diferença. Conto através de cartas como conto pessoalmente. Família é família. Eu contava para minha mãe que estava triste e contente através de cartas (...) Quando eu tinha problemas de trabalhos, escrevia para minha mãe, contava que aconteceu isso e aquilo comigo (...) Se não contávamos as nossas tristezas ou problemas, alguém contava e ficavam a saber através de outras pessoas (...) Contava, mas, ao mesmo tempo, dizia que não era nada grave.”</p> <p>“Através de carta, acho que não dá para perceber, não dá... é complicado (...) Perto da pessoa, dá para saber se ela está triste ou contente, porque a própria ação da pessoa mostra (...) através de carta como é que dá para saber?”</p> <p>“Se eu sei escrever, posso contar os meus segredos, através de carta, mas caso contrário, não posso contar, porque quem vai escrever minha carta, irá descobrir os meus segredos, mas pessoalmente, posso contar tudo, porque ninguém vai ouvir e nem ver. Por exemplo, eu e você, estamos cara a cara, assim, eu posso te contar os meus segredos, mas através de carta, se tu não sabes ler, eu não posso te contar, porque quem vai ler para ti, vai descobrir o</p>

		<p>meu segredo e depois vai contar para outras pessoas e claro que isso vai causar constrangimentos. Por isso, conto com mais facilidade cara a cara (...) Se a pessoa quer destruir você, ela escreve o que bem entende, escreve aquilo que você não mandou”</p> <p>“Eu acho que, a minha família tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente. Se a pessoa não sabe escrever, não vai contar segredos para você através de cartas. Ela espera para te contar pessoalmente. Por exemplo, se ela não sabe escrever e está a lhe faltar algo em casa, ela não vai mandar a outra pessoa para colocar isso na carta, só para essa pessoa não ficar a saber. Mas, cara a cara ela pode me falar isso.”</p> <p>“Cara a cara, consigo ser mais real com meus familiares, porque estou a ver-lhes e eles estão a me ver. Através de carta há mais confusão. Tenho mais facilidade em enganá-los através de cartas.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se a pessoa está a ser sincero ou não comigo, porque vejo a pessoa.”</p>
<p>II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios sincrónicos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p> <p>Presencial vs Telefone fixo</p>	<p>“(…) É muito bom falar com eles pelo telefone (...) A informação é transmitida com mais facilidade em relação às cartas (...) Eu gostava, porque, podia ligar a minha família e contar como eu estava, em qualquer momento (...) Nem todo mundo tinha o telefone fixo. Tinha de ser pago mensalmente. (...) Não custava tanto.”</p> <p>“Não existe muita diferença em comunicar com familiares pessoalmente e através do telefone fixo, porque é possível ouvir a voz da sua família nestas duas formas de comunicação. Dá para manter um diálogo direto nas duas formas de comunicação (...) Comunicar com familiares através do telefone fixo nos deixa mais alegre do que comunicar através de cartas (...) A diferença é que pelo telefone fixo apenas escuto a minha família, enquanto pessoalmente, não só ouço a minha família, mas também, a vejo.”</p> <p>“Comunicava com eles sempre (...) A nossa conversa através do telefone fixo era longa na maioria das vezes, porque quem ligava era eu e como o telefone deles não custava, então conversávamos muito (...) Sempre que tomava um copinho, ligava para Cabo Verde.”</p> <p>“Falar com eles através do telefone fixo fazia-me sentir mais perto deles do que quando comunicava através de carta (...) O mundo mudou... melhorou muito em termos de comunicação (...) Cada vez mais, surgem tecnologias mais avançadas (...) Ouvir apenas a voz, dava saudade. Aumentava a saudade.”</p> <p>“Pessoalmente, contava mais as minhas tristezas e alegrias porque sabia que ninguém estava a escutar a nossa conversa, ninguém estava a nos ver. Pelo</p>

	<p>telefone fixo, alguém pode escutar aquilo que falo para a minha família. Expressava mais pessoalmente, porque, a pessoa conseguia ver o meu corpo”</p> <p>“Cara a cara, percebo melhor do que através do telefone fixo, se estão tristes, contentes ou estressados, porque consigo lhes ver na cara. Ficam com a cara triste. A pessoa não precisa nem abrir a boca para você perceber o que ela quer. Também cara a cara, quando a pessoa está triste, evita te encarar. Vira o rosto para o lado (...) através do telefone fixo, quando estavam tristes e com falta de alguma coisa lá em casa, quando eu ligava para eles, eles respondiam assim: <i>hnnnn está bem...hnnnn está bem...</i> (...) às vezes, dizem que está tudo bem, mas que na verdade não está tudo bem (...) quando não está tudo bem, respondem com aquela voz baixa e triste e bem devagarinho: “<i>está tudo bem</i>” e você percebe logo que na verdade não está tudo bem.</p> <p>“Cara a cara, fico mais atento neles quando estão a falar comigo, porque eles estão a me ver. Se eu não prestar atenção cara a cara, eles podem saber, por isso, presto mais. Através do telefone fixo mesmo que eu não prestar atenção, não vão ver.”</p> <p>“Não percebo se eles estão com atenção em mim através do telefone fixo do mesmo modo que percebo pessoalmente. Pessoalmente percebo melhor, porque não só oiço eles, como também, os vejo (...) mas também, através do telefone fixo, consigo perceber se estão atento ou não em mim, através da forma como eles falam. Por exemplo, quando não estão atentos, falam e fazem uma pausa.”</p> <p>“Conto com mais facilidade pessoalmente os meus segredos para eles. Pelo telefone fixo, há possibilidade de outras pessoas escutarem a nossa conversa (...) De vez em quando, as pessoas são pegos por falarem certos assuntos pelo telefone, porque o telefone fica em “<i>modo escuta</i>”. (...) Quando a pessoa fala e ouve o que está a falar pelo telefone, significa que tem mais alguém a ouvir a conversa. Significa que está no “<i>modo escuta</i>”. Eu, de vez em quando, sinto que a pessoa está a escutar aquilo que estou a falar para os outros e digo: <i>pode escutar ...malandro.</i>”</p> <p>“Acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente.”</p> <p>“Eu sou tão sincero com eles tanto pessoalmente quanto através do telefone fixo. eles são minha família, tenho de os respeitar. Também se estão errados eu digo logo: olha não podes fazer isso. Digo através do telefone e cara a cara.”</p> <p>“Através do telefone fixo, percebo menos, se eles estão a ser sinceros ou não, porque enquanto cara a cara vejo a maneira e o jeito da pessoa, pelo telefone fixo só escuto a voz (...) Aquele “<i>hnnn...hnnn... estou bem</i>”, com a voz baixa que eu tinha dito, que eles dizem quando as coisas não estão a correr bem...é sinal de que não estavam a ser sinceros.</p>
--	---

	<p>Interação através de Redes Sociais</p>	<p>“Nunca imaginei que um dia alguém podia inventar o celular, ou tecnologia que permite ver outra pessoa (...) Gosto de comunicar através destas coisas (...) dá para você ver seus familiares e eles também conseguem te ver (...) Estas coisas são muito melhores do que as cartas e melhores do que o telefone fixo (...) Eu acho que, ver os familiares é melhor.”</p> <p>“(...) Comunicar com familiares através de carta e telefone fixo é como comunicar com pessoas no escuro em que não dá para ver a pessoa e comunicar através de videochamada é comunicar com a pessoa num espaço iluminado em que dá para enxergar essa pessoa.”</p>
	<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Comunicar com familiares cara a cara é melhor.”</p> <p>“(...) Não comunico com eles através de SMS. Comunicamos sempre através de videochamada (...) Na maioria das vezes, a conversa é longa.”</p> <p>“Falar com meus familiares através de videochamada faz-me sentir mais perto deles, porque os vejo. Se estou com algum comportamento errado, eles percebem. É como se estivéssemos pessoalmente a conversar. Quando comunico com a minha irmã através de videochamada parece-me que estamos juntos, perto um do outro a falar.”</p> <p>“Conto as minhas tristezas e alegrias através de videochamada como contava pessoalmente (...) Única coisa que não deixo eles verem, é a tristeza na minha cara, porque senão ficam tristes também (...) Atualmente, não adianta esconder nada aos familiares (...) passam a saber através destas tecnologias. Por exemplo, a pessoa sofre acidente aqui em Portugal e as pessoas lá em Cabo Verde, ficam a saber antes de nós que estamos cá (...) Antigamente era diferente. As pessoas morriam e os familiares distantes só ficavam a saber depois do funeral.”</p> <p>“(...) Percebo se os meus familiares estão tristes, contentes e entre outras emoções através de videochamada como percebo pessoalmente (...) As pessoas que conheço, consigo perceber tanto pessoalmente, quanto através de videochamada, de igual forma, se estão tristes, contentes, estressados e mais.”</p> <p>“Para perceber se a sua família está triste, é basta refletir sobre a forma como ela fala contigo (...) assim como percebemos logo através de rosto, quem são os nossos familiares, se conhecemos bem a pessoa, também detetamos na sua forma de falar se está triste ou não.”</p> <p>“Fico atento neles através de videochamada do mesmo jeito que fico pessoalmente, porque não sei que novidades é que eles tem para me dar.”</p>

		<p>“Acho que consigo perceber se estão atentos ou não em mim tão bem através de videochamada como quando estamos perto ou pessoalmente (...) Os olhos tem de estar para a câmara. Se não, é porque não estão atentos.”</p> <p>“Tenho a mesma facilidade em contar os meus segredos para eles, tanto através de videochamada quanto pessoalmente. Desde que não houver riscos na videochamada, conto os meus segredos com a mesma facilidade que pessoalmente (...) Acho que me contam com mais facilidade pessoalmente, por estarmos juntos. Há pessoas, que mesmo ao pé do outro, não conseguem contar segredos.”</p> <p>“Sou tão sincero com eles pessoalmente quanto através de videochamadas (...) Tanto cara a cara quanto pessoalmente, falo para eles, que as coisas tem de ser assim e não do outro jeito, que estão errados e que precisam mudar e etc.”</p> <p>“Cara a cara percebo melhor se a pessoa está a ser ou não sincero comigo. Consigo perceber através de cabeça, ou seja, olha para o chão frequentemente e olha para o lado. falsos existem. Quando a pessoa fica a falar muito é um sinal de que está a mentir (...) através de videochamada, é basta prestar atenção bem neles... se ao falarem comigo, olharem sempre para o chão é porque estão a mentir.”</p>
III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;	Consequências positivas	“Traz alegria, não só para nós como também para eles que ficaram (...) fico mais aliviado ao ver e saber que eles estão bem (...) fico com a sensação de que estamos juntos (...) amor para eles cresce.”
	Consequências negativas	“A comunicação que mantenho com a minha família só trouxe benefícios para mim.”
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	“Já participei em aniversários. Sempre que fazem festas, nos ligam pela videochamada e participamos nas festas (...) não me lembro de outras atividades.”
	Ensino/aprendizagem	_____

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
<p>I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de cartas</p>	<p>“Não comuniquei com meus familiares através de cartas.”</p>
	<p>Carta vs presencial</p>	<p>_____</p>
<p>II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p>	<p>“Já falei com meus familiares através do telefone fixo. Gostava, porque não havia WhatsApp, viber e entre outras redes sociais que permitem fazer videochamada.”</p> <p>“(…) Também, como estava sozinho aqui, gostava de comunicar com eles através do telefone fixo, porque sentia menos solidão (…) quando falava com eles, sentia mais força para continuar a lutar (…) Embora escutava apenas a voz, mas, sentia mais energia (…) Ouvir a voz dos familiares é importante, sobretudo para mim, porque emigrei cedo.”</p>
	<p>Presencial vs Telefone fixo</p>	<p>“Cara a cara, ao ver a imagem dos meus familiares, sinto uma sensação diferente daquela que sinto através do telefone fixo.”</p> <p>“Cara a cara, capto mais informação sobre a pessoa. Por exemplo, eles podem me dizer que estão doentes através do telefone fixo, mas fico sem saber se estão realmente, mas, cara a cara, o rosto expressa isso (doença) (…) Cara a cara, a comunicação é mais satisfatória, é mais completa (…) Se, ouvir a voz apenas, me satisfazia, imagina estar na presença deles.”</p> <p>“Através do telefone fixo, sinto mais pressionado, por causa do tempo/duração/custos de chamada, mas, pessoalmente não há pressão.</p> <p>“Pessoalmente, é mais fácil expressar, explicar, fazer a pessoa perceber aquilo que estás a querer dizer, porque, nem sempre conseguimos fazer as pessoas compreender as coisas através de palavras. O ser humano, nem sempre expressa só com a voz. Outros meios de expressão, são se calhar, muito mais importante do que a voz. Por exemplo, a expressão facial, olhar, são coisas que falam muito mais do que simplesmente a voz (…) O toque, também é um meio de expressão (…) sabemos que aquilo que mais fica marcado na memória são estas expressões (<i>a maneira como a pessoa olha para nós, como portou e etc.</i>)</p>

	<p>(...) A palavra tem o seu valor, porém ganha mais significado, quando outras expressões são vistas simultaneamente. Olhar, atitude, comportamento, são muito mais impactantes do que a voz.”</p> <p>“Com o aparecimento das tecnologias, o contato entre nós tornou mais frequente (...) Comunicava com eles através do telefone fixo, apenas nos finais de semana, por duas razões: a primeira razão, é porque não havia o que há hoje: as redes sociais. A segunda razão, tem a ver com custos de ligações/chamadas.”</p> <p>“A conversa através do telefone fixo, era na maioria das vezes longa, porque como estava sozinho aqui, trabalhava durante a semana, então sábado e domingo era dia de matar a saudade deles. ouvi-los para ganhar a força para a nova semana de trabalho.”</p> <p>“Cara a cara, expressava mais as minhas emoções, porque, meu corpo não engana (...) Pessoalmente, é fácil as pessoas conseguirem decifrar como estou (...) é mais fácil eu esconder o que está a passar comigo através do telefone fixo (...) Pessoalmente, mesmo se eu não falar, as pessoas percebem logo o meu estado emocional (...) através do telefone fixo, eu só expressava as minhas alegrias. Como eu ligava para ganhar mais força, então não podia lhes transmitir algo negativo, porque senão ficávamos dentro da negatividade a nadar e a labutar (...) Tristeza, guardo para mim.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor do que através do telefone fixo, se estão tristes, contentes, estressados e entre outras emoções (...) vejo o olhar, ouço o tom da voz (...) Há muitos sinais que podemos ver pessoalmente se a pessoa está triste ou não e que podem resumir em expressões faciais, verbais e corporais (...) Expressão facial define quem somos (...) A face, acaba por relevar muito mais o nosso estado emocional do que a voz (...) Para perceber através de voz (pelo telefone fixo) que uma pessoa está triste, temos de a conhecer muito bem (...) Não me lembro de ter percebido nenhuma tristeza neles, através do telefone fixo (...) Só lembro de ter percebido alegria (...) Percebia que estavam alegres através de reação, tempo de chamada (...) se passavam horas a falar (...) significa que estavam alegres.”</p> <p>“Fico mais atento neles, quando estamos a falar pessoalmente do que quando estávamos a falar através do telefone fixo (...) Fico mais atento, para eu poder captar além das palavras (...) Temos de captar outras expressões para nos ajudar a entender aquilo que é dito (...) Através de telefone fixo, como não vejo a pessoa, fico menos atento.”</p> <p>“Quando estávamos a falar pessoalmente, conseguia perceber melhor do que quando estávamos a falar através do telefone fixo, se estão atentos ou não em mim, simplesmente, porque, pessoalmente há aquele contato visual. Por exemplo, se quando falo com eles, eles olham para outro lado, é sinal de que não estão atentos (...) Através do telefone fixo é mais difícil perceber se estão</p>
--	---

		<p>atentos ou não. Através do telefone fixo, dá para perceber através de respiração, quando não escutamos a respiração da pessoa é porque não está atento, o silêncio profundo, tempo de resposta (se demoravam para responder ou se respondiam aquilo que não lhes perguntei ou ainda se não respondiam.”</p> <p>“Através de telefone fixo, redes sociais se calhar, a empatia é maior, a preocupação é maior (...) não estás lá para ver a pessoa e você fica sem a noção de quantidade da gravidade. Por exemplo, imaginemos, se um familiar ligar o outro no estrangeiro e contar pelo telefone fixo que caiu, a pessoa ao receber esta notícia, fica preocupada, porque não viu se aquela que caiu, se machucou tanto ou não (...) então, a empatia acaba por ser maior (...) A falta de mais informação, gera mais empatia.”</p> <p>“Conto com mais facilidade os meus segredos aos meus familiares pessoalmente e não através do telefone fixo, porque pessoalmente, consigo captar mais sobre a pessoa e ao ter mais informação sobre a pessoa a confiança também será maior (...) Já que, é uma coisa pessoal, privado, preferimos que a pessoa nos sente além de nos ouvir (...) Pessoalmente, a reação da pessoa pode nos transmitir mais confiança (...) Se a pessoa for de muita confiança, podemos contar os nossos segredos também através do telefone fixo (...) Através do telefone fixo, ficamos sem saber se a pessoa está a nos escutar, por isso é mais difícil desabafar.” [sobre a facilidade em contar os segredos através de telefone fixo e cara a cara]</p> <p>“Acho que eles tem a mesma facilidade em me contar os segredos deles, tanto pelo telefone fixo quanto pessoalmente.”</p> <p>“Enganamos os outros de qualquer forma, mas, tenho mais facilidade em omitir coisas através de telefone fixo, porque não estão a me ver. É mais fácil de eu ser pego a omitir coisas pessoalmente (o que estou a sentir, o que está a passar, estado de espírito e etc. [sobre a sinceridade]</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão ou não a ser sincero comigo, porque vejo a expressão das pessoas (face, voz) (...) A forma como a história é contada pode indicar se a pessoa está a mentir ou não (...) Se a pessoa for muito esperta, não consigo perceber se ela está ou não a ser sincero comigo pelo telefone fixo. (...) É difícil perceber através do telefone fixo.” [sobre a percepção da sinceridade]</p>
	<p>Interação através de Redes Sociais</p>	<p>“Já comuniquei com eles através de redes sociais. Gosto, porque consigo vê-los através de redes sociais (...) Ao vê-los, sinto melhor e mais próximo deles. Sinto mais satisfeito ao vê-los (...) Quando os vejo através de vídeo chamada, sinto outra sensação. A sensação de presença, de proximidade.”</p>

		<p>“(...) Ao falar com eles através de videochamada, sinto que a distância que existe entre nós deixa de existir. É como se estivéssemos lado a lado, só que, a única coisa que nos falta é o toque físico (...)</p> <p>“(...) É uma comunicação mais tranquila comparando com a comunicação através de telefone fixo.”</p> <p>“(...) Videochamada, em comparação com o telefone fixo, mata melhor a saudade e elimina as barreiras geográficas.”</p> <p>“(...) Tornou coisas mais próximas, quase palpáveis (...) a comunicação tornou mais instantâneo e imediato [aspectos que considera mais importante nas conversas de videochamada]</p>
	<p>Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Existe diferença ao comunicar com familiares através de videochamada e pessoalmente. Não muita, mas existe (...) Pessoalmente, consigo tocar a pessoa enquanto através de videochamada, não consigo (...) Só ver e não poder tocar, não é tão suficiente (...) Ver e tocar, já é suficiente.”</p> <p>“Trocamos SMS sempre. Frequentemente (...) As mensagens que trocamos são curtas na maioria das vezes. É por isso, que as cartas eram longas porque não trocavam com tanta frequência (...) Não contactamos muito pela videochamada. Contactamos mais nos finais de semana, mas nem todos (...) A conversa através de videochamada é longa, na maioria das vezes” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Expresso minhas alegrias pela videochamada como expresso pessoalmente. Já que é algo de bom, positivo, eu conto/mostro tanto pelo telemóvel quanto pessoalmente de igual forma (...) Expresso apenas alegrias pela videochamada (...) as tristezas guardo para mim.” [sobre expressão das emoções]</p> <p>“A pessoa que conheço bem, consigo perceber se está triste, estressado, contente, através de videochamada tão bem quanto pessoalmente. Já que, através de videochamada, vejo expressão facial, olhar (...) olhar que diz muito (...) Estas duas coisas são suficientes para perceber se a pessoa está triste, contente, estressado.” [sobre a percepção das emoções]</p> <p>“Fico mais atento pessoalmente e não através de videochamada. Fico mais atento, porque estou lá com eles, e conseguem me ver por completo.” [sobre a atenção]</p> <p>“Pessoalmente, consigo perceber melhor do que através de videochamada se estão atentos ou não em mim, pelo facto de ter-lhes por inteiro na minha frente. Assim, capto mais informações sobre eles, mais sinais, do que simplesmente pela videochamada.” [percepção da atenção]</p> <p>“Tenho mais facilidade em contar os meus segredos para eles pessoalmente do que através de videochamada (...) através de videochamada, não sei se apenas</p>

		<p>estão os meus familiares naquele sítio (...) Pode ser que há alguém à volta e não percebo (...) não sei se não estão com telemóvel no modo “altifalante” (...) Através de videochamada, se não fizermos cuidado, as pessoas descobrem os nossos segredos com mais facilidade.” [sobre a facilidade em contar os segredos ou aspetos pessoais]</p> <p>“Eu acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente e não através de videochamada, pelo mesmo motivo.”</p> <p>“Sou mais sincero pessoalmente (...) Pessoalmente, estou lá, é mais difícil omitir as coisas. Se a pessoa for inteligente, consegue ver se estou ou não a ser real. Por exemplo, através de videochamada, posso armar uma tenda e fazer uma videochamada e enganar as pessoas que estou em casa, mas pessoalmente não falo isso, porque descobrem logo que não estou a falar verdade [sobre a sinceridade].</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão a ser sincero ou não comigo. Consigo não só escutar a voz, mas também, ver o rosto, nervosismo na mão ou no pé, enquanto através de videochamadas só vejo expressão facial (...) Pode não ser fácil, mas, consigo perceber através de videochamada, se estão ou não a ser sincero comigo (...) Palavras e olhares em conjunto ajudam-me a perceber se estão a ser real ou não (...) Eles podem falar e o olhar não corresponder àquilo que estão a falar.” [sobre a perceção de sinceridade]</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) Sinto mais alegre, mais energia, mais vontade de continuar a lutar. Estou a falar estas coisas para você, porque cheguei num momento mesmo difícil... Família é família (...) a comunicação que mantenho, traz segurança, tranquilidade, sinto satisfeito, cria sensação de presença deles, diminui a saudade deles, sinto que ainda pertenço à minha família apesar da distância;</p> <p>“(…) cimeta cada vez mais o meu verdadeiro eu; faz-me lembrar do passado; Em termos de manter a nossa cultura viva, por exemplo, se eu conviver apenas com portugueses ou com pessoas de outras nacionalidades, a nossa língua crioula ficará adormecida e não morta, porque eu emigrei com 17 anos e não vou esquecer o crioulo (...) no caso daqueles que vieram antes de mim e com menos idade, podem esquecer a língua, caso deixarem de a falar (...) Eu faço de tudo para que a nossa língua não morra.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“O contato que mantenho com os meus familiares, não trouxe nenhum aspeto negativo para mim.”</p> <p>(...) Para outras pessoas, sei que trouxe, por exemplo, já conheço pessoas que ficam tão ligado à Cabo Verde e acabam por não viver a realidade portuguesa (...) Continuam a viver a realidade cabo-verdiana aqui em Portugal (...) não fazem certas coisas, não cumprem certas regras, como por exemplo: não fazem número do contribuinte, não colocam os documentos em dia, não integram (...) Ficam tão ligados a Cabo Verde e esquecem de viver a realidade daqui.”</p>

IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	“(...) participei em aniversários (...) tenho uma irmã que participou no funeral através de videochamada e senti mal, por isso, nunca o assisti virtualmente.” “fazemos reuniões familiares (...) Participar nessas reuniões, causa proximidade, isto é, sinto mais próximo deles.”
	Ensino/aprendizagem	“(...) ensino para minha mãe como usar telemóveis.”

Sinopse: Entrevista 5		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I- Captar as perceções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	“Não comuniquei com eles através de carta.”
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as perceções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“Não falamos através do telefone fixo”
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	“Não é questão de gostar de comunicar com eles através de videochamada... risos. É questão de necessidade. Não há outra opção. “Tenho primos que, quando estamos a comunicar através de videochamada, os sinto como se estivéssemos lado a lado ou frente a frente a conversar (...) mas, tenho outros, que tem dias que quase não conseguimos falar nada por causa da falha de internet.”

	<p>“(…) WhatsApp, por exemplo, é uma das redes sociais que permite uma melhor comunicação, porque ela é uma plataforma criada para conversa (…)</p> <p>Hoje, a maioria das comunidades imigrantes, tanto os cabo-verdianos quanto as da outra nacionalidade, comunicam com a sua origem através de redes sociais: Messenger (…). Parece que, estão satisfeitos com a comunicação através deste meio.”</p> <p>“A maioria da comunicação à distância era feita através de viber (…). Os cabo-verdianos não tem hábito de usar WhatsApp.”</p> <p>“Se antes, para enviar pessoas um registo criminal ou qualquer documentação demorava muito tempo, porque mandavam através de carta, hoje não (…)</p> <p>Hoje, os documentos são enviados por email e chega na hora.”</p> <p>“Hoje, é fácil contatar família (…). Se a família não tiver telemóvel ou internet no telemovel é basta ligar para as vizinhanças e mandar chamá-la para vir atender o telemóvel.”</p> <p>“As notícias, sobretudo as desgraças dos familiares são transmitidas com rapidez.”</p> <p>“(…) Vídeo, foi criado para permitir as pessoas viverem o momento real e exato (…). Ao ligar a câmara, meu filho e a minha mãe ficam mais ligados apesar da distância (…). A partir do momento em que ela vê o meu filho, ela consegue ter uma perceção sobre ele (…). A minha filha, por exemplo, antes de vir fazer a licenciatura, comunicava com meu filho através de videochamada sempre. Quando ela chegou Portugal, não foi uma estranha para meu filho.”</p> <p>“Sinto mais próximo deles (…). Sinto que estamos a partilhar o mesmo ambiente apesar de distância, coisas que não sinto quando estamos a falar através de SMS ou apenas através de ligação de voz.” [aspetos que considera melhor nas conversas de videochamada]</p>
<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“(…) Pessoalmente, não há distância.”</p> <p>(…) A conversa através de videochamada é mais interessante. Por exemplo, eu e tu, estamos cara a cara a comunicar, se estivéssemos a comunicar através de videochamada, essa conversa seria muito mais interessante, porque, há “<i>quebra de gelos</i>”. Por exemplo (…) pessoalmente, a pessoa tem mais dificuldade em sentir à vontade para falar ou fazer certas coisas (…), mas, através de videochamada, a pessoa sente mais à vontade e é menos tímido (…). Através de videochamada há inúmeras formas de <i>quebrar o gelo</i> (…). Pode quebrar através de um boneco engraçado, uma imagem engraçada e mais (…), e isto tranquiliza a pessoa (…). Pessoalmente, sobretudo quando as pessoas são desconhecidas uma para as outras, há mais receio.”</p>

	<p>“através das redes sociais, há mais facilidade de comunicação, quer entre familiares, quer entre amigos e etc.”</p> <p>“Cara a cara, é mais difícil saber qual é o nível de simpatia da pessoa.”</p> <p>“(…) outra diferença, é que, a comunicação através de videochamada tem mais custo do que a comunicação presencial.”</p> <p>“Faço ligação de videochamada ou mesmo de voz nos finais de semana (…) a ligação é longa (…) Através de SMS falo apenas com uma pessoa de cada vez, enquanto através de voz ou vídeo, falo com muitos familiares em simultâneo (…) Falar com eles todos, simultaneamente, tem um grande significado. Sinto aquela sensação de proximidade ou a sensação de que não estamos separados geograficamente, sensação de que a amizade ainda mantém.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Elas [as redes sociais] permitem que interagimos instantaneamente. Imediatamente (…) Sinto eles presentes quando estamos a conversar através de videochamada. É como te disse, a sensação de presença é a mesma que aquela que sinto quando estamos a falar pessoalmente. Por exemplo, eu posso fazer uma videochamada agora e incluir pessoas na china, em Cabo Verde ou pessoas que estão em qualquer país do mundo na conversa, falamos em momento real (…) e isso cria a sensação de presença (…) e sensação de proximidade (…) As redes sociais, fazem as pessoas sentirem tão próximas uma da outra e a pessoa perde aquela sensação de distanciamento.”</p> <p>“(…) Imaginemos que meu primo fez anos hoje (…) A emoção que ele sente se eu enviar uma carta (…) uma SMS (…) ou se falarmos apenas através de voz, não é a mesma que ele vai sentir se eu ligar a câmara e desejar-lhe parabéns, onde ele vai me ver e eu vou ver ele (…) Através de videochamada, a emoção é maior (…) A imagem transmite proximidade (…) SMS, ele pode ler, mas pode não lhe tocar (…) Pessoalmente, a emoção é ainda maior em relação à videochamada.”</p> <p>“(…) Antes, quando eles [imigrantes] iam para as férias, as pessoas ficavam mais ansiosas para os conhecer e a emoção era maior (…) ficávamos sem saber se a pessoa que está emigrado está gorda ou magra, doente ou saudável, mais claro ou mais escuro (…) e quando cruzávamos com eles, a emoção era maior (…) Hoje, a emoção ao cruzar com um imigrante é menor (…) Antigamente, pessoas que residiam longe, iam ver o imigrante, porque passavam muito tempo sem vê-lo (…) Iam por curiosidade, para saberem se o fulano engordou ou emagreceu (…) e tudo isto, tinha um grande impacto emocional.”[sobre a expressão das emoções]</p> <p>“Através de videochamada, fico mais atento do que pessoalmente, porque pessoalmente há mais distração, pode ser por causa de outras pessoas, imagens ou de outras conversas que estão a decorrer ao meu lado (…) Como sabemos que a conversa através de vídeo, termina a qualquer momento, ficamos mais</p>
--	---

		<p>interessados naquela conversa (...) damos mais importância a ela.” [sobre a atenção]</p> <p>“Pessoalmente, consigo perceber melhor do que através de videochamada, os problemas deles, porque vivencio fisicamente com eles e o problema deles acaba por passar/transmitir para mim (...) Sinto aquele problema em mim (...) sinto-o como se fosse o meu. Por exemplo, imagina uma pessoa sensível chegar em ti agora e dizer que o pai da sua melhor amiga morreu. Por ela ser sensível, a tendência é de ela te abraçar (...) e ao abraçar-te, ela transmitirá aquela energia ou dor para ti (...) e consequentemente sentirás a mesma coisa que ela (...) Por isso, pessoalmente, a pessoa sente melhor os problemas dos outros do que através de videochamada (...) Através de videochamada, o calor humano não é transmitido.” [questão da empatia, se sente o problema dos outros de igual forma nas duas formas de comunicação: presencial e através de videochamada]</p> <p>“conto com mais facilidade os meus segredos pessoalmente e não através de redes sociais (...) A primeira coisa que aprendi quando ingressei no curso de informática, foi a “segurança, risco da internet”.” [sobre confidência, se tem mais facilidade em contar pessoalmente ou através de redes sociais]</p> <p>“Acho que eles tem a mesma facilidade em contar-me os segredos deles, tanto através de redes sociais quanto pessoalmente (...) Há familiares, que sempre que estamos juntos fisicamente, começam a desabafar (...) a me contar os segredos deles (...) Há aqueles que me mandam SMS [contam pela SMS]</p> <p>“Tenho mais facilidade em enganar os outros através de redes sociais e não pessoalmente (...) Através de redes sociais, as pessoas inventam situações.” [sobre a sinceridade]</p> <p>“Confio naquilo que me dizem através de videochamada como naquilo que me dizem pessoalmente (...) Eu conheci a minha família antes de redes sociais, por isso, já a conheço bem (...) aquelas nas quais confio pessoalmente, continuo a confiar através de videochamada.” [sobre confiança]</p> <p>“Acho que eles confiam naquilo que eu lhes digo pessoalmente do mesmo modo que confiam naquilo que lhes digo através de videochamada (...) Por exemplo, se me pedirem algo (...) se não estou em condições, digo: olha não posso, porque não dá (...) E eles já sabem que sou assim.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) me aproxima deles (...) não me deixa esquecê-los, nos mantém sempre ligados. A distância, às vezes, diminui o afeto e amizade entre familiares (...) mas quando nos mantemos em contato, isso tudo, continua do jeito que era e o laço mantém.</p>

<p>TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências negativas</p>	<p>“A comunicação que mantenho com meus familiares através de TIC, trouxe aspectos negativos para mim (...) As redes sociais, são espaços onde os familiares ganham mais intimidade e mais coragem para falar ou pedir coisas. por exemplo, aquilo que eu te disse, tem aqueles que pedem dinheiro, ou telemóvel e quando não mando ficam a reclamar (...) se fosse pessoalmente, sentiriam vergonha de pedir-me coisas (...) preferem pedir por SMS para nos colocar em dilema (...) ficamos a dizer será que eu tenho de mandar ou não mando? (...) a pessoa, tira a responsabilidade de cabeça dela e coloca em cima de nós que estamos aqui.”</p> <p>“Alguns familiares são invasivos.”</p> <p>“A tecnologia está a contribuir para o afastamento entre familiares, porque tem imigrantes que não se deixam levar ou cair nas armadilhas dos outros que ficaram (...) Cada hora, estes vem com um “<i>papinho</i>” (...) E quando não caímos nas armadilhas deles, ficam com raiva e afastam.”</p> <p>“Um outro aspeto, é que alguns dos meus familiares, tentam saber da minha vida pessoal, se estou a namorar alguém, coisas assim (...) e não gosto disso (...) não os respondo.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“Já participei em reuniões familiares através de videochamada (...) A sensação que sinto ao falar com eles todos, ao mesmo tempo online é a mesma que sinto quando estamos a falar presencialmente (...) Sensação de presença. (...) Tudo é interação.”</p> <p>“sempre que estou numa paródia, é tipo que fico com mais adrenalina, (...) ligo para os meus primos, para eles assistirem ou participarem nas festas (...) Aproveito para os mostrar com quem é que estou na festa (...) e como está a correr.</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>_____ -</p>

Sinopse: Entrevista 6		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas

I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	“nunca comuniquei com meus familiares através de carta.”
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“também nunca falei com eles através do telefone fixo.”
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	“(…) É a minha única opção [se gosta de comunicar através de redes sociais] (…) Na verdade, gosto de falar com eles através de redes sociais (…) Há dias que fico a implorar para que a minha mãe atenda o telefone (…) Eu acredito, que todos os imigrantes que estão cá, sentem em algum momento, falta dos seus familiares que ficaram (…) sobretudo dos pais (…) mesmo que não tenham uma boa relação.”
	Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais	“comunicar não é apenas falar (…) é muito mais do que isto (…) todas as partes do nosso corpo comunica: olhar, toque (…) “A pessoa, pode dizer que está bem, mas se a comunicação for apenas por voz ou por SMS, não detetamos se realmente a pessoa está bem (…) Às vezes, mesmo através de videochamada, ficamos sem perceber se está ou não bem, porque não sentimos a energia da pessoa (…) Para sabermos se está tudo bem com a pessoa, temos de ver e tocar a pessoa, sentir a energia e o calor dela (…) Muitas pessoas não acreditam, mas a energia diz muito (…) “(…) Você pode estar a enxugar as lágrimas, enquanto está a dizer que está tudo bem, mas eu não vejo através de redes sociais (…) se fosse pessoalmente conseguiria enxergar (…) ao comunicarmos uns com os outros, a energia espalha pelo ar e coincide com o que estamos a falar (…) e só pode ser bem

	<p>percebida ou captada pessoalmente (...) Presença é presença (...) A voz, nunca será suficiente.</p> <p>“Outra diferença, é que pessoalmente, recebemos apoio, como por exemplo, abraço.”</p> <p>“Pessoalmente, sabemos que nestes momentos (de aflição), temos companhia (...) Eles não precisam abrir a boca para falar nada (...) Só o abraço, a companhia, chega.”</p> <p>“(…) pessoalmente, se queremos falar algo logo, conseguimos (...) Se temos alguma urgência para falar, falamos (...) enquanto através de redes sociais, se a nossa família não estiver online e se estiver sem internet ou se estamos sem bateria não conseguimos comunicar com urgência. A urgência deixa de ser urgência (...) <i>Não podemos contar com o sapato dos defuntos</i>” [que neste caso é o telemóvel]</p> <p>“(…) Comunicar através de redes sociais é arriscado, porque pessoas podem escutar a conversa (...) o telemóvel pode desaparecer, as pessoas descobrem segredos e muitas coisas.”</p> <p>“(…) Nem com a minha mãe, consigo falar todos os dias (...) também a frequência do contato depende muito dos momentos em que estamos a viver (...) Às vezes, distraio e passo 5 dias sem falar com ela (...) Trocamos SMS longa (...) É muita coisa para conversar, não falamos todos os dias (...) é por isso (...) Quase não comunicamos através de videochamada, por causa de mega e rede (...) e as conversas de videochamada é longa na maioria das vezes (...) é muita saudade acumulada.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“(…) Tenho um vestido que recebi da minha mãe (...) Quando toco o vestido, sinto ela presente (...) É um vestido para minha bebé e não cabe mais nela, mas não vou jogar fora nunca, porque me faz lembrar dela.”</p> <p>“Em termos de comunicação, o mundo evoluiu mil vezes para melhor (...) Sinto-os próximo ao falar com eles através de videochamada (...) nunca será igual a uma conversa ou convívio presencial (...) Em termos de saudade, posso te dizer que isso depende. Nem sempre, comunicar com eles através de videochamada diminui a saudade (...) Às vezes, sinto animada (...) Há dias que sinto mais saudade (...) Cada vez que vejo ela [pela videochamada], sinto mais saudade (...) Vontade de estar ao pé da minha mãe para abraçá-la (...) acho que essa questão de diminuir ou aumentar saudade, depende muito do nosso psicológico (...) Do momento que estamos a vivenciar.” [sobre a questão de proximidade]</p> <p>“(…) A minha mãe edita (...) Pega imagens de vários membros da família e coloca numa só foto (...) Quando vejo aquela foto, fico triste (...) sinto mais motivação para lutar (...) tento fazer com que a distância entre nós, principalmente, entre eu e a minha mãe, valer a pena (...) Sinto-os mais</p>
--	--

	<p>presentes (...) e sinto que a foto conforta a minha mãe (...) Sempre que olho para aquela foto, lembro dos nossos passados (...) lembro de quando eu estava lá com eles (...) já lembrei até de momento de discussão entre eu e ela [mãe] [risos]” [se já editaram a foto, onde juntam várias imagens de membros familiares numa só foto e o significado de ver a foto editada]</p> <p>“Com a emigração, passei a expressar mais as minhas emoções, meus sentimentos... passei a expressar mais através de videochamada, porque pessoalmente tudo é fácil (...) Há distância, sentimos uma necessidade (...) que nem sei te explicar (...) Choro no peito dela através de telemóvel” [sobre a expressão das emoções cara a cara e através de redes sociais]</p> <p>“Não. Pessoalmente, percebo melhor do que através de redes sociais, as emoções deles (...) Presencialmente é mais fácil perceber, porque você sente a energia da pessoa (...) o toque físico, nos ajuda a compreender (...) através do telemóvel, só consigo perceber, se tenho muita intimidade ou se conheço bem a pessoa (...) A minha mãe, por exemplo, quando não está bem, consigo perceber através de voz (...) Outros familiares que não moramos na mesma casa, meus primos, por exemplo, consigo perceber melhor suas emoções através de videochamada do que apenas simplesmente pela chamada de voz.”[sobre a percepção das emoções]</p> <p>“Fico mais atento neles, quando estamos a interagir pessoalmente (...) Através de redes sociais ou videochamada, há distrações (...) Às vezes, a internet cai em Cabo Verde (...) nas redes sociais, alguma coisa nos interrompe sempre.</p> <p>“Não percebo se estão atentos em mim através de videochamada como percebo pessoalmente (...) Pessoalmente, percebo melhor. Como fico mais atento neles e sem muitas distrações, consigo ver melhor se estão ou não atentos em mim (...) Ao perceber que a pessoa não está atento em mim, a conversa perde o sabor e sentido.”</p> <p>“Consigo perceber o problema deles sim através de videochamada (...) só que pessoalmente percebo melhor (...)Eu posso te ligar agora e falar contigo, contar os meus problemas através de videochamada, mas não estás perto de mim, para sentir o que estou realmente a sentir (...) Tinhas de estar ao pé de mim (...) a me ver (...) e a segurar a minha mão, só assim conseguirias colocar no meu lugar e sentir o que estou a sentir (...) Tinhas de estar lá comigo, para sentir o meu problema ou minha alegria.”[empatia em comunicação presencial e através de redes sociais]</p> <p>“Frente a frente, como há menos risco de outras pessoas saberem o que estou a falar ou deixar de falar, tenho mais facilidade em contar os meus segredos (...) mas aprendi a adaptar às circunstâncias (...) Hoje, sinto muito à-vontade em abrir com a minha mãe pelas redes sociais (...) Sei que é a minha única opção (...) Conto [os segredos] mais pela chamada e não através de SMS.”</p>
--	--

		<p>“Acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente, mil e umas vezes (...) Pessoalmente, é apenas eu e tu (...) Na videochamada não (...) Eu acho que, como ela (minha mãe) não consegue avistar bem quem está ao meu redor, através de videochamada, ela não fala tudo.”</p> <p>“Sou mais sincera com eles pessoalmente e não através de videochamada (...) Há distância, muitas vezes, opto por não ser sincera com a minha família (...) Escondo muitas coisas à distância (...) digo: para quê falar isso para minha mãe, se ela não vai conseguir me ajudar.”</p> <p>“Através de videochamada é mais complicado (...) Ela pode disfarçar tão bem e conseguir me enganar (...) Consigo perceber melhor, pessoalmente, se estão ou não a ser sinceros (...) Só a expressão corporal fala tudo (...) Quando respondemos, não respondemos apenas com a boca (...) toda parte do corpo responde juntamente com a boca.”</p> <p>“No caso dos meus pais, é a mesma confiança que tenho neles pessoalmente que tenho quando estamos a falar através de redes sociais ou videochamada (...) Não significa que eles não ocultam nada a mim.”</p> <p>“A minha mãe, confia naquilo que falo para ela através de redes sociais como naquilo que falo pessoalmente (...) Já, no caso de outros familiares, acho que confiam mais naquilo que falo pessoalmente, do que naquilo que falo através do telemóvel (...) porque pelo telemóvel há mais dúvida. Por exemplo, algum dos meus familiares, podem me pedir um telemóvel e posso dizer que não estou em condições de mandar e a pessoa pode pensar que estou a mentir (...) como dizem, através do telemóvel, ninguém sente vergonha.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) A família nos serve como meio de suporte (...) de alívio (...) e como fonte onde expressamos a nossa maturidade (...) Todas as dificuldades parecem pequenas, porque tenho alguém que me dá suporte.</p> <p>“(…) É aqui, que passamos a saber melhor, o quanto a nossa família é importante. Muitas vezes, quando estamos perto da nossa família, deixamos de expressar e mostrar para ela o quanto ela tem valor (...) o quanto ela é importante (...) Quando passamos a viver longe, sentimos uma culpa de não ter falado tudo isso (...) A emigração ensinou-me que tenho de expressar todos os meus sentimentos para minha mãe (...) dizer o quanto amo ela (...) dizer tudo (...) Vida aqui, causa-nos muitas emoções, por isso, empurra-nos para a nossa família (...) e faz-nos enxergar o que é família (...) o significado de família.”</p> <p>“Falar com a minha mãe, deixa-me mais motivada (...) ela traz a luz sobre a minha luta (...) e a minha luta torna mais significativa, porque sei que a tenho para orgulhar de mim e pessoas com quem comemoro a minha vitória (...) influenciam positivamente a forma como encarro a emigração (...) Sinto bem</p>

		<p>ao falar com eles (...) se eu não estou a sentir bem claro que não vou levar uma vida estável aqui (...) eles contribuem 90% para o meu bem-estar psicológico e isso é que me ajuda a manter fisicamente bem aqui (...) Família é tudo.”</p>
	Consequências negativas	<p>“Ter o contato em dia e não conseguir falar sempre e no horário que queremos, causa estresse (...) Urgência deixa de ser urgência (...) adrenalina de conversar perde.”</p> <p>“Quando mantemos em contato com familiares interesseiros, que ficam a pedir coisas e quando não damos, criam problemas e rivalidades, afastam e deixam de falar connosco (...) isso aconteceu comigo.”</p> <p>“Uma vez, postei uma foto com uma menina numa festa e a minha mãe me ligou e me disse que ouviu algum podre da menina e que tenho de fazer mais cuidado (...) Desde aquele dia, não saí com a fulana (...) Às vezes, tentam controlar mesmo à distância (...) mas é bom porque evitamos em cair nos problemas (...) por um lado é bom (...) por outro, significa que está a tentar me controlar.</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	Eventos familiares	<p>“(…) Criamos um grupo de família do lado materno (...) Fazemos reuniões familiares (...) Participar nestas reuniões, é um sinal de que já estamos confortados com o mundo virtual (...) Todos os participantes sentem bem (...) (...) É como se estivéssemos dentro da mesma casa embora sabemos que estamos longe e não conseguimos tocar um ao outro (...) Sentimos um pouco confortado, porque cada <i>kkk</i> vimos e ouvimos (...) É confortável, porém, nunca será igual a uma conversa ou convívio presencial, porque presencial consigo dar um abraço bem apertado.”</p> <p>“mostro casas que alugo (...) roupas que compro e peço a opinião (...) ela me ajuda a tomar as decisões à distância (...) ela (mãe) continuou presente na minha vida.”</p> <p>“liguei a câmara para ela cantar parabéns para minha filha à distância. Ela viu tudo (...) Chegou um tempo que comemos bolo á distância (...) fiz o bolo para ela e liguei o vídeo e comi (...) disse a ela que, estava a comer aquele bolo para ela (...) ela assistiu meus momentos pré-parto.</p>
	Ensino/aprendizagem	_____

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
<p>I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de cartas</p>	<p>“(…) Eu, ainda escrevo cartas, mando com portadores (amigos) que vão e voltam (…). É bom (…) enviar e receber carta é prazeroso.”</p> <p>“(…) Embora, [a carta] traz mais nostalgia do que telefone fixo e telemóvel, fico muito mais contente em receber uma carta que foi escrito com a própria mão do que receber um telefonema (…). A sensação é outra ao receber uma carta (…). Sensação de alegria (…). Dopamina fica lá em cima.”</p> <p>“(…) Ao receber uma carta fico emocionado porque me remete ao passado (…). Fico a lembrar de quando as pessoas comunicavam somente através de cartas e do tempo em que a carta demorava para chegar nas pessoas.”</p> <p>“(…) Tenho cartas que recebi já faz tempo, mas ainda leio (…). As SMS, leio uma vez e ficam guardados no telemóvel (…). Carta é uma coisa diferente (…). Quando seguro a carta, sinto eles próximos (…). sinto mais saudade deles [cada vez que lê].”</p>
	<p>Interação através de Carta vs presencial</p>	<p>“Expresso as minhas emoções nas cartas como expresso pessoalmente (…). Sou uma pessoa expressiva (…). gosto (…). não importa o meio.” [sobre a expressão das emoções]</p> <p>“Se for um familiar que conheço bem, consigo perceber as emoções dele na carta do mesmo jeito que percebo pessoalmente (…). O vibe da pessoa é o mesmo (…).”</p> <p>“Acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles através de carta e não pessoalmente, porque frente-a-frente, as pessoas são mais reservados e não expõem muito.” [sobre as confidências].</p> <p>“Sou tão sincero ao comunicar através de carta quanto ao comunicar pessoalmente com eles (…). Eu não tenho problema em dizer algo.” [se é mais sincero ao comunicar pessoalmente ou através de carta]</p> <p>“Não. Pessoalmente percebo melhor se estão a ser sinceros ou não comigo (…). Nas cartas, eles podem dizer que estão contentes, mas que na realidade não estão (…). e não consigo saber (…). não estou a vê-los (…). pessoalmente consigo ver (…). Através de carta, acredito e imagino que estão a ser sinceros comigo.”</p> <p>“Confio mais naquilo que me falam cara a cara do que naquilo que me falam através de carta (…). porque cara a cara, a pessoa está na minha frente (…). e há toda uma linguagem corporal (…). Quando leio carta, imagino que a pessoa está a ser sincero.”</p>

		<p>“Eu acho, que eles confiam naquilo que falo através de carta do mesmo modo que confiam naquilo que falo para eles pessoalmente (...) não sei dizer o porquê.”</p>
<p>II- Captar as perceções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronicos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p>	
	<p>Presencial vs Telefone fixo</p>	
	<p>Interação através de Redes Sociais</p>	<p>“Já falei com eles através de redes sociais e gosto (...) A tecnologia encurtou a distância entre familiares, embora distancia os mesmos quando eles usam-na excessivamente.”</p> <p>“Antigamente, a comunicação era através de carta, depois passaram a comunicar por telefone fixo e custava muito mais (...) com o desenvolvimento da tecnologia os custos diminuíram.”</p> <p>“(…) Antigamente, quando uma pessoa ia receber outras no aeroporto, a emoção era muito maior, porque era mais saudade (...) hoje, a emoção é muito menos, porque as pessoas mantêm sempre em interação (...) a saudade é menos (...) as pessoas veem um ao outro sempre (...) Quando vemos uma coisa todos os dias, ela acaba por tornar mais normal (...) mais banal.”</p> <p>“Quando a comunicação era através de carta, as pessoas sentiam mais distantes uma das outras.”</p> <p>“Podemos comparar a comunicação através de redes sociais e comunicação através de carta com o momento em que estamos a ouvir as músicas numa cassete e no spotify (...) A cassete traz nostalgia, assim como a carta traz.”</p> <p>“Através de redes sociais, posso ligar a minha avó agora e ela atende agora.”</p> <p>“Há uma partilha mais direta, embora não estando fisicamente juntos, mas sentimos próximos.”</p>
<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Não vejo muita diferença ao comunicar com meus familiares pessoalmente e através de videochamada (...) tudo que falo fisicamente falo pela videochamada.”</p> <p>“Expressão das emoções é igual, sinceridade é o mesmo, a confiança (...) carater deve estar e prevalecer através de carta, telefone e em todos os meios de comunicação.”</p>	

	<p>“(…) O telemóvel surgiu para suprir um pouco, a ausência dos outros.”</p> <p>“(…) No caso de comunicação pelo telemóvel, as pessoas, são mais sinceros através de SMS do que através de ligação de voz (….) Ninguém sente vergonha na mensagem” [sobre a sinceridade].</p> <p>“Tenho um casaco do meu avô, ele morreu há 17 anos (….) guardo aquele casaco (….) Ainda está pendorado no meu guarda-fato (….) Não deito fora, porque toda vez que toco o casaco, sinto ele mais próximo de mim (….) não quero desligar dele [sobre como sente ao tocar um presente que recebeu do seu familiar]</p> <p>“Já fiz foto-colagem com todos nós e quando vejo esta foto, sinto saudade deles, também me alegra, sinto-os presente.” [sobre o significado de ver a foto editada]</p> <p>“Quando estamos a comunicar através de redes sociais, sinto-os mais perto de mim do que quando estamos a comunicar através de carta (….) porque através de redes sociais vejo eles (….) Não há nada melhor do que, estar na presença dos teus familiares, abraçá-los e dá-los um beijinho (….) Tudo isto, a videochamada não permite (….) Você viu que, a minha avó me mandou um beijo agora (….) porem é totalmente diferente de um beijo real que me toca na pele (….) Se fosse um beijo pessoalmente, ficava muito mais contente.” [sobre a proximidade e se é igual a proximidade física]</p> <p>“Quando estamos a falar através de videochamada, fico menos atento neles do que quando estamos a falar pessoalmente (….) Eu estava na videochamada com a minha avó agora (….) e estava a fazer outra coisa ao mesmo tempo (….) estava também a falar contigo (….) há distração (….) se fosse numa comunicação cara a cara (….) daria mais atenção a ela.”</p> <p>“Frente a frente, sinto mais os problemas dos outros, porque há possibilidades de tocar as pessoas (….) dar-lhes um conforto (….) na videochamada confortamos nossos familiares com palavras, mas (….) às vezes, não é isso que eles querem (….) Querem um abraço (….) E o abraço que damos fisicamente é diferente do abraço que mandamos no Instagram.” [sobre a empatia: se quando os familiares contam os problemas através de videochamada, se os sente como o seu ou se é quando os familiares lhe conta pessoalmente que mais sente como que aquele problema é também seu].</p> <p>“Videochamada em relação à carta e telefone fixo, permite maior proximidade, porque dá para visualizar as pessoas (….) Expresso melhor as minhas emoções através de videochamada e não através de cartas e telefone fixo. Na videochamada conseguem ler no meu corpo os meus sentimentos (….) Em termos de atenção, posso te dizer que gosto mais de carta, leio com mais atenção (….) Na videochamada, consigo perceber melhor se estão atentos ou não em mim, também por causa da visualização (….) No telefone fixo é mais difícil (….) não vemos a pessoa (….) e na carta é ainda mais difícil notar se a</p>
--	--

		pessoa estava atenta ou não (...) Como a videochamada permite visualização, percebo e sinto melhor os problemas deles e consigo colocar mais no lugar deles. Ao ver eles a rirem, rio imediatamente (...) É também na videochamada que percebo melhor, se estão ou não a ser sinceros comigo.” [sobre a diferença em interagir com familiares através de carta, telefone fixo e videochamada]
III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;	Consequências positivas	<p>“(…) passo a acompanhar o dia a dia deles (...) fico a saber se estão bem ou não, fico menos preocupado (...) mato a saudade deles, e do país (CV) (...) manter em contato, encurta a distância entre nós (...) sinto alegre ao ver meus familiares.”</p> <p>“Estando longe (...) a ligação que mantemos com a nossa família, cria em nós um sentimento de que ainda fazemos parte daquela família (...) Falar com eles, trazem lembranças do passado.”</p>
	Consequências negativas	“(…) no tempo do telefone é que tinha aqueles horários fixos para ligar para CV e claro que isso criava um sentido de obrigação.
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	<p>“Tenho familiares que vivem em CV, já participamos em festas de aniversários e casamentos e assim nestas festas as pessoas sentem inseridas.”</p> <p>“Assistimos jogos de Benfica à distância, juntos.”</p>
	Ensino/aprendizagem	“Quando estão doentes, sugiro o remedio adequado para a doença e tipo de instituição onde vão encontrar o remédio (...) isto acontece muito connosco (...) A minha avó teve câncer há 2 anos, então indico a ela o remedio sempre (...) graças a Deus, ela já está bem.”

Sinopse: Entrevista 8		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronicos de comunicação;	Interação através de cartas	“não comuniquei com eles através de redes sociais.”

	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronicos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“não cheguei de contatar os meus familiares pelo telefone fixo”
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	<p>Já falei com eles através das redes sociais e gosto (...) Nós somos todas brincalhonas e a interação acaba por ficar melhor.”</p> <p>“As redes sociais permite-me saber um pouco de muitos dos meus familiares que deixei.”</p> <p>“Ao ver os familiares e saber como estão através de redes sociais, fico mais satisfeita (...) Quando os familiares comunicarem através destas redes, o laço não morre.”</p> <p>“ajuda a matar a saudade (...) reúne os familiares distantes (...) a videochamada, é, se calhar, a melhor forma de os familiares distantes sentirem próximos um do outro (...) As redes sociais ajudam bastante (...) há familiares que não conseguem comunicar pessoalmente, mesmo estando os dois em CV, então as redes sociais ajudam nesse sentido.” [aspetos que considera melhor nas conversas de videochamada]</p>
	Presencial vs videochamada ou redes sociais	<p>“Tenho mais intimidade com uns familiares pessoalmente e mais com outros através de redes sociais (aqueles com idade mais avançado).”</p> <p>“Pessoalmente, as pessoas conseguem tocar um ao outro, através de videochamada não.”</p> <p>“Eu gosto mais de falar com eles pessoalmente (...) pessoalmente, consigo abraçá-los (...) ver os olhos de perto (...) Interação através de redes sociais é um pouco limitado (...) Através de redes sociais, a pessoa só interage se houver internet (...) mas pessoalmente não (...) Na internet há limitação de proximidade.”</p>

	<p>“Falo com meu pai, através de SMS pelo menos uma vez por semana. A dimensão da mensagem dependia do assunto (...) Raramente falamos através de videochamada (...) Ele não é uma pessoa de conversa. A nossa conversa de videochamada é na maioria das vezes longa, porque falo, depois meus irmãos falam, às vezes, falamos ao mesmo tempo com ele (...) É muita coisa para falar.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Quando interajo com eles através de redes sociais, sinto-os próximos, embora já sei que na realidade não estamos próximos (...) Nas conversas de grupo nas redes sociais, sinto todos os participantes pertos de mim (...) A proximidade que sinto através de redes sociais não é igual a proximidade física (...) Falar com meus familiares através de videochamadas só me aumenta saudade deles.” [sobre a proximidade, se sentem os seus familiares mais perto deles quando estão a interagir através de videochamada]</p> <p>“Através de redes sociais, expresso mais as minhas emoções, porque agora estou mais crescida (...) tenho mais maturidade (...) e consigo mostrar melhor as minhas emoções do que quando eu estava lá em Cabo Verde.” [se expressa suas emoções através de redes sociais como expressa pessoalmente]</p> <p>“Através de videochamada, é mais difícil perceber o estado emocional dos meus familiares (...) Normalmente, na videochamada, todo mundo, mostra que está contente (...) tentam não deixar outros familiares perceberem que eles estão tristes (...) e às vezes, acabamos por não perceber se estão tristes através de videochamada (...) podem disfarçar tão bem (...) Pessoalmente, mesmo que disfarçarem (...) uma hora ou outra, deixam escapar a verdadeira emoção ou sentimento.” [sobre a percepção dos estados emocionais]</p> <p>“Fico mais atento neles, quando estamos a conversar através de videochamadas, porque não há distração. Se estou a falar com uma pessoa, foco na pessoa (...) Pessoalmente, há barulhos de caros, de pessoas.”</p> <p>“Pessoalmente, consigo perceber melhor os problemas dos meus familiares, do meu pai especificamente (...) ele fica mais quieto e no seu canto (...) Ao perceber os problemas do meu pai, quer através de redes sociais, quer pessoalmente, sinto na minha pele.”</p> <p>“O meu pai, por exemplo, é uma pessoa muito fechado (...) Quase não abro nada de segredo com ele (...) Ele não abre connosco para não nos incomodar (...) Tenho uma prima que conto os meus segredos (...) Tenho a mesma facilidade em contar os meus segredos para ela tanto pessoalmente quanto através de redes sociais (...) Ela é uma irmã para mim (...) Eu penso em riscos tecnológicos (...) A minha prima fala para mim sempre, que se alguém ver a nossa SMS, que já éramos (...) e que vamos ficar fudidas.”</p> <p>“Sou mais sincera ao comunicar com eles pessoalmente, porque eles me veem e não há como os enganar (...) Através de redes sociais, sou menos sincera,</p>
--	---

		<p>porque, por exemplo, às vezes, perguntam para mim se estou doente e digo que não, mas que na verdade estou.”</p> <p>“Independentemente do meio, confio em tudo aquilo que me falam (...) Não confio se caso me provarem o contrário.”</p> <p>“Eu acho que eles confiam mais naquilo que falo pessoalmente, porque nas conversas de videochamada ficamos com um pé atrás (...) pessoas tentam ser o que não são.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) É através das redes sociais, que encontro refúgio no meu Pai.”</p> <p>“Quando falo com meu pai, tranquilizo-me, porque ele e a minha mãe separaram, viemos todos e ele ficou em CV sozinho (...) Acho que ele sente sozinho (...) quanto mais falamos, mais bem eu sinto (...) mais aliviada eu sinto (...) Faço ele sentir em casa.</p> <p>“Fico a saber como meus familiares estão, a minha zona (...) consigo acompanhar as novidades de CV e de família.”</p> <p>“A videochamada, me faz sentir lá mesmo estando aqui.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“Faço coisas que o meu pai gosta e evito agir contra a vontade dele.” [sobre a falta de autonomia]</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“Temos uma vela e toda vez que algum membro próximo de nossa família fizer anos, acendemos e cantamos parabéns (...) quem apaga a vela somos nós e não aniversariante (...) certas vezes.</p> <p>“Visitas virtuais, ou seja, quando um elemento da família ir visitar um outro elemento, liga para nós e fazemos a visita através de telemóvel.”</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>_____</p>

Sinopse: Entrevista 9		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
<p>I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios</p>	<p>Interação através de cartas</p>	<p>“Não comunicamos através de cartas nunca”</p>

assíncronos de comunicação;		
	Carta vs presencial	
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“Também não comuniquei com eles através do telefone fixo.”
	Presencial vs Telefone fixo	
	Interação através de Redes Sociais	<p>“sim. [já comunicou com familiares através de redes sociais] e gosto.”</p> <p>“É mais um benefício que temos (...) ficamos mais presentes na vida dos nossos familiares, independentemente da distância. Por exemplo, quando ligo para minha filha, consigo ver como é que ela está penteado (...) Se ela não estiver penteado, mando ela pentear (...) às vezes, fico triste, ao ver que ela não está penteado.”</p> <p>“(...) Sinto como se estivéssemos cara a cara a conversar (...) apenas não conseguimos apalpar um ao outro (...) mas, conseguimos ver a imagem (...) a minha filha, se ela está bem ou não (...) Às vezes, a expressão facial conta, mostra (...) nem sempre ela me conta [que está triste] e fico no meu canto a chorar [ao perceber a tristeza].”</p> <p>“O que mais me chama a atenção nas conversas de videochamada é a presença e a expressão facial.”</p>
	Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais	<p>“Há muita diferença (...) não há nada igual que chegar numa pessoa e abraçá-la, sentir o corpo dela, sentir a sua atração, seus raios e aquela conexão direta (...) Estas coisas não tem nada a ver com coisas que acontecem através das câmaras (...) A maior diferença está no toque (...)</p> <p>“Outra diferença, é que na presença, convivemos mais (...) na videochamada, descuidamos e fazemos outras coisas. Eu, por exemplo, ligo, deixo o telefone ligado e faço outras coisas e muitas vezes, não presto atenção naquilo que estão a me falar (...) cara a cara presto mais atenção (...) Não há como não prestar atenção cara a cara.”</p>

	<p>“Falo com meus filhos todos os dias, para saber se já comeram, se acordaram bem, se passaram o dia bem.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Criei uma moldura com todos nós (...) coloquei a minha mãe no centro (...) ela é pilar (...) a base da nossa família (...) Mulher solteira que criou todos os 5 filhos, à base de sacrifício.” [sobre significado da imagem/moldura]</p> <p>“Tenho esta joia, pulseira, foi a minha prima que me deu e trouxe para Portugal. É uma recordação. Sempre que olho para pulseira, digo: é a minha prima que me deu. E na pulseira está escrito o nome dos meus filhos (...) Sempre que toco a pulseira, lembro dos meus filhos e da prima.” [significado do presente que recebeu]</p> <p>“Sinto próximo dos meus filhos ao falar com eles através de videochamada (...) sinto um bocadinho, porque é a única forma que temos de comunicar imediatamente (...) Mesmo o som da voz cria a sensação de proximidade (...) A proximidade virtual não tem nada a ver com a proximidade física. É como eu te disse, virtualmente não há toques (...) Eu e você, por exemplo, estamos aqui pessoalmente, a atenção é maior (...) Embora as pessoas querem substituir a presença física pela virtual, mas não tem nada a ver (...) Proximidade virtual não é suficiente e não substitui a presença física.” [sobre a proximidade e se a virtual é igual a física]</p> <p>“(...) Expresso minhas alegrias e tristezas através de redes sociais ou videochamadas como expresso pessoalmente (...) Expresso, porque a família é uma fonte (...) é base e pilar (...) é nela que procuramos aconchego (...) É lá que mostro os meus descontentamentos (...) e é lá também que recebo forças e coragem (...) Contamos um ao outro as nossas tristezas e alegrias através de redes sociais como forma de aliviarmos, e de celebrar a felicidade do outro.”</p> <p>“Se conhecemos bem a pessoa, conseguimos detetar se está triste ou contente tanto pela videochamada, quanto pessoalmente de igual forma (...) Mesmo que não estamos juntos, através de ligação de áudio ou videochamada, consigo saber através da voz, por exemplo (...) Se for uma pessoa que não conhecemos bem e que consegue nos enganar, não conseguimos saber se está realmente triste ou não pela videochamada quanto pessoalmente (...) Neste caso, pessoalmente, dá para perceber melhor, porque vemos a reação da pessoa.” [sobre a percepção das emoções]</p> <p>“Consigo perceber melhor os problemas deles [pessoalmente] porque observo-os, vejo-os, acompanho a vida deles, presencio os problemas, rotinas e comportamentos (...) Longe, apenas escutamos aquilo que é dito (...) Sou tão empática pessoalmente quanto através de redes sociais (...) A partir do momento que a pessoa tira o seu tempo e vem me contar os problemas deles</p>
--	---

	<p>eu tenho de colocar no lugar dele (...) independentemente do meio (...) E tento recorrer até último recurso para ajudar as pessoas a solucionarem os seus problemas.” [sobre a empatia, se percebe os problemas dos familiares e se sente os problemas como se fossem seus pelas redes sociais e pessoalmente de igual forma]</p> <p>“A facilidade em desvendar os meus segredos também depende (...) Como estou longe, a única forma é desvendar através de redes sociais (...) Mas, se houver a possibilidade de contar pessoalmente, a preferência será pessoalmente (...) porque quando falo com a pessoa, a pessoa tenta entender os meus problemas (...) os meus segredos e quanto mais a pessoa mostra a compreensão, mais afundo, mais conto os detalhes e mais consigo saber se estão com atenção em mim, olhos nos olhos (...) através de redes sociais, podemos estar a falar, mas não sei o que eles estão a fazer (...) se estão a dar a importância naquilo que estou a contar (...) através de redes sociais, há riscos, (...) qualquer hora, podem fazer print e mandar para terceiros. Por exemplo, a minha tia foi concertar o seu telefone e o pessoal que concerta o telefone tirou todas as informações dela do telefone e ficou a chantagear ela (...) O nosso telefone é a nossa biblioteca agora (...) Não há segurança na internet.” [sobre as confidências]</p> <p>“Acho que pensam nos riscos (...) mas, como estou longe, acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos virtualmente (...) Também quando contam, não falam tudo (...) já sabem que existem riscos (...) Se contam uma parte de uma forma, a outra parte será contada de uma outra forma.”</p> <p>“Sou uma pessoa muito sincera (...) Independentemente se for pessoalmente ou através de redes sociais (...) Eu falo tudo, do a quem doer (...) Não sou cínica, não oculto informações (...) Não há restrições em qualquer meio (...) procuro fazer coisas certas, porque há espelhos. [sobre a sinceridade]</p> <p>“Presencialmente, consigo perceber melhor se estão ou não a ser sinceros comigo, porque através de videochamadas, as pessoas ocultam muitas coisas para nós (...) Pessoalmente, a atitude, a maneira de ser, a forma como a pessoa fala comigo. Tudo isso, me ajuda a detetar se a pessoa está ou não a ser sincero comigo (...) Presencialmente, há mais foco (...) Através da internet, não conseguimos acompanhar tudo. Posso não detetar bem a expressão facial, por exemplo, há uma coisa que as pessoas fazem ... <i>tipo não me interessa...com a face...</i> e pela videochamada é difícil detetar isto.”</p> <p>“Eu acredito mais naquilo que me falam pessoalmente, porque é como eu te disse, nas redes sociais, nas videochamadas, as pessoas ocultam coisas (...) Apenas a conversa, não é suficiente para sabermos algo (...) Por exemplo, o meu irmão pode me ligar e falar para mim que ele está em Assomada, quando na verdade está na cidade da Praia. E posso estar a precisar que ele me resolva algum assunto em Assomada e peço a ele para resolver e logo ele vai inventar outra coisa, que está ocupado e entre outras desculpas (...) Posso ter encontro</p>
--	---

		<p>marcado para x hora e em x local com a pessoa, e esta liga e fala que já está quase a chegar, quando na verdade nem sequer saiu de casa (...) Aqui estão a ocultar informações.” [sobre a confiança]</p> <p>“(…) Talvez, é porque a minha maneira de pensar é diferente. Porque nunca falhei a ponto de eles duvidarem de mim. Eles também não me enganaram (engano num sentido grosso ou forte) (...) mas, o que sei é que outras pessoas escondem muita coisa através de redes sociais.” [Se você confia mais naquilo que lhe é dito pessoalmente, porque acha que eles confiam naquilo que dizes através de videochamada como naquilo que dizes para eles pessoalmente?]</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“Sinto triste por um lado, ao falar com meus filhos, porque estou longe (...) mas, por outro, sinto alegre, por saber que tenho meio que me permite estar em contato com eles.”</p> <p>“(…) felicidade tanto para mim quanto para eles (...) Esperança que um dia voltaremos a nos ver pessoalmente e que as coisas poderão melhorar economicamente”</p> <p>“(…) traz sensação de paz e de presença (...) melhora minha autoestima, por exemplo, minha prima sempre fala para mim que estou linda e mais magra (...) depois que cheguei aqui, emagreci muito.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“a comunicação que mantenho com a minha família não trouxe nenhum aspeto negativo para mim.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>Eu e as minhas primas, de vez em quando, fazemos um jogo de bonecos, isto é, competimos em encher uma coisinha de bonecos (...) algumas enchem primeiro, outras não.”</p> <p>“Na festa do Ano Novo, liguei a câmara e assistimos o fogo de artifício, e cantamos feliz Ano Novo em conjunto.”</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>“Ultimamente, saiu umas bolinhas no pé da minha filha e indiquei o tipo de remédio mais adequado para as bolinhas. Mandei eles irem hospital.”</p>

Sinopse: Entrevista 10

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
-----------------------	----------------------	-----------

I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	“nunca comunicamos através de carta.”
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“Também nunca.”
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	“Gosto de falar com meus familiares através de redes sociais porque é a única solução. Não há outro jeito. Eu gosto, porque dá para ver eles. Através de videochamada, por exemplo, consigo saber como eles estão. (...) A única forma de saber como eles estão, é ligar para eles e falar com eles, por isso, gosto.”
Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais	“ A comunicação através de videochamada ou redes sociais não tem tanta importância quanto a comunicação presencial. É um pouco importante, porque é a única solução que temos (...) Ao comunicar pessoalmente, sinto lá inteiramente. É uma sensação que não sei explicar. É totalmente diferente.” “O tempo aqui em Portugal é diferente do tempo deles em Cabo Verde. O meu tempo durante o período de aulas é escasso (...) Saio de casa às 7 h da manhã e volto às 21 h da noite (...) Quase não comunico com eles no período das aulas (...) Comunicava com a minha avó e primas apenas nos finais de semana (...) As SMS que trocávamos nos finais de semana, eram longas, porque eram muitos assuntos acumulados (...) Falávamos também sempre pela videochamada nos finais de semana e a conversa era longa também (...) mas, muitas vezes, eles ficavam sem mega e não comunicávamos pela videochamada.” [sobre a frequência do contato]	“Falar com eles através de videochamada me faz sentir próximo deles, porém não é a mesma proximidade que sinto quando estamos juntos (...) Não é a mesma coisa (...) A emoção não é igual (...) Quando estou cara a cara com eles, a emoção é maior. Por exemplo, imaginemos que vou viajar para Cabo

	<p>Verde hoje, assim que eu chegar neles, a emoção será maior, porque já passamos muito tempo a falar apenas pela videochamada.”</p> <p>“(…) Expresso minhas emoções mais pessoalmente e não através de redes sociais.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor as alegrias, tristezas, estresses e entre outras emoções dos meus familiares (…) porque através de videochamada, se eles não querem me mostrar que estão tristes, podem desligar a câmara (…) Eles podem não me contar e posso ficar em dúvida e sem saber, porque não vejo o corpo todo (…) mas, pessoalmente mesmo que não quer mostrar, a tristeza fica visível (…) Mesmo que eles não falarem, consigo ver através de maneira de ser, de falar, de expressar (…) Se está desanimado e com problemas, pessoalmente, dá para ver mesmo à distância. Fica mais magro.”</p> <p>“Quando estão a falar comigo, fico mais atento pessoalmente e não através de videochamada (…) porque, por exemplo, suponhamos que eu e a minha avó estamos a falar cara a cara e outra pessoa ao lado me chamar (…) se eu virar a cara e falar com a pessoa ao lado a minha avó vai considerar isso como falta de respeito e vai me bater (…) mas através de videochamada ou telefone, posso estar a conversar um assunto sério com a minha avó e a minha mãe me chama de cozinha, eu respondo a minha mãe enquanto estou a falar com a minha avó (…) Consigo fazer isso ao mesmo tempo (…) e já sei que a minha avó não conseguirá me bater.”</p> <p>“Quando estamos a falar pessoalmente, consigo perceber melhor se estão ou não com atenção em mim, do que quando estamos a falar através de videochamada (…) Através de videochamada, eles podem estar a falar comigo e com outra pessoa ao mesmo tempo, sem eu dar conta (…) podem desligar o som (…) pode estar a movimentar a mão e não vejo.”</p> <p>“Pessoalmente, consigo perceber melhor os problemas dos outros e sinto mais como se fossem os meus, porque estou lá (…) perto, presente (…) pelo telefone, mesmo que me falarem, não sei se é verdade (…) não terei a noção do problema (…) Podem me contar, mas não é a mesma coisa que se eu ver e presenciar (…) imagina...se eu tocar eu sinto (…) pelo telefone, não sinto os problemas dos outros, nem um pouco.”</p> <p>“Tenho mais facilidade em contar os meus segredos pessoalmente (…) porque através do telefone podem hackear as informações (…) Não sei se há mais pessoas ao lado deles (…) se não há polícias ao redor (…) Pessoalmente, vejo o que está a nos circundar.”</p> <p>“Eu acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente pelo mesmo motivo, embora, há coisas que eles falam pela internet.”</p>
--	---

		<p>“Pessoalmente, sou mais sincera, porque conseguem me ver e logo detetam se estou a falar verdade ou não (...) Através de videochamadas, por exemplo, posso desligar a câmara e fazer isso e mais aquilo e fingir que estou a fazer uma outra coisa e eles não vão saber. Nas aulas online, aconteceu comigo. Desliguei a câmara.”</p> <p>“Através de videochamada, não consigo perceber se estão ou não a ser sinceros comigo (...) mas pessoalmente sim (...) Na videochamada, não os vejo por completo, nem deteto bem as emoções.”</p> <p>“Confio mais naquilo que me falam pessoalmente e não naquilo que me falam através de videochamada (...) Na videochamada, as pessoas tem mais facilidade em enganar os outros, porque estão longe.”</p> <p>“Eu acho que eles confiam mais naquilo que falo para eles pessoalmente, porque estou lá, estão a me ver e eles partem de princípio de que posso ter dificuldade ou vergonha de mentir (...) Eu tinha aulas online e o professor podia não saber se estava a assistir ou não, porque nem sempre ligávamos a câmara.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“Fico mais próximo deles (...) fico mais feliz (...) ficamos mais unidas.</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“Acho que a comunicação que mantenho com certas primas trouxe aspetos negativos para mim (...) porque ficam a pedir roupas (...) pensam que aqui a vida é fácil (...) e que estamos rodeados de dinheiro.”</p> <p>Eu, como vim de lá [CV], nos finais de semana tenho de ligar (...) isso cria um sentido de obrigação sim.”</p> <p>“Quando eu estava em Cabo Verde, não me perguntavam nada sobre namorado, com quem andava (...) depois que cheguei aqui, de vez em quando o meu pai e a minha avó me perguntam estas coisas (...) às vezes, conto que o fulano é meu amigo e não acreditam (...) Se eu sair com amigos, falam que é meu namorado.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“Temos um grupo de família onde fazemos a discussão (...) Só que eles não podem falar muito, porque mega esgota (...) Eles ligam e mostram para nós como é que a casa está e digam que é preciso dar um jeito na parte de cima.”</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>_____</p>

Sinopse: Entrevista 11

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
<p>I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de cartas</p>	<p>_____</p>
	<p>Carta vs presencial</p>	<p>_____</p>
<p>II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p>	<p>_____</p>
	<p>Presencial vs Telefone fixo</p>	<p>_____</p>
	<p>Interação através de Redes Sociais/videochamadas</p>	<p>“Eu gosto de interagir com eles através de videochamada, porque gosto de ver como estão (...) no áudio, podem me falar com um tom de voz e posso pensar que estão bem, mas que na verdade não estão (...) mas através de videochamada, encarro eles no rosto e percebo se estão bem ou não (...) Não é porque não deteto através da voz, se estão tristes ou não.”</p>
	<p>Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Há diferença ao comunicar pessoalmente e através de redes sociais. Quando estava lá, conseguia dar colo ao meu filho nos dias que ele encontrava-se doente (...) agora através de redes sociais, não consigo (...) Pessoalmente, sinto, apalpo a pessoa (...) a convivência é maior (...) E consigo viver aquilo que os meus familiares estão a viver.”</p> <p>“Tem dias que nem consigo ligar, porque tenho dois trabalhos. Um de manhã, outro à tarde, mas sempre que consigo, conversamos muito.” [sobre a frequência do contato</p>

	<p>“Lá [em CV] eu ria, pulava, abraçava os que encontravam-se ao meu redor (...) Aqui, ligo para eles conto e pronto (...) presencialmente expresso melhor [as emoções] (...) Seguro a mão da pessoa, canto, grito (...) expresso com corpo (...) não apenas com a voz (...) No caso de tristezas, é a mesma coisa (...) expresso-as melhor pessoalmente, porque choro e peço que me consolem (...) Sempre que estou carente, peço abraços (...) Gosto também do apoio moral.”</p> <p>“Percebo os estados emocionais dos meus familiares através de videochamada como percebo pessoalmente, porque eles me mostram a face (...) A face, juntamente com a maneira como falam, tom da voz, me ajuda a detetar se estão tristes ou não, preocupados ou não (...) sou uma pessoa detalhista.”</p> <p>“Há distância, prestamos mais atenção quando estamos a conversar com os nossos familiares (...) porque, como não estamos lá para sabermos como eles estão, temos de aproveitar a ligação para entender tudo (...) Cada detalhe (...) juntos, perto um do outro, dizemos assim: ele está bem (...) estou cá para ajudá-los.”</p> <p>“Pessoalmente percebo melhor se estão com atenção em mim (...) Perto, obrigamos a pessoa a prestar atenção em nós (...) digo assim: querida, olha para mim (...) menina concentra (...) foca em mim (...) Pessoalmente, quando a pessoa virar a cara para o lado, viro e percebo logo que está a ver outra coisa e que não está atento em mim (...) Na videochamada, quando ela virar a cara, tenho de perguntar porque é que virou a cara.”</p> <p>“Dependendo de alguém, coloco ou não, no lugar dela (...) No caso da minha irmã, que somos tão parecidas, coloco no lugar dela (...) sinto os problemas dela como se fossem meus tanto pessoalmente quanto através de videochamada ou redes sociais no geral, porque ela sempre lutou pela nossa família (...) Ela já chegou de falar para mim, que um dia estava sem nada para cozer, aquilo me doeu muito (...) A minha mãe estava doente, se ela não comer eu não preciso comer também (...) Eu aqui a jogar a comida no lixo (...) Somos unidas eu e a minha irmã, por isso, sinto o problema dela na minha pele.” [sobre a empatia]</p> <p>“Quando engravidei, eu estava lá em Cabo Verde e fiquei com medo de contar ao meu pai, porque pensei que eu ia apanhar, mas não (...) Não apanhei (...) Se eu estivesse aqui em Portugal eu contava pelo telefone com mais facilidade, mas presencialmente senti medo de contar.” [sobre a facilidade em contar os segredos aos familiares presencialmente e através de redes sociais ou tecnologias]</p> <p>“Eu acho que a minha irmã, por exemplo, tem a mesma facilidade em me contar os segredos dela tanto pelas redes sociais quanto pessoalmente (...) Como não temos segredos graves, contamos um ao outro pelo telefone (...) É mais fofoca (...) São segredos básicos (...) Se ela matasse uma pessoa é claro</p>
--	---

		<p>que não ia me contar pelo telefone. Porém, no meu caso eu ia contar de tanta <i>ansiedade</i>, sem pensar nos riscos.”</p> <p>“Sou tão sincera através de videochamada quanto pessoalmente (...) Mentira não é comigo (...) Eu falo mesmo que doa independentemente do meio (...) Alguém já me aconselhou para eu parar de dizer as coisas na cara porque dói (...) Eu digo, que vou falar sim. Que tenho de dizer a verdade. Não tenho medo de dizer. Por exemplo, quando vejo os meus colegas malvestidos, chamo e digo: olha estás mal vestido, dá um jeito nisso, por favor. Porque não coloca o laço de sutiã por baixo do vestido? Etc. etc (...) eu estava prestes a levar uma surra por causa disto (...) Só não levei, porque as minhas amigas impediram.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão a ser sinceros ou não comigo (...) Eu gosto que as pessoas falem comigo, mas também que façam gestos ao mesmo tempo (...) Gosto que falamos não apenas com a boca, mas também com corpo (...) Pessoalmente, vejo expressão facial, corporal, estas coisas (...) pelo telefone, posso fingir que estou contente e alguém pode acreditar (...) mas pessoalmente se alguém fingir, eu compreendo (...) percebo que está a fingir até porque estarei mais dentro do assunto.” [sobre a percepção da sinceridade]</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“Em CV não há trabalho (...) ao permanecer em contato, consigo ajudar os que necessitam.”</p> <p>“Fico a saber se estão bem, embora não estou lá para ver e ter mais certeza de que está tudo bem (...) Eu vejo, mas não sinto se estão bem.”</p> <p>“sinto-me aliviada ao ouvir meu filho, durmo tranquilamente (...) há momentos que a saudade me aperta e não consigo dormir por mais cansada que eu estiver (...) fico a saber se ele está a ser <i>bem ou maltratado</i>, porque ele fala tudo.”</p> <p>“Outro benefício é que tento saciar a ausência (...) tento ficar presente na vida do meu filho mesmo longe.”</p> <p>“Quando falo com meu filho, a saudade diminui.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“(…) A minha mãe estava numa situação que não conseguia falar comigo, ou seja, ficou inconsciente e acabou por falecer há alguns meses (...) Sempre que tentava falar com ela e ela não conseguia, eu ficava triste a chorar (...) Tem dias que eu mesma evitava falar com ela, porque ficava mal ao vê-la acamada e naquela situação.”</p> <p>“(…) é saber que mesmo mantendo em contato com familiares, não podemos abraçá-los (...) Eu, por exemplo, a minha mãe morreu e chorei aqui sozinha sem ninguém para me abraçar.”</p> <p>“Ter o contato em dia com a pessoa e ir e não a encontrar viva, é triste.”</p> <p>“Outra desvantagem, são aquelas notícias tristes, por exemplo, quando me falam que meu filho está doente, fico preocupada, não como e nem durmo (...) Se eu não conseguir falar com meu filho, fico a chorar.”</p>

		<p>“Se passei alguns dias sem ligar [alguns familiares] eles começam a criticar.”</p> <p>“Sempre que ele [filho]falar para mim que está com dor ou que está a sentir minha falta, tiro a conclusão de que ele está realmente a precisar da minha presença. Isso me deixa mal (...) ele, às vezes, diz que não quer falar comigo, porque eu prometi ir ver ele e não fui.”</p> <p>“Tenho alguns familiares que procuram saber da minha vida mais pessoal, com quem ando, namorado e etc (...) e não presto conta de todos estes aspetos para eles (...) Não conto tudo para eles. Por exemplo, me perguntam assim: apaixonados? Eu digo, estão bem (...) a partir do momento em que eu responder assim, vão ter paz e o assunto termina.”</p>
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	_____
	Ensino/aprendizagem	<p>“Brincamos à distância (...) eu cubro o rosto com a mão, depois tiro e digo para ele: aqui estou e ele fica a rir. (...) Como ele está na creche, brincamos de números (...) Pergunto a ele quantos dedos ele tem, para ele aprender a contar.”</p> <p>“Eu invento músicas educativas e fico a cantar para ele. Por exemplo, eu canto que o sapo não lava o pé e mostro o pé (...) coloco o telemóvel num sítio que dá para aparecer o meu corpo todo (...) canto para ele, que a criança tem de escovar os dentes todos os dias e mostro os dentes e etc.”</p>

Sinopse: Entrevista 12		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I- Captar as perceções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	_____
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as perceções dos referidos imigrantes no que respeita às	Interação através de telefone fixo	_____

interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;		
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais ou videochamada	“(…) É a forma mais inteligente de comunicar com familiares distantes (…) Permite uma conexão entre familiares (…) sinto como se eu estivesse lá, embora não estando (…) Não é igual, que se eu estiver lá pessoalmente (…) mas, sinto aquela sensação tipo que estou lá, porque os vejo, acompanho o que andam a fazer (…) Sinto próximo deles, apesar de estar longe.”
Interação presencial vs videochamada ou redes sociais	<p>“Existe diferença sim (…) Cara a cara, há mais afeto (…) Conseguimos abraçar, trocas de beijinhos (…) através de redes sociais, só mandamos beijos e não é a mesma coisa que dar (…) Fazemos tchau com a mão e não tocamos a nossa família.”</p> <p>“(…) quase não comunico com eles pela SMS (…) Comunicamos pela SMS, quando eles estão com pouca mega (…) Comunicamos através de videochamadas, sempre que estão com megas suficientes (…) e estas conversas, tendem a ser longas na maioria das vezes, já que não é todos os dias que conseguimos falar.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Eu, sempre peço comida de presente. Mandam torresmo (…) Sinto uma sensação boa ao comer o torresmo da minha mãe (…) me faz sentir que estou lá ao pé dela a comer (…) Me faz sentir em Cabo Verde.” [como sente ao tocar o presente]</p> <p>“a comunicação através de redes sociais provoca proximidade entre nós, embora essa proximidade não é igual a proximidade física, porque como disse, há distância, não conseguimos abraçar, apesar de sentirmos perto da pessoa.” [sobre a proximidade]</p> <p>“Eu passei a expressar as minhas emoções através de videochamadas, através de redes sociais (…) Antes, lá [em CV] eu não desabafava. Eu era uma pessoa fechada, no meu canto (…) Depois que viajei, tudo mudou (…) cresci (…) Passei a saber o quanto a minha mãe é importante nessas horas. Passei a sentir mais falta dela.” [sobre a expressão das emoções presencialmente e através de redes sociais]</p> <p>“Sim. Percebo se estão tristes, contentes, estressados, tanto através de videochamada quanto pessoalmente de igual forma (…) Sinto na maneira de falar (…) Quando estão tristes, o tom sai meio esquisito (…) sai triste.”</p> <p>“Depois que viajei, passei a prestar mais atenção neles quando estão a falar comigo (…) porque estou longe (…) a ausência deles me leva a prestar mais</p>	

		<p>atenção (...) A saudade também é mais uma razão.” [se prestava mais atenção pessoalmente ou através de redes sociais]</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão ou não com atenção em mim, porque me encaravam mais (...) escutavam melhor aquilo que eu dizia (...) Na videochamada, há falhas de internet, e posso não perceber se estão atentos (...) a imagem pode cair.”</p> <p>“Quando eu estava em cabo verde sentia mais os problemas deles (...) Pessoalmente sentia mais, como se fossem os meus problemas, porque eu convivia juntamente com eles. [empatia através de redes sociais e pessoalmente]</p> <p>“Como não estão cá para eu contar os segredos presencialmente, conto através de videochamadas (...) Eu acho que não há riscos pela videochamada (...) Messenger sim (...) As SMS podem ser hackeadas (...) Mas, a preferência é contar pessoalmente, porque expresso melhor (...) se for um problema grave, me apoiam mais, me dão mais força.” [sobre a facilidade em contar os segredos pessoalmente e através de redes sociais]</p> <p>“Eu acho que eles preferem me contar os segredos deles pessoalmente, por causa de segurança.”</p> <p>“Eu sou mais sincera através de videochamada. Eu falo tudo (...) Sinto mais coragem (...) Pessoalmente, sinto medo de falar certas coisas, sobretudo para minha mãe.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão a ser sinceros ou não, porque vejo-os completamente e profundamente (...) A maneira de falar, a expressão facial, agitação (ficam mais agitados). Esta última, só é percebida melhor presencialmente.” [se percebe através de videochamada se estão a ser sinceros com ela como percebe pessoalmente]</p> <p>“Confio tanto naquilo que me falam pessoalmente quanto naquilo que me falam através de redes sociais de igual forma (...) Acho que não funciono bem, porque confio em todo mundo (...) Confio demais.”</p> <p>“Eu acho que eles confiam naquilo que falo para eles pessoalmente, como confiam naquilo que falo através de videochamada, porque continuei a mesma pessoa.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“diminui a saudade (...) fico mais feliz, sabendo que estão mais perto de mim embora longe fisicamente.”</p> <p>“consigo acompanhar notícias deles (...) a conversa fica em dia.”</p> <p>“sinto-me aliviada (...) falamos dos nossos passados e sinto-me bem ao falar do passado.”</p>

TIC trazem para os imigrantes;	Consequências negativas	“(…) Em Cabo Verde, a minha mãe perguntava com quem andava (…) Agora não (…) eu não senti nenhuma pressão nem controlo (…) Tudo que faço é de minha livre vontade.”
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	“colocamos a música e dançamos juntas pela videochamada.” “Debatemos e fazemos comentários sobre a novela.” “(…) participei nos festivais da minha zona online através de videochamada. Fico dentro do ambiente, sinto em casa.”
	Ensino/aprendizagem	“(…) às vezes, peço a ela [mãe] para me ajudar a fazer certos tipos de comida online e ela me mostra como é que faz. Fazemos em conjunto.” naqueles primeiros dias de vida do meu filho, ela me ensinava algumas técnicas de como lavar o bebé, me mostrou alguns cuidados que devo tomar.”

Sinopse: Entrevista 13		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronicos de comunicação;	Interação através de cartas	_____
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronicos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	_____
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	_____

	<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Nem todas as semanas trocamos SMS (...) Estas mensagens, na maioria das vezes, são curtas (...) É só um oi... estás bem? Contato a minha mãe pela videochamada sempre e a conversa é longa na maioria das vezes. Quase todos os dias falamos (...) Mesmo em chamadas de áudio, a nossa conversa é longa.” [Sobre a frequência do contato]</p> <p>“Através de videochamadas, sentimos mais próximas uma da outra, porém não é como se eu estivesse lá pessoalmente (...) A distância é complicado (...) Se eu estivesse lá, estaria ao pé dela [mãe] e ela não teria a necessidade de me falar que está com saudades.”</p> <p>“Depois que emigrei, as coisas tornaram diferente (...) Passei a dar mais importância em tudo (...) Pessoalmente não ligamos nada (...) Por causa de saudade e da distância, passei a expressar mais através de redes sociais.”</p> <p>“No caso da minha mãe, consigo perceber tanto através de videochamada, ou ligação de áudio, quanto pessoalmente se está triste ou não, através da voz (...) A voz fica diferente e pergunto o que está a passar.”</p> <p>“Agora, à distância o foco é maior (...) Se estou a fazer algo, paro para prestar atenção (...) Às vezes, encontro a ligação perdida da minha mãe, no momento de trabalho (...) faço uma pausa e retomo a ligação para saber o que está a passar.” [sobre atenção através de redes sociais e pessoalmente]</p> <p>“Através de videochamada, percebo melhor se estão ou não com atenção em mim (...) porque a minha mãe, por exemplo, quando está a falar comigo, não tira o rosto da câmara (...) Quando estávamos por perto, ela falava comigo e fazia outras coisas ao mesmo tempo (...) Agora não (...) Agora, à distância, o foco é maior (...) Pessoalmente, por causa de algumas distrações também não percebia se ela estava atenta ou não em mim, porque falávamos e fazíamos outras coisas ao mesmo tempo.”</p> <p>“Através de videochamada, não consigo ver ela por inteiro para detetar bem se ela está ou não com problemas. Apenas vejo rosto desfigurado, ela tem problema no pescoço, consigo reparar no pescoço também, porque fica mais grosso (...) porém pessoalmente consigo perceber melhor se está ou não com problemas, porque, estou lá ao pé dela (...) Perto dela, sinto mais leve quando ela está com problema do que quando estou longe, porque estou lá para ajudá-la [mãe] (...) Eu sinto o problema dela na pele tanto à distância quanto perto dela.”</p> <p>“(...) Atualmente, não podemos confiar nos outros a ponto de desabafar segredos, porque vão contar outras pessoas (...) Portanto prefiro não abrir nem pessoalmente nem pelas redes sociais (...) não tenho coragem.” [sobre confidências: facilidade em contar os segredos]</p> <p>“Eu acho que eles tem a mesma facilidade em me contar os segredos deles, tanto pessoalmente quanto através de ligação normal (...) Eles podem pensar</p>
--	--	--

		<p>em riscos, mas acho que através de ligação de voz não é tão arriscado quanto através de SMS (...) se o telemóvel perder, as pessoas vão encontrar SMS (...) se eu fosse capaz de contar as minhas coisas, ligava e contava pela chamada e não pela SMS.”</p> <p>“Independentemente se for pessoalmente ou através de videochamada, sou sincera (...) Eu quando tenho algo para falar para eles, falo (...) tanto pessoalmente quanto através de redes sociais.”</p> <p>“Não existe muita diferença na perceção da sinceridade consoante os meios, (...) porque tanto pessoalmente quanto através de redes sociais, as pessoas fingem (...) Podemos ser enganados tanto pessoalmente quanto através de videochamada (...) não podemos ter tanta certeza de que o que a pessoa está a falar é verdade, nem pessoalmente nem através de outros meios.”</p> <p>“Eu confio naquilo que me falam através de redes sociais como naquilo que me falam pessoalmente (...) Muitas vezes, mentem pessoalmente e falam verdades pelas redes sociais.”</p> <p>“Se eles confiam ou não o problema é deles (...) porque eu não tenho duas conversas (...) Aquilo que falo hoje voltarei a falar amanhã (...) Agora se não confiaram, o problema é deles (...) Eu acho que eles tem de confiar naquilo que digo pessoalmente como naquilo que digo através de redes sociais”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) se eu não falar com a minha mãe um dia, não sinto bem (...) Se ela não tiver mega, eu mando alguém pô-la, porque se eu não falar com ela, fico preocupada (...) Assim que eu conseguir falar com ela, sinto-me aliviada.”</p> <p>“Passamos a saber do estado de saúde deles, como as coisas estão a correr.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“(…) Tenho alguns que me pedem [coisas], mas se eu não estou em condições de mandar, não mando (...) Fico irritada, nervosa, porque, me pedem coisas, sem antes me perguntarem se estou bem, se estou a trabalhar (...) sem perguntarem das minhas despesas ou se estou em condições de mandar (...) Muitas vezes, nem respondo as SMS (...) A única pessoa que vou fazer de tudo para mandar coisas é apenas a minha mãe.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>_____</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>_____</p>

Sinopse: Entrevista 14

Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
<p>I- Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de cartas</p>	<p>_____</p>
	<p>Carta vs presencial</p>	<p>_____</p>
<p>II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;</p>	<p>Interação através de telefone fixo</p>	<p>_____</p>
	<p>Presencial vs Telefone fixo</p>	<p>_____</p>
	<p>Interação através de Redes Sociais</p>	<p>“(…) As conversas de videochamada entre nós é muito útil para mim, porque contamos um ao outro um pouco de tudo, (…) ficamos a saber das coisas que passam do outro lado (…) Conto como está o trabalho, meu filho e etc.”</p> <p>“(…) Suponhamos, se não houvesse as redes sociais? Viber, WhatsApp ou Messenger e se não houvesse o telefone fixo? Tínhamos de esperar a carta chegar (…) e seria uma chatice (…) As redes sociais são úteis para quem sabe usar. Nem sempre está a ser útil. Está sendo usado para coisas inúteis.”</p>
<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“(…) Para mim, as conversas presenciais são mais importantes do que virtuais (…) porque, além de vê-los, consigo abraçá-los (…) embora, Gestos, e rosto consigo ver pela videochamada.”</p> <p>“Tenho uma foto com todos nós que alguém fez para mim (…) É uma foto bonita, sinto feliz ao vê-la (…) Além de me fazer sentir eles presentes, sinto como que ainda estão vivos (…) Nos últimos tempos, a minha irmã criou um grupo e me incluiu, incluiu nossos primos também (…) Falamos banalidades e coisas importantes.” [sobre a proximidade]</p>	

	<p>“conversar com a minha irmã através de videochamada me faz sentir ela mais perto de mim (...) Para mim, a videochamada foi a melhor invenção (...) quando cheguei, no início, gastava 10 euros para conseguir falar apenas 4 ou 5 minutos com familiares (...) mas, agora, para além de vê-los não gastamos quase nada entre aspas (...) Sinto ela mais próximo de mim através de videochamada, porém não é a mesma coisa que se eu estivesse lá perto dela fisicamente (...) porque pela videochamada, eu posso ver meus sobrinhos, minha irmã, mas não consigo palpá-los (...) A proximidade física e virtual nunca será a mesma coisa.” [ainda sobre a questão de proximidade]</p> <p>“não comunico com a minha irmã através de SMS todos os dias (...) pelo menos dois ou três vezes por semana (...) A internet lá já sabes como é que é (...) Na maioria das vezes, as mensagens que trocamos são longas (...) Só quando estou com preguiça é que mando mensagens curtas ou áudio. (...) conversamos com mais frequência através de videochamada. As conversas de videochamada são longas na maioria das vezes. Só se eu estiver ocupada é que as conversas de videochamada ficam curtas ou se a internet dela esgotar.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“Através de videochamada, expresso mais as minhas emoções (...) Pode tornar uma chatice ver uma pessoa todos os dias ou viver na mesma casa com ela, (...) mas, quando passamos a viver longe uma da outra, damos mais valor, (...) sentimos saudade, e ficamos com vontade de saber como ela está (...) Só quando passamos a viver longe é que damos conta de que não era chatice viver junto com aquela pessoa (...) longe, passamos a valorizar mais. É a partir do momento em que as coisas começam a nos fazer falta que começamos a dar mais valor e a expressar mais (...) Ficamos a dizer: se eu soubesse, partilhava as minhas alegrias, abraçava mais e etc. (...) Eu acho, que muitas vezes, sentíamos vergonha de dizer, “eu te amo” ou de expressar os nossos sentimentos (...) O nosso problema ou vergonha de expressar é uma coisa que herdamos. Não nos incutiram isso. Eu vou te dar um exemplo: as coisas que eu falava para o meu pai, nem nos sonhos, falava para a minha mãe, porque ela nunca me deu aquela liberdade de falar certas coisas (...) Ela batia em nós rápido. Fazia com que afastávamos dela (...) O meu pai é diferente (...) Sou a pessoa que deixou a mãe para ir viver com o pai (...) Não é porque não gostava de expressar coisas para minha mãe, a verdade é que ela não me deu esta oportunidade. [sobre a expressão das emoções: se expressa pessoalmente como através de videochamadas ou redes sociais]</p> <p>“Não. Pessoalmente, percebo melhor se estão tristes ou contentes (...) Pessoalmente, você vê a pessoa e deteta logo se está bem ou não, antes de ela falar (...) Através de videochamada ou de ligação de áudio, consigo detetar se a minha irmã mais nova está triste ou não pela voz (...) Pessoalmente, percebe melhor (...) por exemplo, é como eu disse, a minha irmã não precisa nem falar para eu detetar no rosto dela, que algo está a passar (...) Através do telefone, se conhecemos bem a pessoa, detetamos logo se está triste ou contente. A</p>
--	--

	<p>minha irmã, consegue detetar pela chamada de áudio, quando não estou bem. é porque ela me conhece bem.”</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor os problemas deles, por eu estar junto deles. Descubro melhor coisas da vida deles. A cara e a atitude mostra se a pessoa está ou não com problemas. Através de gestos também que vemos pessoalmente (...) Através de videochamada é se eles me deram perceber/pistas é que vou saber (...) Nunca o mundo virtual irá substituir o mundo real (...) O abraço é um grande exemplo, de coisas que o mundo virtual ainda não foi capaz de permitir (...) As pessoas podem rir juntos, choram juntos, mais abraçar é impossível (...) Também, é pessoalmente que consigo colocar mais no lugar do outro e que sinto mais os problemas deles, porque vejo e presencio o estado que estão a viver (...) Eu sinto mesmo (...) Através do telefone, também sinto os problemas dos outros na pele, mas é menos (...) Eu já chorei com a minha irmã pelo telefone.” [sobre a empatia]</p> <p>“Tenho mais facilidade em contar os meus segredos pessoalmente por causa de segurança. Eu, ligo eles, e deixo-os saberem que tenho algo para contar pessoalmente. Digo: Eu preciso te contar algo, mas vou esperar quando vires ou quando eu ir para Cabo Verde, conto.”</p> <p>“Acho que os meus familiares tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente (...) A minha irmã, não me conta nada de segredo através de redes sociais (...) Ela sempre fala para mim, que dia que eu ir para Cabo verde, ela vai me contar algo (...) Às vezes, fico ansiosa, insisto para ela me dar uma pista, ela não fala nada (...) Eu acho que ela prefere me contar pessoalmente, porque sente mais à vontade, ou por causa de receio de redes sociais.”</p> <p>“Eu sou tão sincera pessoalmente, quanto através de redes sociais (...) Não escondo nada (...) Se eu tiver algo para falar, não oculto nada. Falo. Independentemente se é presencial ou não.” [se é mais sincero pessoalmente ou através de redes sociais]</p> <p>“Pessoalmente, percebo melhor se estão ou não a ser sinceros comigo (...) Percebo também através de redes sociais (...) Por exemplo, aquele dia que o meu pai morreu, percebi logo pelo telefone que a minha irmã não estava a ser sincero comigo (...) porque, em vez de me falar que o meu pai morreu, ligou e colocou o rosto de um jeito (...) vi no rosto, embora ela queria esconder (...) Quando as pessoas estão a ocultar coisas, dá para sentir. A expressão da pessoa, mostra que ela tem coisas para falar mais que ela não fala.”</p> <p>“Confio mais naquilo que me dizem pessoalmente e não naquilo que me falam através de videochamada (...) porque, eu não acho que ninguém teria coragem de contar um segredo, por exemplo, pela videochamada (...) Se contarem para mim, não vou confiar ou acreditar que é verdade.”</p>
--	--

		<p>“Eu acho que eles confiam tanto naquilo que falo pela videochamada, quanto naquilo que falo pessoalmente, porque a conversa continuou a mesma.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“manter em contato com familiares é vantajoso, porque passamos a saber o que está a passar lá do outro lado com os nossos familiares e vice-versa (...) Imagina, se não existisse os meios de comunicação? Sentávamos e ficávamos a imaginar o que está a passar com os nossos familiares.”</p> <p>“Com o aparecimento da tecnologia, conseguimos perguntar e saber como eles estão, assim que lembramos deles (...) Hoje, podemos acompanhar vida, saúde, dia-a-dia deles (...) tudo praticamente.”</p> <p>“Depois de falar com a minha irmã, sinto-me bem.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“Uma das desvantagens, é que, por exemplo, os nossos familiares, publicam notícias de mortes dos membros da nossa família nas redes sociais, sem antes nos ligar para nos informar (...) Alguns familiares aqui, que sofrem de problemas de coração, ao depararem com aquelas más notícias, podem apanhar um ataque cardíaco e morrer.”</p> <p>“Outra desvantagem é a desamizade que pode surgir por causa dos pedidos. Por exemplo, tenho uma prima que a nossa amizade enfraqueceu, porque me pediu algo e não mandei (...) Ela deixou de falar comigo como falava antes e tive de fazer o mesmo.”</p> <p>“(…) O que me chateia também, é quando me ligam só quando estão a precisar de algo.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“eu e as minhas primas que ficaram em Cabo Verde, organizamos as festas em conjunto (...) Pedimos opiniões para decorações.”</p> <p>“Já cantamos parabéns no grupo de famílias (...) presenciei finalistas da sobrinha (...) acompanhei de início até ao fim, o casamento da minha irmã pela videochamada (...) Sinto-me bem ao participar nestes eventos, só que não é a mesma coisa que se eu estivesse lá a participar (...) E é ali, que entra a diferença entre mundo virtual e real (...) Preferia estar lá no mundo real a correr, a fazer, a vivenciar e não ver só, ou dar apenas a opinião (...) Estar lá comer, beber, dançar (...) presencialmente, sentiria mais satisfeita.”</p>
	<p>Ensino/aprendizagem</p>	<p>“(…) Pedimos opiniões para decorações [através de videochamadas] (...) Eu falo para ela, olha coloca essa coisa nesse sítio e não noutra e etc.”</p>

Sinopse: Entrevista 15		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronos de comunicação;	Interação através de cartas	“Não comuniquei através de cartas”
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	“também não...”
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	<p>“Sim. Gosto de falar com eles através de videochamadas, porque eu gosto de ver a pessoa enquanto está a falar comigo. Por exemplo, eu posso ligar para eles e eles podem me dizer que está tudo bem, mas olhando nos olhos através de videochamada é outra coisa, é diferente, porque vou ter a certeza se estão realmente bem, apesar da distância (...) Sinais corporais conta (...)Eu quase não gosto de falar com eles pela mensagem (...) consome tempo (...) Para enviar SMS para eles, tenho de parar de fazer as coisas para escrever SMS e enviar ao passo que pela videochamada ou chamada de voz, falo com eles enquanto estou a fazer outra coisa.”</p> <p>“(…) Temos um grupo de família(...) Estar naquele grupo de famílias e conversar com eles é gratificante, porque reunimos nós todos em um só momento, e isso me deixa feliz, porque em vez de eu estar a ligar uma família de cada vez, consigo falar com todos os membros ao mesmo tempo (...) Assim reduz os custos de chamadas deles e tempo (...) em vez de eles estarem a</p>

		<p>passar uma hora a falar comigo, depois mais uma hora a falar com a minha outra irmã que está na França, vão falar connosco ao mesmo tempo (...) É menos gasto de tempo, dinheiro e de internet (...) É vantajoso, porque passam a saber como nós duas estamos simultaneamente.</p>
	<p>Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Existe diferença sim (...) Não é fácil viver longe de famílias (...) Viver longe, causa um sentimento de tristeza (...) Tudo que eu queria, era estar perto fisicamente da minha família, para saber se estão realmente bem (...) Através do telemóvel, mesmo que eles falarem para mim que estão bem, fico sem a certeza de que estão a falar verdade.</p> <p>“Outra diferença (...) está na liberdade de expressão. Há alguns tipos de conversas que sinto receio em olhar para a cara da pessoa e falar, mas que consigo dizer pelo telefone (...) Sinto mais coragem pelo telefone (...) como gosto de observar sinais corporais da pessoa, sinto receio de falar certas coisas presencialmente, porque ao ver a reação da pessoa, fico mal. As más notícias por exemplo, ao dar presencialmente, fico mal.</p> <p>“(…) Não notei muita diferença na nossa interação. Eu sempre fui aberta. A minha vida é um livro aberto, sempre foi, digamos assim (...) Quase tudo aquilo que dizia pessoalmente, digo à distância.”</p> <p>“Outra diferença é que, uma coisa é ver os seus familiares pessoalmente, outra coisa é vê-los através de videochamada (...) Ao vê-los pessoalmente, sinto-os mais. Eu vou dar um exemplo prático: eu e o meu irmão, éramos muito apegado lá em casa (...) depois que viajei ficamos menos apegados (...) Sempre que cruzávamos no corredor, lutávamos, chutes para lá e para cá (...) Agora não. Não há mais aqueles chutes, nem brincadeiras enquanto estamos a conversar (...) Eu gosto de estar perto, para mexer, dar tapas para saber se a pessoa está viva e com ânimo.”</p> <p>“(…) Também passamos a interagir mais (...) Presencialmente, falávamos menos, porque cada um ia resolver os seus assuntos (...) Mas, agora enquanto estamos a fazer outras coisas, falamos ao mesmo tempo (...) Nós não tirávamos tempo para conversar, todos os dias como agora (...) Reuníamos mais nos domingos.”</p> <p>“Falo mais com as minhas duas irmãs (...) Falamos todos os dias (...) Temos um grupo de família e quem mais interage comigo naquele grupo são as minhas duas irmãs (...) Meu irmão falamos pouco (...) Como naquele grupo de família ele é o único rapaz, então ele quase não interage (...) Acho que ele não sente à-vontade. Nós fazemos a chamada de grupo toda hora. Mais de 4 vezes por dia (...) Eu contato elas [irmãs] todos os dias, para saber como eles todos estão, principalmente a minha avó que quase não falamos (...) Assim sinto mais próxima deles (...) Falo muito com a minha mãe também, mas comparando com as minhas irmãs, falamos menos, porque ela quase não para</p>

	<p>em casa (...) Vai sempre ao terreno onde cultivamos a agricultura e está sempre com os seus animais.” [sobre a frequência do contato]</p> <p>“comunicar com eles através de redes sociais me faz sentir eles mais perto de mim sim. Principalmente a videochamada (...) Quando estou a falar com eles através de videochamada, vejo a casa toda, vejo-os e sinto como se eu estivesse lá (...) Fico feliz (...) Sinto próximo deles e sinto em casa (...) Através de SMS, sinto mais distante (...) A proximidade virtual que a videochamada me permite não é igual a proximidade física, porque através de videochamada, é aquela sensação de proximidade que sinto durante as conversas (...) Depois da conversa, sinto que não estou lá realmente. Se eu estivesse lá fisicamente, conseguiria tocar nas minhas coisas, tocar neles, sentir eles.” [Sobre a proximidade]</p> <p>“eu trouxe um urso de CV, sempre que olho para urso lembro do momento que a pessoa me deu. Cada presente que trouxe, é uma forma de sentir as pessoas que me deram, mais perto de mim. Trouxe roupas que a minha irmã me deu. Para mim, esses presentes representam a nossa união, isto é, me faz ver que, apesar de distância, permanecemos unida...trazem lembranças também...eu tenho este lenço, foi a minha mãe que me deu. Sempre que vejo, lembro da minha mãe. Sinto bem ao usar coisas que a minha família me dá.” [Significado do presente]</p> <p>“Em termos de saudade, há momentos em que, quando falo com eles, a saudade diminui, mas na maioria das vezes, sempre que falo com eles a saudade só aumenta (...) Principalmente das minhas sobrinhas, porque além de muito apego que temos uma às outras, elas ficam a me perguntar quando é que vou para Cabo Verde.”</p> <p>“Em termos de atenção, não mudou nada (...) Eu fico tão atenta neles através de videochamada como ficava pessoalmente, porque se enquanto a pessoa está a falar contigo, ficas a prestar atenção noutra coisa, significa que não estás a levar aquela pessoa a sério.”</p> <p>“Se for pela chamada de voz, se responderem logo aquilo que eu perguntei, é porque estão atentos na conversa (...) Pessoalmente percebo melhor [se estão atentos ou não]. Consigo perceber, através dos sinais de que eu te disse. Tempo de resposta, tipo de resposta, foco ou direção do olhar, mas também percebo se eles querem ou não interagir.”</p> <p>“Sou uma pessoa que vivencia muito a dor dos outros. Que coloca no lugar dos outros. Presencialmente quanto à distância de igual forma (...) Fico a imaginar como a pessoa está a sentir (...) gosto de estar presente, para poder dar um certo tipo de apoio que à distância não consigo dar (...) Independentemente, se for alegria ou tristeza, gosto de estar perto da pessoa para vibrar ou chorar com ela.” [sobre a empatia]</p>
--	---

	<p>Agora, por causa da distância, estou a contá-los os meus segredos através redes sociais (...). É como que estamos obrigados a contar certas coisas pelo telefone, porque não há outra opção (...) se eu tivesse a chance de contar presencialmente, preferia presencialmente, porque há coisas que não devemos falar pelo telefone (...). O telefone não é algo confiável. Por exemplo, através do telefone, eu posso estar a falar com eles e eles estão com o telemóvel no modo altifalante e os meus segredos deixam de ser segredos (...). No caso de SMS, prefiro não contar também, porque toda hora, as crianças mexem no telefone e podem descobrir conversas ou coisas de adulto (...). Pessoalmente é melhor.” [sobre confidencias]</p> <p>“Eu acho que elas tem mais facilidade em me contar os segredos delas pessoalmente, porque é como eu penso em riscos, assim também, acho que elas pensam.” [idem]</p> <p>Tem muitas coisas que oculto pelas redes sociais. As minhas tristezas. Não conto pelo telefone, a real intensidade das minhas tristezas, porque sei que estão distantes e que não vão poder fazer nada por mim (...). Pelo contrário, só vão ficar preocupados (...). Se fosse pessoalmente, podia contar as minhas tristezas, da forma como eu sinto [toda a intensidade ou tal como elas são...tenta contar de forma leve pelo telefone].” [sobre a sinceridade]</p> <p>“através de videochamadas consigo perceber os estados emocionais deles. Se calhar, é porque falamos muito (...) consigo perceber através de voz (...) Se for alegria, o tom sai com mais ânimo (...) Se for o contrário, o tom da voz fica mais baixo. Até parece que não estão com vontade de conversar, a cara também mostra logo, porém, não percebo como pessoalmente. Pessoalmente, percebo melhor, porque mesmo que não me falarem nada, consigo perceber, na forma como agem, como levam o dia-a-dia (...) Pela videochamada é se eles falarem alguma coisa para percebermos e às vezes, através do rosto (...) Pela internet, elas disfarçam para não me deixarem preocupada (...) Pessoalmente é difícil conseguir disfarçar.”</p> <p>“Confio naquilo que me dizem através de redes sociais como naquilo que me dizem pessoalmente, porque eu valorizo aquilo que as pessoas me falam (...) Se eu perceber que estão a ser sinceros comigo, que não há falsidades, acredito do mesmo modo tanto através de redes sociais como pessoalmente (...) Temos de saber que, nem sempre aquilo que a pessoa demonstra através de redes sociais faz ou é pessoalmente. Isso aconteceu comigo, não no seio familiar, mas com conhecidos (...) Pelo telefone, as pessoas tem mais facilidade em enganar os outros.”</p> <p>“À distância, passei a valorizar mais a confiança que eles tem em mim, porque apesar de distância, ainda tiram o tempo deles para me falarem coisas da vida deles e me dão atenção mesmo à distância.” [ainda sobre a confiança]</p>
--	---

<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“(…) a principal vantagem é que não esqueço deles e eles não esquecem de mim. Imagina, nós estamos longe um do outro, se passamos muito tempo sem falar, podemos acabar por esquecer um do outro. Não significa que vamos esquecer o outro totalmente, mas a conexão perde, desligamos um do outro.”</p> <p>“Se eu não falar com elas [irmãs e mãe] um dia, não sinto bem (…) Quanto mais falamos, maior é a união entre nós, amor e amizade (…) Se deixamos até irmos às férias para falarmos, o laço enfraquece.”</p> <p>“Outra vantagem é que sinto eles mais perto de mim (…) sinto mais aliviada. A minha mãe como preocupa com tudo, alivia ao me ouvir.”</p> <p>“A confiança mantém (…) Eu, por exemplo, gosto de partilhar as minhas conquistas e não só. Então, ao partilhá-las, recebo apoio e eles comemoram comigo e sinto mais motivada para continuar a lutar.”</p>
	<p>Consequências negativas</p>	<p>“(…) ela [uma das irmãs] não gosta de passar muito tempo a conversar, porque diz que é cansativo. eu, nunca senti cansada de falar com eles. Gosto de saber como estão, todos os dias.”</p> <p>“As pessoas que não falamos com tanta frequência como é o caso da minha avó, sempre que termino de conversar com ela, sinto saudades.”</p> <p>“Me deixa irritada, ser sempre eu a contactá-los [alguns primos e primas] primeiro. Mas, também, já eliminei muitos, já cortei contactos com muitos por causa disto (…) Passei a perceber que alguns deles só lembram de mim quando ligo para eles.”</p> <p>“Outra coisa que não gosto, é quando [alguns familiares] me contactam só quando estão a precisar de algo. Quando eu precisar deles, mando SMS, eles veem e não me respondem. Ligo, não atendem. Essa situação me deixa triste e com raiva de mim mesma.”</p> <p>“Certos familiares, só lembram de mim nos seus momentos de tristeza. Quando estão com problemas, a primeira pessoa a ser contactada sou eu, mas quando estão alegres, esquecem de mim (…) Fico irritada com esta situação (…) A felicidade é comemorada com outras e chegam em mim só nos momentos de tristeza.”</p>
<p>IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber,</p>	<p>Eventos familiares</p>	<p>“além de reunião que fazemos online, já participei em festas de aniversários; no dia do aniversário da minha mãe, cada um de nós gravamos um discurso para ela e depois juntamos aqueles discursos e abrimos para ela ouvir;</p> <p>“vou para lojas de roupa, ligo para elas e elas me ajudam a escolher as roupas, peço a opinião (…) Com a comida é a mesma coisa, me sugerem para comprar alguns tipos de alimentos mais saudáveis através de videochamadas;</p>

WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Ensino/aprendizagem	“eu ajudo as minhas sobrinhas a fazerem TPC.”
-------------------------------------	---------------------	---

Sinopse: Entrevista 16		
Objetivos específicos	Dimensões de análise	Respostas
I-Captar as percepções dos imigrantes sobre a interação entre eles e seus familiares em Cabo Verde, através de meios assíncronicos de comunicação;	Interação através de cartas	_____
	Carta vs presencial	_____
II- Captar as percepções dos referidos imigrantes no que respeita às interações entre eles e seus familiares em Cabo Verde através de meios síncronicos de comunicação;	Interação através de telefone fixo	_____
	Presencial vs Telefone fixo	_____
	Interação através de Redes Sociais	<p>“Sim. [já comunicou com familiares através de redes sociais]. Gosto, porque conseguimos ver um ao outro, matamos um pouco a saudade (...) Se sentimos a saudade é basta ligar vídeo e ver os nossos familiares e a saudade diminui um pouco.”</p> <p>“(…) Por exemplo, se a comunicação fosse apenas por telefone fixo, comunicávamos menos, talvez uma vez por semana, mas agora, com as redes sociais, contactamos os nossos familiares todos os dias (...) Embora, o telefone fixo dava para matar um pouco a saudade dos nossos familiares, não conseguíamos vê-los. Agora, com as redes sociais, conseguimos (...) Conseguimos saber se estão bem, todos os dias.”</p>

	<p>Interação Presencial vs videochamada ou redes sociais</p>	<p>“Presencialmente, toco-os, abraço-os, sinto-os (...) sinto o cheiro, mas ao comunicar através de redes sociais não consigo fazer e nem sentir estas coisas. Também ao conversar com eles pessoalmente, sinto bem, sinto melhor.”</p> <p>“Falo mais com a minha filha e minhas irmãs (...) Falo quase todos os dias com a minha filha e com as minhas irmãs. Se eu não conseguir falar com a minha filha pela chamada, mando SMS. Nos períodos de aulas, falamos menos pela chamada [ela e a filha], porque os horários de aula dela e os meus horários de trabalho não coincidem (...) Não comunico com as minhas tias como comunico com as minhas irmãs, porque não temos laço forte. Falamos sim, mas com pouca frequência (...) eu e as minhas irmãs, como crescemos juntas, temos um laço mais forte.” [Sobre a frequência do contato]</p> <p>“Temos um grupo de lado materno, onde reunimos eu, meus primos, minhas irmãs, minha mãe e meus cunhados (...) Nos momentos da reunião, sinto bem, porque falamos do passado, matamos um pouco a saudade à distância (...) a reunião nos mantém unidas e não deixa a nossa amizade acabar (...) Se não falarmos, com o tempo, a amizade acaba.” [significado de participar nas reuniões familiares]</p> <p>“eu sinto ela perto sempre (...) mesmo não estando a falar com ela, porém não posso negar que ao falar com ela através de redes sociais não a sinto mais perto de mim [a filha] (...) A saudade diminui (...) Não é como se estivéssemos a falar cara a cara. Não sinto tão perto dela, como sinto quando estamos a falar cara a cara, porque longe não consigo apalpá-la, e nem sentir ela (...) lá, ficávamos sempre juntas.”</p> <p>“as minhas alegrias, continuei a expressar de igual forma, mas as minhas tristezas, passei a expressá-las menos através de redes sociais, porque é só levar preocupação para eles (...) Se eu estivesse lá, contava sem nenhum problema as minhas tristezas, porque estando perto deles, vão saber me acolher (...) vou receber um carinho diferente (...) Assim como eles não nos contam as tristezas deles para não ficarmos preocupados, também não contamos, para eles não ficarem preocupados (...) Há distância, não conseguem ajudar, então é melhor não contar.” [sobre a expressão das emoções]</p> <p>“através de videochamadas, dá para perceber quando estão tristes através de voz, embora tentam disfarçar (...) Às vezes, através de videochamada, eles disfarçam tão bem que acabo por não perceber se estão ou não tristes, mas (...) pessoalmente, mesmo que disfarçam, consigo saber os estados emocionais, porque acompanho eles o dia todo e dá para notar se estão bem ou não, desde que conheço bem a maneira de ser deles (...) Há distância, durante aquele curto período de comunicação, não dá para perceber se estão tristes, contentes e mais.” [sobre a percepção das emoções]</p> <p>“agora que estou longe deles, passei a prestar mais atenção quando estão a falar comigo para eu poder captar o que eles estão a me falar, captar se eles não</p>
--	--	--

		<p>estão tristes, ver se não estão a tentar esconder certas coisas só para não me deixar preocupada. É por isso que através de videochamada, passei a ficar mais atenta quando estão a falar comigo.” [se fica mais atenta pessoalmente ou através de redes sociais]</p> <p>“eu sinto a dor deles na minha pele independentemente dos meios ou da distância (...) Consigo sentir a dor deles como se fosse meu, tanto se eu estiver presencialmente com eles quanto à distância (...) do mesmo modo (...) não muda nada (...) Há distância, fica mais difícil apoiá-los (...) fico mais triste por não poder ajudar.”</p> <p>“É mais fácil para mim, contar os meus segredos para eles pessoalmente (...) se não houver a possibilidade de contar pessoalmente, conto através de ligação de voz ou de videochamada, mas não é tão seguro quanto presencialmente (...) Através de SMS é ainda pior. Não é aconselhável desvendar os segredos pela SMS, porque as pessoas podem usá-los como meio de chantagem.” [Se tem a mesma facilidade em contar os segredos pessoalmente e através de videochamadas ou redes sociais]</p> <p>“Eu acho que eles tem mais facilidade em me contar os segredos deles pessoalmente, porque sei que eles gostam de falar certas coisas, quando estamos perto um do outro.”</p> <p>“Tanto através de redes sociais, quanto pessoalmente, dá para perceber se eles estão ou não a serem sinceros comigo na maneira como falam (...) embora pessoalmente é mais fácil perceber se estão a ser ou não sinceros (...) Nós podemos ser enganados tanto pessoalmente quanto através de redes sociais, embora através de redes sociais, podemos ser enganados com mais facilidade, porque podem disfarçar tão bem a ponto de conseguir nos enganar. Por exemplo, através de redes sociais, podem dizer que estão em um determinado sítio, quando na verdade não estão.” [se percebe que estão a ser sinceros através de videochamada e pessoalmente do mesmo modo].</p> <p>“Eu confio mais naquilo que me dizem pessoalmente, porque como estou longe deles, eles podem não me contar tudo através de redes sociais (...) Podem ocultar alguma coisa pelo telefone. Mesmo pessoalmente, há momentos que não dá para confiar naquilo que falam, porque também ocultam coisas, para não nos deixar preocupados (...) é mais difícil confiar naquilo que me dizem através de redes sociais.” [sobre a confiança]</p> <p>“como através de redes sociais, eu posso estar triste e não contar, acho que eles confiam mais naquilo que digo de perto [cara a cara] e não naquilo que falo através de redes sociais, porque estando perto deles, eles vão poder ver se estou ou não a mentir através dos olhos, atitude.”</p>
<p>III- Analisar as consequências que a manutenção da interação</p>	<p>Consequências positivas</p>	<p>“um dos benefícios é que vemos e ouvimos um ao outro sempre e isso me deixa melhor, sinto bem.”</p>

com os familiares em Cabo Verde através das TIC trazem para os imigrantes;		<p>“A saudade diminui um pouco (...) É bom manter em contato, porque assim o laço não morre, a união continua apesar da distância. Se deixamos de falar com os nossos familiares, a amizade acaba</p> <p>“(...) sinto perto deles mesmo à distância.”</p>
	Consequências negativas	<p>“mantenho contato com certos familiares, que se eu não falar primeiro não falam comigo.”</p> <p>“Atualmente, todo mundo quer saber com quem estamos a andar, namorar e coisas mais pessoais. Eu não gosto que eles me façam estas perguntas. Se é de falar, falo. Não precisam me perguntar. Eu não preocupo com a vida deles, então não precisam preocupar com a minha.”</p>
IV- Identificar diferentes práticas ou atividades que os imigrantes e seus familiares realizam através da interação mediada (por viber, WhatsApp, Messenger, Skype e etc.);	Eventos familiares	<p>“Acompanho os momentos em que a minha filha está a brincar.”</p> <p>“Já participei em eventos: aniversário, reuniões (...) sinto bem ao participar na reunião mesmo à distância.”</p>
	Ensino/aprendizagem	